



**GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**



ROZANI BEATRIZ TOZZI

LETRAMENTO LITERÁRIO:

A crônica na sala de aula

SINOP – MT

2019

ROZANI BEATRIZ TOZZI

LETRAMENTO LITERÁRIO:

A crônica na sala de aula

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Lins Precioso.

SINOP – MT

2019

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

TOZZI, Rozani Beatriz .
T7571 Letramento Literário: a Crônica na Sala de Aula. / Rozani
Beatriz Tozzi - Sinop, 2019.
123 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Profissional) Proletras, Faculdade de Educação e
Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato
Grosso, 2019.
Orientador: Adriana Lins Precioso

1. Literatura. 2. Leitura. 3. Produção. 4. Crônica. I. Rozani
Beatriz Tozzi. II. Letramento Literário: a Crônica na Sala de Aula:
..

CDU 372.464

ROZANI BEATRIZ TOZZI
LETRAMENTO LITERÁRIO:
A crônica na sala de aula

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Presidente

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

TITULARES

Interno:

Profa. Dr. Antonio Aparecido Mantovani
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Externo:

Profa. Dr. Aroldo José Abreu Pinto
UNEMAT/Tangará da Serra/MT

SUPLENTES

Interno:

Profa. Dra. Rosana Rodrigues da Silva - UNEMAT/Sinop

Externo:

Profa. Dra. Divanize Carbonieri – UFMT/ Cuiabá

Data da defesa: 28/02/2019

Local da defesa: UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus*
Universitário de Sinop, Sala H5.

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos **Alexandre Piter** e **Luiz Gustavo**, a quem tive que deixar de lado muitas vezes para me inclinar sobre os livros, sobre as leituras, sobre as escritas, mas que sempre souberam entender as minhas ausências, as minhas rabugices...

Ao meu esposo **Gustavo**, a quem também, muitas vezes, troquei por livros e leituras, por ausências, mesmo presente, e que tão bem soube desempenhar o papel de pai e mãe dos nossos filhos...

A vocês, dedico as noites sem dormir, as preocupações em escrever, em cumprir prazos...

Agora acabou! O sonho se realizou!

Livre estou! Livre estou! Livre estou!

Mestre sou! Mestre sou!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada, caminhada que algumas vezes pensei em desistir diante das dores a que fui provada a passar;

A Nossa Senhora Aparecida, de quem sou devota e a quem sempre recorri nos momentos de angústias;

À minha orientadora professora Dr^a. Adriana Lins Precioso, pela paciência e incentivo, nos momentos de orientação, tornando possível a conclusão desta dissertação;

A todos os professores do curso, que foram tão importantes nestes dois anos de estudos e no desenvolvimento dos trabalhos pois, cada um, do seu jeito, acabou contribuindo muito para a realização deste sonho;

A meu pai Atílio (*in memorian*), minha mãe Alzira e aos meus irmãos Olávio, Neuza e Evandro: todos formados, como meu pai, orgulhosamente, dizia, pois a nós só tinha o estudo para nos deixar como herança;

Aos meus colegas a princípio e amigos com o passar dos dias, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas, e quantas dores! Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro, ajudava muito a "descansar a beleza", como costumava falar sempre;

À Maristela, minha colega de curso, de quarto, de confidências, de dores, de risos, de chimarrão, de almoços, de jantares, de dúvidas, de receios, de angústias, de alegrias, de tristezas, de troca de experiências, de aprendizados;

À gestora Joelma dos Santos e demais amigos e colegas de profissão da Escola Municipal Geny Silvério Delarincy, pela oportunidade da realização do meu projeto;

Aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Geny Silvério Delarincy por terem feito parte deste trabalho, contribuindo para a realização deste sonho;

Ao Dr. Eduardo Mahon, escritor que foi por mim escolhido para ser a fonte de motivação e leitura de suas crônicas junto aos alunos;

A **alguns** membros que fizeram e outros que ainda fazem parte da Secretaria Municipal de Educação do município de Alta Floresta, que ao tentar dissuadir-me dos meus propósitos de Mestrado (por mais estranho que possa parecer!), sem querer fizeram-me mais forte e persistente na busca e realização do sonho!

Para a amiga Rozani Beatriz Tozzi que estuda o meu trabalho, dedico essa crônica! - Eduardo Mahon

As coisas estão mesmo de pernas para o ar. Antigamente, ganhar era bom e perder, ruim. Desde que se inventou os milhares de regimes para se perder peso, a perda se transformou completamente. Perde-se tudo de bom grado. Perde-se a cabeça, perde-se o rebolado, perde-se a pose, perde-se o juízo, perde-se o rumo, perder-se não é necessariamente mau. Ao contrário, a perda pode ser altamente favorável. Além do peso, há quem comemore a perda de vícios, por exemplo. Perder é mais do que o desencontro ocasional de perder a hora. É mais do que uma inexorabilidade biológica de perder os cabelos. Hoje em dia, perder é um ato de vontade, de muita vontade, aliás. Para perder as rugas, cirurgia plástica; perder barriga? academia de ginástica; perder a fome? barbitúricos; perder o sono? café e coca cola. Ganhar, por outro lado, é mau. Muito mau. Quem não reclama ao ganhar idade, ganhar peso, ganhar rugas, ganhar uma miopia que cresce a cada vez que se visita o oftalmologista que, aliás, ganha horrores às custas dos cegos de toda a natureza? Há alguma coisa mais discriminada pela sociedade do que uma mulher que “ganha a vida”? Mesmo na Bíblia, com a expulsão do primeiro casal do Éden, Deus que é Deus condenou a humanidade de viver com o que ganhar. Há praga pior? Não senhor. Nem praga de madrinha pode ser pior do que ser obrigado a trabalhar. Pois então. O problema semântico aí está para fustigar os incautos. Quem não conhece o quanto se perde para se ganhar, jamais alcançaria o real significado da música Conceição, imortalizada na voz de Cauby Peixoto: “só eu sei que, tentando a subida, desceu”. É que a altura deixou de ser uma vantagem e as miudezas ganharam significâncias. Tudo está do avesso, não? Já foi o tempo em que se acreditava que quem abaixa demais, mostra o rabo. Quem se lembra desse ditado? Quase ninguém. Aposto que não se lembram tampouco que “estatura” era sinônimo de grandeza, elegância, personalidade. O tempo de cume de pirâmide já passou. Basta observar os sonhos de grandeza das pessoas comuns. Quem sobe demais, pode estar descendo aos recônditos dos infernos que, como se sabe, localizam-se muito abaixo dos nossos pés. Por outro lado, quem imita Orfeu na descida, pode sair lucrando uma Eurídice. Veja o caso de Teseu que faturou Ariadne, não é mesmo? Enquanto as alturas perderam o elã, a baixaza ganhou status. De repente, descobriram que, das alturas do Monte Olimpo, rolava o maior barraco. Esse é o destino de todos os céus da mitologia – só dá merda nas alturas. Jesus já vinha com essas novidades para os incréus: bem-aventurados os pobres de espírito, dizia ele. Porque serão recompensados. Eis aí o jogo semântico, a pegadinha do Malandro: mais é menos, mais é menos, mais é menos – minha mãe não se cansava de dizer. Mas como, mamãe? Mais é menos, o rico é pobre, o alto é baixo e quem perde, ganha. Como é que pode? Pois é assim. As palavras se riem de nós. Uma risada sem boca, sem dentes, sem som. Não sacou? Dê tempo ao tempo. Quem sabe um dia...

RESUMO

Esta pesquisa surgiu da necessidade de promover experiências significativas de ensino-aprendizagem da Literatura, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Como suporte para o desenvolvimento do letramento literário através das atividades realizadas em sala de aula, buscou-se promover a leitura de textos do gênero literário Crônica. As leituras, associadas ao uso das tecnologias disponíveis na escola, oportunizaram a reescrita, a produção e a publicação das crônicas em um *Blog Pedagógico*, criado para ser o suporte de todas as atividades realizadas e produzidas durante o desenvolvimento do projeto. A aplicação das atividades tiveram como embasamento teórico as teorias de pesquisa-ação de David Tripp (2005, p. 447) que destaca “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Daí a escolha de se trabalhar com a Sequência Básica elaborada por Rildo Cosson (2012), a qual é dividida em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. O gênero textual escolhido para a realização da proposta foi Crônica e o livro *Doutor Funéreo e outros contos de morte* (2014), de Eduardo Mahon. A escolha desta obra se deu porque ela que faz parte da literatura contemporânea produzida em Mato Grosso, e aborda, em todas as suas crônicas, o tema *morte* de uma forma leve, irônica e, os alunos, nessa faixa etária, demonstram gostar de textos considerados “macabros”. O resultado final e o envolvimento dos alunos nos possibilitaram reconhecer que a interação texto literário somado ao uso da tecnologia viabilizou um saldo com resultados positivos quanto ao gosto pela leitura literária.

Palavras-chave: Literatura; Letramento literário; *Doutor Funéreo e outros contos de morte*; Eduardo Mahon.

ABSTRACT

This research arose from the need to promote significant teaching-learning experiences of Literature, with students from the 9th grade of Elementary School. As support for the development of literary literacy through classroom activities, we sought to promote reading of texts from the literary genre Chronicle. The readings, associated to the use of the available technologies in the school, opportunized the rewriting, the production and the publication of the chronicles in a Pedagogical Blog, created to be the support of all the activities realized and produced during the development of the project. The application of the activities was based on David Tripp's theory of action research (2005, p.447), which highlights "action research is a form of action research that uses established research techniques to inform the action that is decided take to improve practice ". Hence the choice of working with the Basic Sequence elaborated by Rildo Cosson (2012), which is divided into four stages: motivation, introduction, reading and interpretation. The textual genre chosen for the realization of the proposal was Chronicle and the book Doctor Funéreo and other tales of death (2014), by Eduardo Mahon. The choice of this work was made because it is part of the contemporary literature produced in Mato Grosso, and covers in all its chronicles the theme of death in a light, ironic way, and the students, in this age group, demonstrate to like texts considered "macabre". The final result and the involvement of the students allowed us to recognize that the interaction of literary text added to the use of technology enabled a balance with positive results regarding the taste for literary reading.

Keywords: Literature; Literary literacy; Doctor Funéreo and other tales of death; Eduardo Mahon.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade dos alunos entrevistados.....	42
Gráfico 2 - Sexo dos alunos entrevistado.....	43
Gráfico 3 - Gosto pela leitura.....	43
Gráfico 4 - Leituras fora da escola.....	44
Gráfico 5 - Gênero literário preferido.....	44
Gráfico 6 - Conhecimentos sobre Crônica.....	45
Gráfico 7 - Leitura de crônicas.....	45
Gráfico 8 - Acesso a tecnologias.....	46
Gráfico 9 - Uso do celular.....	47
Gráfico 10 - Importância da tecnologia.....	47
Gráfico 11 - Conhecimento sobre Literatura.....	48
Gráfico 12 - Frequência à Biblioteca.....	49
Gráfico 13 - Conhecimento sobre Literatura mato-grossense.....	50
Gráfico 14 - Conhecimento sobre Literatura mato-grossense.....	50
Gráfico 15 - Livros lidos anualmente.....	51
Gráfico 16 - Grau de escolaridade da família.....	51
Gráfico 17 - Pais leitores.....	52
Gráfico 18 - Importância da leitura na escola.....	53
Gráfico 19 - Importância da leitura na escola.....	53
Gráfico 20 - Livro preferido do aluno entrevistado.....	54

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Prédio da UNEMAT/Sinop.....	66
Imagem 2- Print do You Tube da crônica O Nariz.....	67
Imagem 3- Print do You Tube da crônica Vó caiu na piscina.....	70
Imagem 4- Aula sobre crônicas.....	73
Imagem 5- Questionamentos sobre crônicas.....	74
Imagem 6- Leitura livre de crônicas.....	75
Imagem 7- Livros do escritor Eduardo Mahon	76
Imagem 8 - Página do Facebook do escritor Eduardo Mahon.....	77
Imagem 9- Exemplar do livro.....	77
Imagem 10- Leitura de crônicas.....	79
Imagem 11- Reescrita das crônicas.....	80
Imagem 12- Blog da Pesquisadora.....	87
Imagem 13- Blog da Turma.....	88
Imagem 14- Digitação das crônicas.....	89
Imagem 15- Texto do aluno 3.....	91
Imagem 16- Texto do aluno 4.....	92
Imagem 17- Texto do aluno 5.....	94
Imagem 18- Continuação do texto do Aluno 5.....	95
Imagem 19- Continuação do texto do Aluno 5.....	96
Imagem 20- Texto do Aluno 6.....	112
Imagem 21- Texto do Aluno 7.....	113
Imagem 22- Texto do Aluno 8.....	113
Imagem 23- Texto do Aluno 9.....	114
Imagem 24- Texto do Aluno 10.....	115
Imagem 25- Texto do Aluno 11.....	116
Imagem 26- Continuação Texto do Aluno 11.....	117
Imagem 27- Continuação Texto do Aluno 11.....	118
Imagem 28 - Texto do Aluno 12.....	118
Imagem 29 - Ilustração Aluno 2.....	119
Imagem 30 - Ilustração Aluno 4.....	120
Imagem 31 - Ilustração Aluno 8.....	121
Imagem 32 - Ilustração Aluno 14.....	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. LETRAMENTO.....	18
1.1 LETRAMENTOS LITERÁRIOS.....	23
2. FORMAÇÃO DO LEITOR.....	27
2.1 POR QUE LER CRÔNICA?.....	29
3. BLOG.....	37
3.1 BLOG COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....	38
4. METODOLOGIA.....	40
4.1 SEQUÊNCIA BÁSICA.....	40
4.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	41
4.3 CRONOGRAMA DA SEQUÊNCIA BÁSICA.....	55
4.3.1 MOTIVAÇÃO - APLICAÇÃO.....	65
1º MÓDULO - SOCIALIZAÇÃO DA PROPOSTA.....	66
2º MÓDULO - LENDO CRÔNICAS.....	66
3º MÓDULO - EXPLORANDO OUTRAS CRÔNICAS.....	74
4.3.2 INTRODUÇÃO - APLICAÇÃO.....	75
1º MÓDULO - APRESENTAÇÃO AUTOR/OBRA.....	76
4.3.3 LEITURA - APLICAÇÃO.....	78
1º MÓDULO - DISTRIBUIÇÃO DOS LIVROS.....	78
2º MÓDULO - LEITURA DAS CRÔNICAS SELECIONADAS.....	78
4.3.4 INTERPRETAÇÃO - APLICAÇÃO.....	79
1º MÓDULO - SOCIALIZAÇÃO DAS CRÔNICAS LIDAS.....	79
2º MÓDULO - EXTERNALIZAÇÃO DAS LEITURAS.....	79
3º MÓDULO - CRIAÇÃO DO BLOG.....	87
4º MÓDULO - ESCRREVENDO CRÔNICAS.....	88
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS.....	103
APÊNDICES.....	104
ANEXOS.....	112

INTRODUÇÃO

A necessidade urgente de proporcionar ferramentas e condições para a construção de um aluno capaz de apropriar-se das inferências e das leituras possíveis nos letramentos expostos no cotidiano oportunizou a aplicação deste projeto que tem sua intenção voltada para a promoção de experiências significativas de ensino-aprendizagem da Literatura, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Com o avanço e fácil acesso das novas tecnologias é possível perceber que a Literatura não ocupa um espaço adequado nem na vida nem na sala de aula da maioria dos alunos do Ensino Fundamental II. Muitos professores alegam que o fato de a Literatura não fazer parte da grade curricular é motivo para deixá-la de lado; esquecem que ela é parte integrante da disciplina de Língua Portuguesa. Isso acaba por refletir na não oportunização dos alunos a um contato prazeroso e contínuo do mundo mágico que pode ser obtido através das leituras de textos literários.

Sabemos que cativar os alunos para o mundo fantástico proporcionado pelas leituras literárias não tem sido fácil. Cabe aqui a presença do professor, pois é ele quem tem em mãos as ferramentas necessárias para modificar positivamente a visão de seus educandos quanto ao valor e importância de se estudar/aprender Literatura na escola. No Ensino Fundamental II a Literatura, na maioria das vezes, é deixada de lado ou seus textos são apenas usados como pretextos; ela só é retomada no Ensino Médio, como parte obrigatória da carga horária ou porque alguns vestibulares e Enem cobram.

Zilberman afirma que:

[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (2003, p. 16)

Diante dessa realidade, a escola deve, em conjunto com os professores, ser a ponte que ligará os alunos aos textos literários. Neste contexto o professor tem a possibilidade de agir como mediador entre os textos e os alunos, concretizando o chamado letramento literário, que faz da leitura o seu ponto de partida.

Se há na escola um ambiente propício de leitura ele poderá perceber a significância dos textos literários para sua formação enquanto cidadão crítico. Noronha (s.d., p.19) afirma que a criação de um ambiente de trabalho que possibilite a intervenção dos alunos na aula e no próprio texto literário é responsabilidade do professor.

Como suporte para o desenvolvimento do letramento literário através das atividades realizadas em sala de aula, optou-se por promover a leitura de textos do gênero literário Crônica provocando, no aluno, possibilidades favoráveis à percepção de novas leituras e a apropriação dessas informações implícitas ou explícitas.

Entendendo este gênero como uma forma textual baseada em fatos do cotidiano e, também, uma leitura mais leve e agradável, onde o aluno será capaz de interagir e até identificar-se com as situações descritas nas crônicas lidas, buscou-se na literatura mato-grossense uma referência em crônicas para desenvolver o projeto junto aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Eduardo Mahon foi o autor escolhido com o livro *Doutor Funéreo e outros contos de morte* (2014), até porque se faz necessário o despertar pela literatura de Mato Grosso, uma vez que ela não é trabalhada em sala de aula e, porque as bibliotecas escolares possuem pouco ou quase nada de produção literária mato-grossense.

As diversas leituras disponibilizadas, associadas ao uso das tecnologias disponíveis na escola, oportunizaram, aos alunos, a reescrita, a produção e ilustrações de crônicas e também a publicação em um *Blog Pedagógico* - suporte de todas as atividades realizadas e produzidas durante o desenvolvimento do projeto. A aplicação das atividades teve como embasamento teórico as teorias de pesquisa-ação de David Tripp (2005, p. 447) que declara: “[a] pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Daí a escolha de se trabalhar com a Sequência Básica elaborada por Rildo Cosson (2012), a qual é dividida em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Para o alcance dos objetivos propostos, o presente trabalho foi organizado em três capítulos e a meta é provocar no aluno, o gosto pela Literatura através do gênero textual Crônica, contribuindo para a melhoria de sua prática de leitura e escrita, através de atividades pedagógicas que permitam a utilização das tecnologias disponíveis na escola. Socializar, também, os resultados da pesquisa

obtidos através das leituras, escritas, reescritas e ilustrações de crônicas e de sua divulgação no Blog.

No primeiro capítulo – **Letramento e Letramento Literário** – apresento as definições de Letramento segundo Kleiman (2005-2010): Letramento Literário é como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas escolares. Destaque, também, para Rojo (2012), que explica multiletramentos em dois tipos específicos de multiplicidade presentes nas sociedades. Rojo também ressalta a importância de se pensar no uso das novas tecnologias da informação para implementar as práticas pedagógicas convencionais no trabalho de ensinar e aprender e transformar a sala de aula em um espaço de letramento para a comunicação com o uso das TICs, Internet e celular. Trago Lajolo para afirmar sobre a importância do Letramento Literário na escola uma vez que é a partir do letramento literário que a literatura se apresenta no currículo escolar. Cosson em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2012) vem reforçar a importância de o letramento literário ser trabalhado de forma pedagógica e entre essas práticas apontam quatro etapas fundamentais - motivação, introdução, leitura e interpretação, que nos permitem entender a importância do contato direto do leitor com a obra, já que será este contato que irá permitir a interação entre obras, autores e leitores, criando, com isso, um espaço onde será possível compartilhar e ampliar os repertórios de leituras bem como dando à escola a oportunidade de formar leitores literários.

No segundo capítulo optei por nomeá-lo **Formação do Leitor**, já que falar sobre a importância da literatura na vida das crianças e das dificuldades de se trabalhar a literatura com os alunos do Ensino Fundamental II, nos desafia a buscar novas estratégias de leitura. Para isto, apropriei-me das informações descritas nos PCNs de Língua Portuguesa (1998, p. 44), cujo destaque é “Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura [...]”. E, já que vivemos em uma sociedade cujo ponto de vista requer o domínio da leitura, pois esta é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada, entendemos que formar leitores não é apenas ensinar nosso aluno a ler. Devemos, e esta função recai, principalmente ao professor de Língua Portuguesa, transformar nossos alunos em leitores capazes de interpretar as possíveis leituras que todo e qualquer texto traz. Isto fica muito claro em Garcia (1992) quando o autor reforça que “é através da leitura que o educando ampliará sua visão de mundo...” O

destaque para o gênero literário escolhido ser Crônica também é dissertado pois, além de apresentar uma linguagem leve e simples, retratando o cotidiano, aproxima-se da realidade do leitor, provocando reflexões sobre o seu dia a dia. Isso possibilitará aos alunos, leituras mais rápidas e leves, levando-os, aos poucos, para dentro do mundo imaginário que somente a Literatura será capaz de proporcionar.

No terceiro capítulo - **Blog e Blog como Ferramenta Pedagógica** - discorri sobre o que é um *blog* e como ele surgiu e também que ao se trabalhar com *Blog* os alunos serão os protagonistas, pois serão eles os sujeitos ativos de seu próprio processo de multiletramento: da leitura para a escrita, da escrita para a reescrita e finalmente para a publicação. Eles serão os autores e também os que alimentarão o *Blog* no período em que estiverem cursando o 9º ano do Ensino Fundamental II. O *Blog* será o suporte tecnológico que manterá todas as atividades produzidas no desenvolvimento do projeto e também fará parte, nos anos seguintes, da disciplina de Língua Portuguesa da série em questão. Assim, o trabalho desenvolvido como fechamento do projeto será uma ferramenta pedagógica que poderá e deverá ser utilizada nos anos seguintes com os demais alunos. Para tal, os alunos irão criar o *Blog* da turma, postar suas produções e também, comentar sobre as produções de seus colegas, bem como abrir espaço aos demais colegas da escola.

Vale destacar que, em relação a este projeto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de consenso que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa, e o mesmo foi aprovado sob o parecer número 3.085.460, no dia 14 de Dezembro de 2018.

1. LETRAMENTO

Para o professor de Língua Portuguesa que trabalha com alunos na faixa etária de 13 a 15 anos, apresentar a leitura exigida nos livros didáticos, disputando com as mídias a que eles têm acesso, é um grande desafio. O objetivo, então, é se apropriar dessas mídias digitais para aproveitar o que dela há de melhor para o ensino. É com este pensamento que foi escolhido a crônica para ser o gênero literário suporte para a criação de um *Blog Pedagógico*, onde os alunos serão os autores de seus textos e também críticos dos textos dos colegas, já que a ferramenta *Blog* possibilita que se comentem as publicações nela inseridas.

Como corrobora Alberto Tornaghi (2005, p.36) “as mudanças não decorrem do fato de termos tecnologia na escola, decorrem do que fazemos com ela, do que decidimos fazer com ela”. Isso nos aponta que uma escola sem laboratório de informática educacional e sem internet é vista pela grande maioria dos cidadãos como uma escola antiga, tradicional e segundo afirma Marco Silva (2003, p.63), se “a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história”.

É o choque de realidades diferentes, já que as práticas educacionais tradicionais, fundamentadas em uma pedagogia onde o professor é o detentor único do conhecimento, não oferecem mais todas as habilidades necessárias para qualificar os alunos a fim de permitir a eles a sobrevivência no atual mercado de trabalho bem como na socialização de suas vivências no seu dia a dia, que requer cada vez mais cidadãos altamente informados e qualificados.

Entretanto, segundo Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (2005, p. 38):

inserir-se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso à tecnologia de informação e comunicação, mas principalmente saber utilizar esta tecnologia para a busca e seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto.

Isso também exige que o professor passe por um processo de formação para o uso de todas essas novidades digitais que, até bem pouco tempo foi e para alguns ainda é, motivo de apreensão, do medo de ser substituído pela máquina. Pouco se

vê, ainda, a divulgação de espaços onde os profissionais docentes podem estar se atualizando/familiarizando com todo esse aparato tecnológico, já que o uso destas novidades digitais passou a exigir uma nova postura do professor frente ao seu aluno.

Ao professor cabe a difícil missão de integrar as novas mídias ao seu fazer pedagógico e através dessa integração apresentar alternativas eficazes para resolver problemas de aprendizagens de seus alunos. Difícil porque apesar de os jovens estarem sempre conectados, imersos em seus mundos cibernéticos ainda não conseguem apropriar-se dessas mesmas mídias para o desenvolvimento de sua aprendizagem, tanto fora quanto dentro das salas de aulas.

Entender que o uso da tecnologia como uma ferramenta pedagógica que possa facilitar o ensino e a aprendizagem requer mais do que simplesmente o professor utilizar o computador e a internet como fonte de pesquisa. É preciso, além de saber manusear a ferramenta em si, saber o que se quer alcançar/atingir através de seu uso. Essa apropriação dos recursos tecnológicos muitas vezes acaba por se tornar a maior dificuldade do professor.

Estamos diante de uma nova realidade onde o ensinar e o aprender são ações que não podem mais ser vistas de forma linear, ordenada e estática, mas sim compreendidas/construídas. Mais uma vez isto tem provocado discussões a respeito da comunhão tecnologia e educação, porém, enfocando que já não se trata mais de valorizar a importância do uso do computador ou de outras tecnologias da informação e da comunicação na escola, mas de evidenciar que, elas estando cada dia mais presentes na sociedade, geram novas formas de as pessoas pensarem e se relacionarem.

Maria Elze dos Santos Plácido (2008), afirma que:

(...) diante desse contexto, é importante acrescentar que com a inserção das novas tecnologias nas escolas o educador, além de perceber que a perspectiva de Educação está mudando, nota que a metodologia de ensino também precisa mudar, principalmente no que se refere à leitura. Visto que, com o uso de novas ferramentas é possível trabalhar no incentivo à leitura na sala de aula, e que esta, proporcione o retorno pedagógico do qual tanto o professor quanto o aluno poderão usufruir.

Isso reforça a necessidade cada vez mais premente de que as novas tecnologias como ferramentas pedagógicas se tornem uma disciplina que deverá ser

estudada/aprendida pelos profissionais da educação nas universidades, possibilitando a eles a compreensão do real significado das Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto escolar. Conforme discorre Elisete Oliveira Santos Baruel no Portal de Educação da Microsoft:

É necessário habilitar os profissionais de ensino para interagir com as novas tecnologias no ambiente de trabalho, estimular e facilitar a difusão da informática educacional, fornecer subsídios para a elaboração de Projetos Pedagógicos, de acordo com a disciplina e o nível escolar dos alunos, propiciar condições de aprimoramento quanto ao uso da informática no processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos, inclusive aqueles que apresentam deficiências, avaliar as possibilidades da utilização de softwares nos projetos e atividades pedagógicas¹.

Entendendo que o simples fato de a escola estar provida de equipamentos, não é fator primordial para se desenvolver habilidades de aprendizagens diferenciadas e motivadoras, mas sim que será necessário buscar a transformação e mudanças de atitudes dos professores.

A diversidade de práticas de leitura e produção de textos em contextos diversificados são denominadas de letramento e, é dentro deste parâmetro que aparece a literatura que deverá receber da escola um tratamento diferenciado, que seja capaz de cativar, no aluno, o gosto pela leitura de textos literários. Isso nos possibilita afirmar que letramento é bem mais que apenas ler e escrever. É a forma como lemos e escrevemos, como nos apropriamos das diversas leituras de mundo que nos permeiam no dia a dia, nos permitindo relacionarmos com outras pessoas, sempre de forma bem específica, particular.

Kleiman (2005-2010) define letramento como sendo uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas escolares. Rojo (2012) destaca multiletramentos em dois tipos específicos de multiplicidade presentes nas sociedades: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. Esta defesa por uma pedagogia de multiletramentos aconteceu, segundo Rojo (2012), em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (GNL) - um grupo de pesquisadores dos letramentos que se reuniu em

¹ <https://cloudblogs.microsoft.com/industry-blog>, acesso em 28 de novembro de 2018.

Nova Londres e, após uma semana de discussões, publicou um manifesto cujo título era *A Pedagogy of Multiteracies – Designing Social Futures*.

Santos, Riche e Teixeira (2013, p. 40) também citam e definem o trabalho com o letramento:

Em se tratando de escrita, não basta a alfabetização para que os alunos se tornem leitores, pois decodificar textos não significa lê-los: é necessário que haja, de fato, o letramento, ou seja, o processo de ler deve fazer com que os alunos assimilem o conhecimento à sua volta, como seres sociais que são, fazendo inferências e levantando hipóteses.

Esta é, infelizmente, uma realidade muito comum em nossas escolas. Encontramos alunos que se dizem alfabetizados, mas que na verdade apenas decodificam as palavras soltas, não são capazes de interpretá-las.

Rojo (2012, p.21) ressalta a importância de se pensar, também, no uso das novas tecnologias da informação para implementar as práticas pedagógicas convencionais no trabalho de ensinar e aprender e transformar a sala de aula em um espaço de letramento para a comunicação com o uso das TIC, internet e celular:

são necessárias novas ferramentas – além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, impressa) – de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação.

Diante das novas gerações, conectadas ou não, se faz necessário sim a implementação e inclusão de novas tecnologias a fim de tornar as aulas mais atrativas e conseqüentemente mais produtivas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN (1997, p.30):

Cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com as quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade.

Essa incumbência dada à escola, muitas vezes não é cumprida como deveria, mas não significa que não haja um trabalho pedagógico planejado adequadamente, como se reportam os PCNs; pode ser que a realidade ao qual o aluno esteja inserido não corresponda aos propósitos referenciados, há um contexto fora da sala de aula que influencia nos resultados que a escola apresenta, por exemplo: temos a desestruturação familiar, a falta de recursos financeiros entre tantos outros problemas que interferem no rendimento escolar e até no seu processo de finalização.

Schneewly e Dolz (1999) apontam que a escola “é sim um lugar original de comunicação”. E também cabe destacar Cristóvão e Nascimento (2006, p.46) quando afirmam que “é papel da escola assumir-se enquanto espaço oficial de intervenção para proporcionar ao aprendiz condições para que dominem o funcionamento textual com vistas a sua inserção”.

Posto isto, quando entendemos essa função da escola, entendemos, também, que ensinar a ler e a escrever tem se tornado um desafio para os professores. Desafio esse que vai além de decodificar as letras/palavras, mas sim o de inserir o aluno à cultura do que está escrito, possibilitando representar o mundo e reorganizar os seus próprios pensamentos, ou seja, formar seres humanos críticos, capazes de ler as entrelinhas e de assumir posições próprias.

Como afirma Delia Lerner, (2002, p. 73)

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita.

Torna-se importante e fundamental trabalhar as possibilidades de leitura para criar, no aluno, o letramento que se faz necessário no seu convívio com a sociedade, não apenas a rotina de decodificação de palavras.

As Orientações Curriculares da área de Linguagens de Mato Grosso -OCs - (2012, p.17) explicam que:

Alfabetizar e letrar, processos interdependentes e indissociáveis, consistem essencialmente em instrumentalizar os estudantes com o código alfabético, desenvolvendo as capacidades necessárias para conhecer, valorizar e fazer uso desse código dentro e fora da escola.

Nesse sentido, a alfabetização se ocupa da apropriação da escrita e incorpora a experiência do letramento balizado por aspectos sócio históricos.

As OCs dialogam com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017, p.59):

Se a linguagem é comunicação, pressupõe interação entre as pessoas que participam do ato comunicativo com e pela linguagem. Cada ato de linguagem não é uma criação em si, mas está inscrito em um sistema semiótico de sentidos múltiplos e, ao mesmo tempo, em um processo discursivo. Como resultado dessas relações, assume-se que é pela e com a linguagem que o homem se constitui um ser social (“ser” mediado socialmente pela linguagem) e por ela e com ela interage consigo mesmo e com os outros (“ser-saber-fazer” pela/com a linguagem). Nesse “ser-saber-fazer” estão imbricados valores sensitivos, cognitivos, pragmáticos, culturais, morais e éticos constitutivos do sujeito e da sociedade.

Cosson (2012, p.17) afirma que “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” é papel que cabe à Literatura e este ensino do letramento literário necessita da escola para poder tomar forma, ou seja, necessita de um processo educativo específico já que a simples prática da leitura de textos literários apenas não consegue se concretizar sozinha.

1.1 LETRAMENTO LITERÁRIO

Lajolo (1993, p.15) afirma “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”. Isto é, incentivar os alunos à leitura de um texto é provocar neles o desejo de lê-lo, despertando o interesse pelos aspectos, fatos e sentimentos que o texto contém, procurando mostra-lhes o proveito que poderão tirar das atividades de leituras feitas de textos em si, já que se sabe que os alunos leem com interesse e atenção redobrados quando sabem por que e para que estão lendo.

Se formos fazer uma retrospectiva do ensino de língua e literatura, em tempos mais distantes, embora a disciplina fosse denominada *português*, e nela se aprendia a ler, escrever, redigir textos diversos, história da literatura, a retórica e a poética tradicionais e o professor fosse o mesmo, essas atividades eram, didaticamente distribuídas de formas separadas, em horários diferentes, como se fossem disciplinas diferentes. E hoje, pode-se perceber que a separação ficou mais

acentuada ainda, uma vez que a maioria dos livros didáticos do Ensino Fundamental II não traz a literatura como parte de seu conteúdo didático, deixando este campo relegado ao Ensino Médio.

Outra vez cito Lajolo quando ela enfatiza a importância de a literatura estar presente no currículo escolar:

(...) a leitura literária também é fundamental. É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. (2001, p. 106)

No livro *O texto na sala de aula*, de João Wanderley Geraldi (2006, p. 21), encontramos as seguintes concepções de literatura:

1. A literatura como instituição nacional, como patrimônio cultural.
2. A literatura como sistema de obras, autores e público.
3. A literatura como disciplina escolar que se confunde com a história literária.
4. Cada texto consagrado pela crítica como sendo literário.
5. Qualquer texto, mesmo não consagrado, com intenção literária, visível num trabalho da linguagem e da imaginação, ou simplesmente esse trabalho enquanto tal.

Nessas cinco concepções de literatura pode-se dizer que a escola utiliza a literatura nas acepções 1, 3 e 4. Isto é, são aspectos da mesma visão elitista e ideológica dos textos, transformados em ilustração de um universo hierarquizado e úteis à reprodução didática dos valores dominantes da sociedade letrada.

Cosson (2012) em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* destaca a importância de o letramento literário ser trabalhado na prática pedagógica e entre essas práticas há quatro características fundamentais:

- primeira: não há *letramento literário* sem o contato direto do leitor com a obra – o aluno precisa interagir com as obras literárias;
- segunda: o *letramento literário* passa pela construção de uma comunidade de leitores – um espaço de compartilhamento de leituras;
- terceira: o objetivo é a ampliação do repertório literário – acolher as diversas manifestações culturais que existem fora da escola;

- quarta: as atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência escolar – o cumprimento do papel da escola para formar leitor literário.

Essas características nos permitem entender a importância do contato direto do leitor com a obra, já que será este encontro que permitirá a interação entre as obras, criando, com isso, um espaço onde será possível compartilhar e ampliar os repertórios de leituras bem como dando à escola a oportunidade de formar leitores literários.

Como documento mais recente temos a BNCC (2017, p.64) que afirma que:

A leitura é objeto historicamente reconhecido de aprendizagem em Língua Portuguesa. Se, para os outros componentes curriculares, ela é instrumento, em Língua Portuguesa é tema central. O eixo Leitura compreende a aprendizagem da decodificação de palavras e textos (o domínio do sistema de escrita alfabética), o desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação de textos verbais e multimodais e, ainda, a identificação de gêneros textuais, que esclarecem a contextualização dos textos na situação comunicativa, o que é essencial para compreendê-los. São também constituintes essenciais desse eixo, por sua relevância para a compreensão e interpretação de textos, o desenvolvimento da fluência e o enriquecimento do vocabulário.

Ainda citando a BNCC (2017, p. 65) há nela uma separação entre leitura e educação literária. Essa separação está assim explicada:

O eixo Educação literária tem estreita relação com o eixo Leitura, mas se diferencia deste por seus objetivos: se, no eixo Leitura, predominam o desenvolvimento e a aprendizagem de habilidades de compreensão e interpretação de textos, no eixo Educação literária predomina a formação para conhecer e apreciar textos literários orais e escritos, de autores de língua portuguesa e de traduções de autores de clássicos da literatura internacional. Não se trata, pois, no eixo Educação literária, de ensinar literatura, mas de promover o contato com a literatura para a formação do leitor literário, capaz de apreender e apreciar o que há de singular em um texto cuja intencionalidade não é imediatamente prática, mas artística.

A leitura de textos do gênero literário possibilita ao aluno a vivência em mundos ficcionais, bem como a ampliação da sua visão de mundo, através das

experiências de outras épocas, de outros espaços, de outras culturas, de outros modos de vida e de outros seres humanos.

Diante deste exposto, destaca-se o gênero literário Crônica, que segundo Bender e Laurito (1993) vem do termo emprestado do francês *feuilleton*, ou para nós folhetim, tem seu aparecimento nos periódicos brasileiros a partir de meados do século XIX e, então, tornando-se um gênero que se fomenta nos discursos e nas linguagens do cotidiano, permitindo a aproximação/interação do leitor.

A partir das inferências possíveis, o leitor/aluno passa a perceber que a crônica tem por característica, entre outras, registrar, descrever as circunstâncias cotidianas, criando um diálogo que versa entre o literário e o coloquial.

Em pesquisas realizadas sobre práticas de leitura e escrita, autores como Magda Soares (1999) têm apontado a inevitabilidade de que a literatura se escolarize ao se tornar um saber escolar, já que a escolarização é a essência da própria escola. Aracy Evangelista (2001) também chama a atenção para aspectos semelhantes e alerta para a necessidade de a escola encontrar um espaço para resgatar o estético da literatura, tratando-a como arte.

Segundo os PCNs de Língua Portuguesa (1998, p. 29):

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea).

Caberá ao professor fazer o aluno perceber que a literatura é um dos caminhos para a construção de bons leitores, valorizando o ato de ler. Ao mostrar ao aluno que ler também é prazeroso, pois nos permite viajar por outros mundos, estaremos incentivando-o a ler mais e compreender melhor o que ouve e lê. Quanto mais lermos para as crianças, mais elas ficarão instigadas a buscar novas leituras. Tornar-se leitor requer práticas de leitura e é sobre essa formação do leitor que tratará o capítulo seguinte.

2. FORMAÇÃO DO LEITOR

Falar sobre a importância da literatura na vida das crianças e das dificuldades de se trabalhar a literatura com os alunos do Ensino Fundamental II, nos desafia a buscar novas estratégias para a formação de leitores.

Os PCNs de Língua Portuguesa (1998, p. 44) trazem destaque sobre este tema:

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura — que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

Algumas dessas condições:

- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela.

Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também;

- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor.

Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola;

- garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões;
- possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa — principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas;
- quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros — o que já compõe uma biblioteca de classe — do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um;
- construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar.

Diante da proposta dos PCNs de Língua Portuguesa de que "formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura", corroboro com as perguntas de Maria Teresa de Assunção Freitas (2007, p.169): "Por que a literatura trabalhada em sala de aula não seduz os alunos, que consideram as aulas desinteressantes e monótonas? Por que o texto da Internet atrai tanto os seus usuários adolescentes?"

Quais seriam as possibilidades de respostas a estas perguntas? Certamente muitas e talvez, a melhor de todas seria a de que nenhum professor *chato* estaria ao lado dizendo como e o que se deve ler. A liberdade de escolha dos usuários e a facilidade de se comunicar com vários ao mesmo tempo, sem sequer sair de sua *zona de conforto* é, certamente, uma das várias possibilidades e facilidades que a Internet oferece.

Ao ler um texto encontramos informações explícitas e informações implícitas. As informações explícitas são aquelas que estão escritas com todas as letras. Costumamos dizer que essas são as informações óbvias e que o aluno facilmente localiza durante a leitura. Entretanto, temos as informações implícitas, ou seja, estão escritas contudo, estão na profundidade dos sentidos, submersas para aqueles que conseguem fazer as conexões. Essas aparecem subentendidas nas entrelinhas do texto. Caberá ao aluno fazer uma leitura crítica do texto para perceber o que se quis dizer sem ser explícito; o que se escreveu sem ser o óbvio. Quando o aluno consegue se apropriar destas informações, entende-se que ele está em condições de se afirmar como leitor e não apenas decodificador de palavras.

Koch (2013) afirma que um texto pode ser entendido de diversas maneiras e que este processo depende da forma que o autor aborda a temática. Ela também destaca que um texto nunca estará totalmente acabado, sempre haverá alguma informação implícita e irá permitir ao leitor a possibilidade de desenvolver seu lado crítico e reflexivo terminado a leitura. O texto se classifica, então, como sendo uma atividade de comunicação discursiva global possível de ser produzido oral ou escrito cuja função é possibilitar ao leitor o processo de compreensão e decodificação.

Garcia reforça ainda que:

É através da leitura que o educando ampliará sua visão de mundo e suas interpretações da história, ficará mais bem capacitado para o desempenho específico da parte que lhe cabe no coletivo da escola.

Deve ser o educador o primeiro a buscar na leitura os caminhos para as soluções de muitos problemas existentes na escola... (GARCIA, 1992, p.77)

Segundo o caderno do professor a ocasião faz o escritor, da coleção Olimpíada de Língua Portuguesa (2014), do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Ora, se entendermos isso, então ficará claro que ao professor cabe a missão de apresentar, para o seu aluno, todos os tipos de textos, e a partir daí, direcionar, conforme for, para os gêneros em específico. Ler se aprende lendo.

Portanto, a formação de leitores, com a ajuda de textos tipo crônicas, é fundamental uma vez que permite a ampliação do contexto cultural dos alunos. Essa formação possibilita a comunicação entre os textos dos livros didáticos e os textos literários levando o aluno a despertar seu gosto pela prática da leitura.

2.1 POR QUE LER CRÔNICA?

Conforme o Dicionário Houaiss (2012), crônica é: s.f. 1- registro de fatos históricos em ordem cronológica 2- pequeno texto geralmente baseado em fatos do cotidiano 3- seção ou coluna de jornal sobre tema especializado. Tem sua origem do termo grego *chronos* (tempo). O E-Dicionário de Termos Literários, de Carlos Ceia, define crônica como: Derivado do lat. *Chronica* e do gr. *Khrónos*, consagra o conceito de tempo, informando com ele o discurso dos textos que designa.

É por esse motivo que uma das características definidoras desse gênero é o seu caráter contemporâneo. De modo bastante direto e simplificado, a crônica pode ser apresentada como um texto no qual encontramos o relato de fatos contemporâneos, a partir dos quais um autor desenvolve reflexões mais genéricas sobre a questão principal a eles associada.

O professor e crítico literário Antônio Cândido, em seu artigo “A vida ao rés-do-chão” (1980) afirma que:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças

a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura (...).

(...) Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha.

Segundo o site Recanto das Letras², os cronistas procuram descrever os eventos relatados na crônica de acordo com a sua própria visão crítica dos fatos, muitas vezes através de frases dirigidas ao leitor, como se estivesse estabelecendo um diálogo. A crônica relata acontecimentos de forma cronológica e de acontecimentos possíveis, no cotidiano do leitor. Alguns tipos de crônicas são lírica ou poética, de humor, crônica-ensaio, descritiva, narrativa, dissertativa, reflexiva; metafísica, jornalística, histórica, argumentativa.

Crônica Lírica ou Poética: em uma linguagem poética e metafórica o autor extravasa sua alma lírica diante de episódios sentimentais, nostálgicos ou de simples beleza da vida urbana, significativos para ele. Como em *Brinquedos Incendiados*, de Cecília Meireles. Por vezes, esse tipo de crônica é construído em forma de versos poéticos. Contudo, tem-se observado que a crônica lírica ou poética, está, cada vez mais, em desuso; devido, provavelmente, à violência e a degradação da vida nas grandes cidades brasileiras;

Crônica de Humor: apresenta uma visão irônica ou cômica dos fatos em forma de um comentário, ou de um relato curto. Como em *Sessão de Hipnotismo*, de Fernando Sabino. É uma crônica muito próxima do conto. Procura basicamente o riso, com certo registro irônico dos costumes.

Crônica-Ensaio: apesar de ser escrita em linguagem literária; ter um espírito humorístico e valer-se, inclusive, da ficção; este tipo de crônica apresenta uma visão abertamente crítica da realidade cultural e ideológica de sua época, servindo para mostrar o que autor quer ou não quer de seu país. Aproxima-se do ensaio, do qual guarda o aspecto argumentativo. Paulo Francis e Arnaldo Jabor são dois

² <https://www.recantodasletras.com.br/>, acesso em 16/10/2018

grandes representantes desse tipo de crônica. Como exemplo, cito: *Reality Show*, de Marcelo Coelho.

Crônica Descritiva: ocorre quando uma crônica explora a caracterização de seres animados e inanimados, num espaço vivo, como numa pintura;

Crônica Narrativa: tem por base uma história - às vezes, constituída só de diálogos - que pode ser narrada tanto na 1ª quanto na 3ª pessoa do singular. Por essas características, a crônica narrativa se aproxima do conto; por vezes até confundida com ele. É uma crônica comprometida com fatos do cotidiano, isto é, fatos banais, comuns. Não raro, a crônica narrativa explora a caracterização de seres. Quando isso acontece temos a *crônica narrativa-descritiva*;

Crônica Dissertativa: opinião explícita, com argumentos mais "sentimentalistas" do que "racionais" - em vez de "segundo o IBGE a mortalidade infantil aumenta no Brasil", seria "veja mais uma vez esses pequenos seres não alimentarem sequer o corpo". Exposto tanto na 1ª pessoa do singular quanto na do plural;

Crônica Reflexiva: reflexões filosóficas sobre vários assuntos. Apresenta uma reflexão de alcance mais geral a partir de um fato particular;

Crônica Metafísica: constitui-se de reflexos filosóficos sobre a vida humana;

Crônica Jornalística: apresentação de notícias ou fatos baseados no cotidiano. Pode ser policial, desportiva, etc...

Crônica Histórica: baseada em fatos reais, ou fatos históricos.

A crônica argumentativa consiste em um tipo mais moderno de crônica, no qual o cronista expressa o seu ponto de vista em relação a uma problemática da sociedade. Neste caso específico, a ironia e o sarcasmo são frequentemente usados como instrumentos para transmitir uma opinião e abordar um determinado assunto.

Sobre crônica, Bender e Laurito (1993, p.12), destacam que

a palavra crônica, no entanto, ainda que, posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos.

A crônica é um gênero textual de tipo narrativo que surgiu no início do século XIX, na época da escola literária modernista a partir de publicações em folhetins, os quais tratavam de diversos assuntos presentes na vida diária social da época.

Das duas espécies de folhetins publicados na imprensa do século XIX, a que deu origem ao gênero crônica – tal como o concebemos modernamente – foi o folhetim de variedades. E o que era este...? Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romances em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo. (BENDER e LAURITO, 1993, p. 16).

Na literatura brasileira, escritores que se destacam neste tipo de narrativa são Fernando Sabino, Luiz Fernando Verissimo, Millôr Fernandes. Alguns outros famosos cronistas são Arnaldo Jabor, Martha Medeiros, Rubem Braga, entre outros e aqui no Mato Grosso há destaque ao cronista Eduardo Mahon, ocupante da 11ª cadeira da Academia Mato-Grossense de Letras.

Também no que se refere ao gênero Crônica, Cândido (1981, p. 98) assevera, que:

[...] na crônica, tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida [...].

Só para reforçar a escolha pelo gênero literário Crônica, Silveira (2009, p. 238) que afirma que:

A crônica se presta muito bem ao uso de oficinas de leitura e produção de texto e, se o professor fizer uma boa seleção de crônicas, ela poderá despertar no aluno o tão desejado prazer do texto.

O estudo do gênero literário Crônica, por seu conteúdo e forma, torna-se uma importante ferramenta pedagógica, capaz de mediar, no aluno, sua introdução ao mundo da leitura e da produção escrita, transformando-o em um aluno reflexivo, ciente de que o estudo requer um pensar e um repensar constante, refletindo no aprimoramento do seu senso crítico.

A crônica é um gênero textual que está ligado à vivência do dia-a-dia do aluno e também possui uma linguagem simples que a aproxima das práticas de leitura e escrita no universo escolar de forma leve, prazerosa e espontânea.

O uso deste gênero no ambiente escolar possibilitará ao educando um desenvolvimento sócio-reflexivo, seja este através da produção da leitura oral ou escrita. Dessa forma, no ambiente educacional o professor enquanto orientador pode de maneira positiva incentivar o aluno a se tornar um leitor autônomo e analítico referente ao que ele, na condição de interlocutor, fala ou escreve no texto.

Segundo Geraldi (1997), existem diversas formas para se desenvolver uma leitura e, na maioria das vezes, ficam várias informações implícitas no texto para serem identificadas pelo leitor/autor. Desse modo, a leitura do tipo fruição do texto pode ser a de maior importância, pois com essa o leitor pode realizar a leitura do gênero crônica de forma rápida, individual e espontânea.

Vale destacar aqui a afirmação de Cavalcante (2013, p.17):

Os textos constituem uma unidade de linguagem dotada de sentido e porque cumprem um propósito comunicativo direcionado a certo público, numa situação específica de uso, dentro de uma determinada época, em uma dada cultura em que se situam os participantes desta comunicação.

Cabe destacar aqui Koch e Elias, com o livro *Ler e Compreender: os sentidos do texto* (2013), a afirmação de que o texto é lugar de interação de sujeitos que nele se constituem e são constituídos. Para as autoras, a leitura é uma atividade interativa de construção de sentidos onde o leitor constrói o sentido do texto.

Para ressaltar a importância da inferência no texto Crônica, Orlandi (2010, p.69) afirma:

[...] o texto não é definido pela sua extensão: ele pode ter desde uma só letra até muitas frases, enunciados, páginas etc. Uma letra “O”, escrita em uma porta, ao lado de outra com a letra “A”, indicando-nos os banheiros masculino e feminino, é um texto pois é uma letra unida de sentido naquela situação. [...] O texto é texto porque significa.

Partindo-se, então da premissa de que nosso aluno sabe o que é um texto, cabe-nos a função de fazê-lo apropriar-se das inferências possíveis enquanto leitor de texto Crônica.

Nas Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso (2010) o Descritor 4 (D4 – *Inferir uma informação implícita em um texto*) nos possibilita entender que as

informações implícitas no texto são aquelas que não estão presentes claramente na base textual, mas podem ser construídas pelo leitor por meio da realização de inferências que as marcas do texto permitem. Além das informações explicitamente enunciadas, há outras que podem ser pressupostas e, conseqüentemente, inferidas pelo leitor.

Entretanto, quando o aluno tem pouca ou nenhuma familiaridade com um determinado assunto este pode ser incompreendido por ele. Quando isso ocorre, dizemos que a incompreensão se deve a falhas no chamado conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico. Esses conhecimentos podem ser adquiridos formal ou informalmente, e abrangem domínios de fatos corriqueiros até fatos científicos. Para que haja o entendimento da leitura, o nosso cérebro deve estar ativado para o item conhecimento de mundo que é relevante para a leitura do texto.

Kleiman (2002, p. 25) afirma que:

A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente. Há evidências experimentais que mostram com clareza que o que lembramos mais tarde, após a leitura, são as inferências que fizemos durante a leitura; não lembramos o que o texto dizia literalmente.

Já para Koch (2000, p. 29-30):

[...] as inferências constituem estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais e/ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita e informação não explicitada no texto.

A crônica se destaca por classificar-se como um gênero ambíguo, transitório entre a literatura e o jornalismo. Essa classificação sugere uma dependência da crônica à estrutura jornalística e literária. O escritor Affonso Romano de Sant'Anna (2016) também aponta essa característica dúplice da crônica:

É um gênero intermediário entre o jornalismo e a literatura. Como texto para jornal é aquele no qual é admitido alto grau de subjetividade. Os demais jornalistas têm que ser mais objetivos. O cronista vai ao Oriente pelo Ocidente, ou vice-versa. É também um gênero disseminador. O recorte da crônica ganha um significado especial. O leitor se apodera do texto, guarda-o na carteira, na agenda, o reproduz e o repassa como um talismã criando uma espécie de corrente. Por isto, já pensei que entre o jornal e o livro, talvez fosse necessário servir as crônicas separadamente ao leitor, e num papel mais resistente, numa caixa ou pasta onde ele escolhesse as que quisesse.

Entender a crônica como um texto que traz um formato de escrita diferenciada sem estar presa às tantas exigências que a própria língua exige, permite ao escritor/leitor ir além do que está escrito; permite que se expresse as emoções reais ou imaginárias criadas por esta escrita que beira à oralidade. Como bem afirma Antonio Candido:

o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca da oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e uma aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor” (1984, p.8).

Quanto à função da sua forma de conceber e representar a realidade, Sá (2008, p.9-10) afirma que:

Na crônica [...] existe a liberdade do cronista. Ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que acontece como se fosse “por acaso”. No entanto, o escritor sabe que esse “acaso” não funciona na construção de um texto literário (e a crônica também é literatura), pois o artista que deseje cumprir sua função primordial de antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para depreender, terá que explorar as potencialidades da língua, uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais), descortinando para o público uma passagem até então obscurecida ou ignorada por completo.

Parafraseando Marcuschi (1996) pode-se dizer que a compreensão textual se dá em boa medida como um processo inferencial, isto é, como uma atividade de construção de sentido em que compreender é mais do que extrair informações do texto: é uma atividade de produção de sentidos. Compreender textos não é simplesmente reagir aos textos, mas agir sobre eles. Um texto permite muitas

leituras, mas não inúmeras e infinitas leituras. Não podemos dizer quantas são as compreensões possíveis de um determinado texto, mas podemos dizer que algumas delas não são possíveis.

No capítulo seguinte: *Blog e Blog* como ferramenta pedagógica, trataremos do suporte para estas leituras. Suporte este, que permite a interação entre os leitores.

3. BLOG

Diante da discrepância em relação ao aluno que não se sente motivado a ler e do crescente número de alunos conectados nas mídias sociais, definiu-se, para culminância deste trabalho, a criação de um *blog* com o intuito de que os alunos publiquem suas crônicas e tenham, ao mesmo tempo, acesso às crônicas escritas por colegas.

Segundo Barbosa e Granada, em seu livro *Weblogs, Diário de Bordo* (2004) um *blog* ou blogue é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou *posts*. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do *blog*, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*.³

Muitos *blogs* fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários *online*. Um *blog* típico combina texto, imagens e *links* para outros *blogs*, páginas da *Web* e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante de muitos *blogs*.

Alguns sistemas de criação e edição de *blogs* são muito atrativos pelas facilidades que oferecem, disponibilizando ferramentas próprias que dispensam o conhecimento de HTML. A maioria dos *blogs* são primariamente textuais, embora uma parte seja focada em temas exclusivos como arte, fotografia, vídeos, música ou áudio, formando uma ampla rede de mídias sociais. Outro formato é o *microblogging*, que consiste em *blogs* com textos curtos.

É importante não nos esquecermos de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos e se for eficiente para tanto. As técnicas não se justificarão por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem, que no caso serão de aprendizagem. (MASETTO, 2000, p. 144)

³ Blog é uma abreviação de weblogger e significa diário on-line. A diferença do blog de um site é a facilidade para construção e atualização de dados. Os registros aparecem em ordem cronológica e exigem apenas conhecimentos elementares de informática, o que o torna mais flexível e dinâmico (GOMES, 2005, 311).

Sabendo-se que as práticas tradicionais da escola se baseavam em transmissão de conhecimento e o professor era o detentor do saber, já o aluno um mero receptor de conteúdos e, nos dias atuais está muito claro que a sociedade exige uma nova proposta que prepare o indivíduo para conviver nessa nova sociedade, desenvolvendo suas potencialidades na administração de conflitos e, também que, o acesso às novas tecnologias e suas possibilidades trouxe um novo rumo às relações das pessoas entre si, a criação de um *Blog* para ser o portador textual das atividades realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente às relacionadas aos processos de aprendizagem referentes aos estudos da Literatura, foi a opção mais viável. No trabalho com *Blog* cabe destaque o protagonismo dos alunos, pois serão eles os sujeitos ativos de seu próprio processo de multiletramento: da leitura para a escrita, da escrita para a reescrita e finalmente para a publicação.

3.1 BLOG COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Tentar inserir o uso de tecnologias diversificadas em sala de aula tem se tornado quase que obrigatório diante do aparato tecnológico que a cada dia aumenta mais e muitos de nossos alunos têm acesso, mas muitas vezes não sabemos como inserir esta tecnologia em nossas aulas. Às vezes não temos todos esses recursos midiáticos que aí estão. Essa é, sem dúvida, a realidade da Escola Municipal Geny Silvério Delarincy. Embora a escola possua um Laboratório de Informática com 15 computadores, eles são antigos, a Internet é precária, e a Secretaria Municipal de Educação não dispõe de uma equipe que seja especializada em manutenção e atualização desses computadores. Isso tem provocado, muitas vezes, o pouco uso desse espaço e, o que poderia ser um grande aliado nas aulas, fica relegado a um espaço pouco utilizado.

Esta realidade, no entanto, não foi empecilho para que se pensasse na criação de um *Blog* Pedagógico para ser o suporte dos textos que seriam produzidos pelos alunos durante a execução do projeto. Com certeza teríamos muitas dificuldades, mas não seria impedimento. O objetivo principal da criação do *blog* é que alunos sejam estimulados a escrever sobre os temas da aula, bem como sobre os resultados de aulas práticas, pois, ao estimular o aluno a escrever, cria-se a possibilidade de sua participação ativa na construção do conhecimento, uma vez

que ele poderá socializar o que aprendeu em sala, publicando no *Blog* e aumentando o próprio interesse e o dos colegas pela disciplina.

Com a criação de um *Blog* Educacional, os alunos poderão usá-lo para acompanhar as aulas fora do espaço escolar bem como socializar essas atividades aos pais ou responsáveis. Ele também possibilita a interação entre leitor e autor servindo como motivação para a escrita e leitura mais elaborada, mais crítica. Esse envolvimento entre leitores e autores permite a reflexão individual e a interação social.

As Competências Gerais Da Base Nacional Comum Curricular, em seu item 5, página 9 destaca:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Mesmo compreendendo a importância da criação de um *blog* pedagógico e embora o acesso às mídias e à *Internet* pareça ser de alcance geral, isso não é uma realidade para a maioria dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Geny Silvério Delarincy e, por isso mesmo, o *blog* serviu de incentivo ao acesso à tecnologia, tão necessário às práticas contemporâneas. Outro bom exemplo do uso do *blog* como ferramenta educativa é a facilidade que professor tem em fazer intervenções, corrigir, orientar e até mesmo ensinar os primeiros passos essenciais para o domínio da ferramenta durante as postagens. Moran (2007) enfatiza o uso do *blog* educacional afirmando que “quando focamos mais a aprendizagem dos alunos do que o ensino, a publicação da produção deles se torna fundamental”.

A seguir, será apresentada a metodologia utilizada em seu passo a passo para o desenvolvimento do projeto.

4. METODOLOGIA

4.1. Sequência Básica

Embasada nas teorias de pesquisa-ação de David Tripp (2005, p. 447) que destaca a “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Entendemos a pesquisa-ação como sendo uma ação que ao mesmo tempo em que se altera o que está sendo pesquisado é limitada pelo contexto e pela ética da prática, requerendo ações tanto na área prática quanto na pesquisa, apresentando, com isso, características da prática rotineira e da pesquisa científica. Dentre suas principais características destaco que esta deverá ser participativa; sempre começa a partir de um problema ou de quem ou o quê causa o problema; tende a documentar seu progresso por meio de portfólio; procura entender o problema e por que ele ocorre; tende para a finalidade do prático.

Aproprio-me da afirmação de que o ciclo da pesquisa-ação inclui todas as atividades do ciclo básico de investigação-ação e é na pesquisa-ação que serão produzidos dados sobre os efeitos de uma mudança da prática durante a implementação da pesquisa. Dentre as várias modalidades da pesquisa-ação optou-se pela pesquisa-ação técnica, que consiste na abordagem pontual que toma uma prática já existente e adiciona sua própria prática a fim de provocar uma melhora. Daí a escolha de se trabalhar por Sequência Básica. Em seu livro *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2012) Rildo Cosson afirma que o letramento literário é diferente da leitura literária por fruição e que essa depende daquela. Segundo ele, a literatura deve ser ensinada na escola:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2012, p. 23)

Na mesma obra, Cosson propõe a “Sequência Básica” como sendo uma das estratégias para o ensino da literatura na escola e ela está dividida em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

1ª etapa, ou inicial é a **motivação**, cuja finalidade consiste na preparação do aluno para entrar no texto, para estabelecer laços estreitos com o texto que será lido. “É preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto [...] Exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura.” (COSSON, 2012, p. 56)

2ª etapa é a parte da **introdução** onde será feita a apresentação tanto do autor quanto da obra e necessita de alguns cuidados, como por exemplo, não se estender demasiadamente na apresentação do autor; outro cuidado que se deve ter é que o professor deverá justificar sua escolha por determinada obra, destacando sua importância naquele momento.

3ª etapa é o momento da **leitura** que deverá ser acompanhada pelo professor para perceber o processo de leitura e se o aluno está tendo dificuldades ou não nesta primeira leitura.

4ª etapa é a **interpretação**, que poderá ser organizada em dois momentos:

1º- interior: este momento é individual e também o primeiro encontro do leitor com a obra, quando esta será lida palavra por palavra, página por página;

2º- exterior: aqui o leitor materializa a interpretação como sendo um ato de construção de sentidos, o letramento literário. Cabe aqui o processo de registro desta materialização, sempre se considerando série/ano/ciclo e faixa etária do leitor.

Embasada nas teorias de Rildo Cosson sobre a sequência básica e seguindo as quatro etapas características desta, optou-se pelo gênero literário Crônica. A turma será o 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Geny Silvério Delarincy, de Alta Floresta/MT, por um período de um bimestre, com carga semanal de quatro horas aulas, num total final de 40 horas aulas trabalhadas.

4.2 Coleta e Análise de Dados

Para dar início à execução do projeto foi realizada uma pesquisa com os alunos para entender se eles sabiam o que era literatura, qual a importância de ler, como era o contato familiar com a leitura e se os pais tinham o hábito de ler com os filhos. Vale ressaltar que a Escola Municipal Geny Silvério Delarincy é uma escola de periferia, onde temos alunos que muitas vezes não tem o que comer. A turma escolhida para desenvolver o projeto - 9º ano - era composta de 25 alunos, mas com a abertura da Escola Militar no município, alguns alunos foram transferidos e entre idas e vindas, contamos hoje com vinte (20) alunos que frequentam regularmente as

aulas, mas apenas quinze (15) se prontificaram a responder o questionário e a participar das atividades do projeto. Então, tomo por base o número de participantes de quinze (15) como sendo 100% dos entrevistados. O questionário foi distribuído aos 15 alunos que concordaram em participar. Ressalto aqui que os demais alunos que não participaram do projeto, em nenhum momento foram prejudicados em suas atividades relacionadas à disciplina em sala de aula.

Após os alunos responderem ao questionário, foi feita a tabulação e análise dos dados, como seguem abaixo:

Gráfico 1 - Idade dos alunos entrevistados.



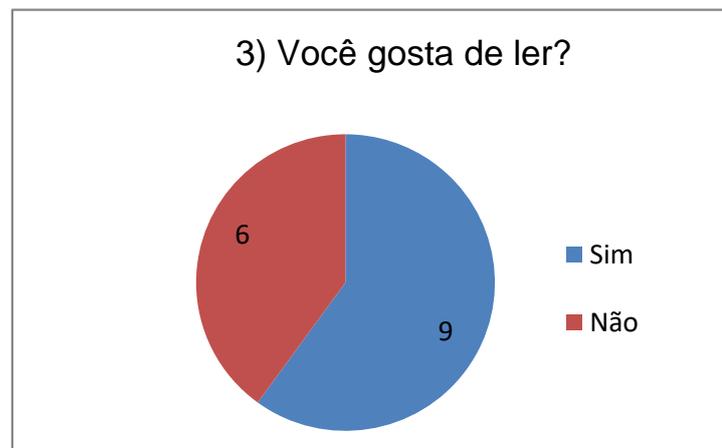
Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

O gráfico número 1 refere-se à faixa etária dos alunos. Analisando a Figura 1 verificou-se que dos 15 alunos entrevistados, 08 possuem 14 anos, 04 possuem 15 anos e 03 possuem 16 anos. Cabe destaque aqui, que a idade regular para o 9º ano é 14 anos e que, portanto, temos 07 alunos que estão na faixa etária fora do adequado, segundo as normas do programa de Ciclo de Formação Humana que a escola segue.

Gráfico 2 - Sexo dos alunos entrevistados.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Na figura 02 temos a divisão por gênero. Oito (08) alunos são do sexo masculino e sete (07) alunos são do sexo feminino.

Gráfico 3 - Gosto pela leitura.

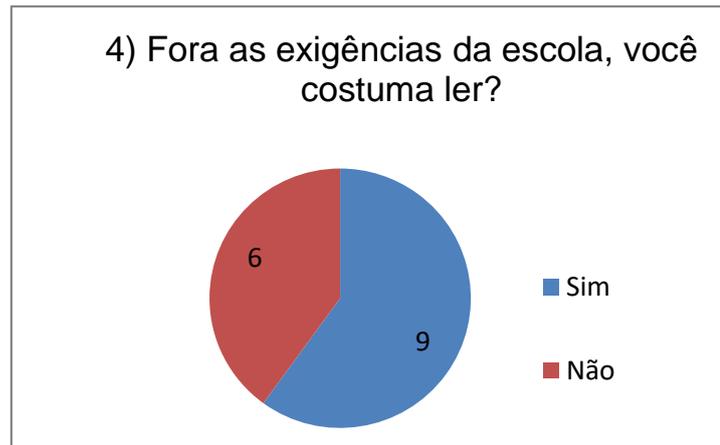
Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Em relação à pergunta Você gosta de ler? - vimos que de acordo com a Figura 3, 09 alunos responderam que sim e que 06 alunos responderam que não gostam de ler. Avaliando essa resposta observamos que a turma está quase que dividida quanto ao gosto pela leitura e que isto nos chamou a atenção quanto a uma urgente intervenção para despertar, nestes alunos, o gosto pela leitura, transformando-os em leitores em potencial. Isso demonstra a preocupação que a escola deverá ter com os demais alunos, já que a escola só atende alunos do Ensino Fundamental I e II. É preciso perceber que muito se tem a fazer em prol

desses alunos para que eles descubram que a leitura não é só um caminho para novos conhecimentos, mas também, um caminho para novas descobertas, novos prazeres. “Ler é entrar em outros mundos possíveis”, como afirma Delia Lerner, (2002, p. 73).

No gráfico abaixo, há o destaque para as leituras que ocorrem fora da escola:

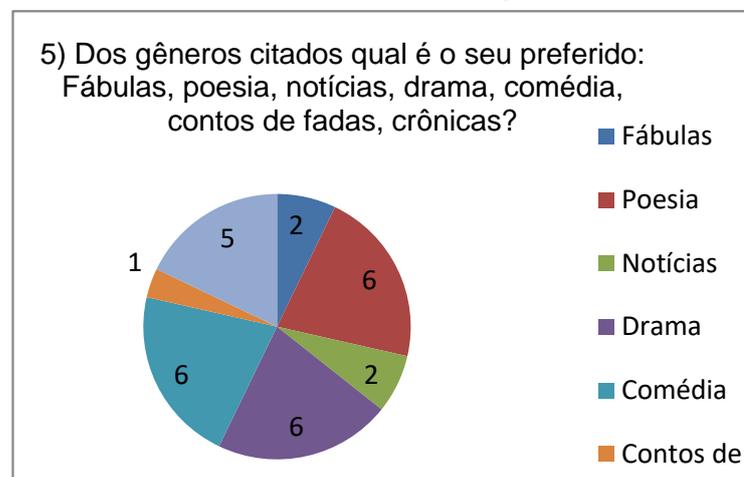
Gráfico 4 - Leituras fora da escola.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Curiosamente, nesta questão, 09 alunos responderam que sim, que costumam ler além das exigências da escola enquanto que 06 responderam que não leem. Mas ao fazermos um paralelo com a pergunta anterior: Você gosta de ler? - percebe-se que são os mesmos alunos que responderam sim, e que 06 alunos que responderam que não gostam de ler também responderam que não leem fora da escola.

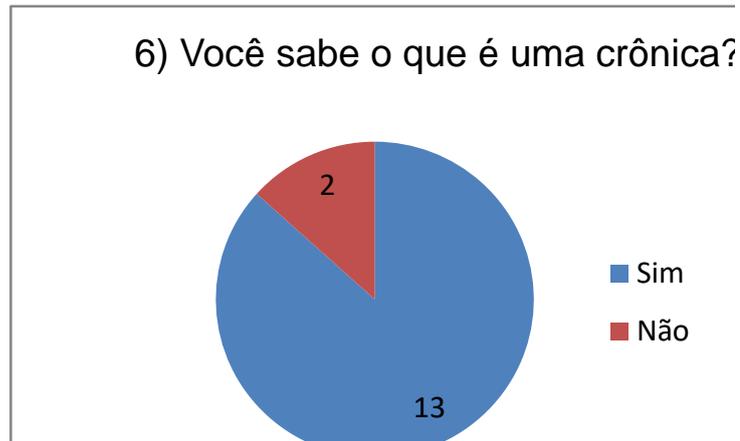
Gráfico 5 - Gênero literário preferido



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Essa pergunta permitiu aos alunos que escolhessem mais de um gênero citado. Isso acabou resultando em uma porcentagem diferenciada. O gênero preferido pelos alunos foi: 1º lugar: Comédia, Drama e Poesia, com 06 votos; em 2º lugar: Crônicas, com 05 votos; em 3º lugar: Notícias e Fábulas, com 02 votos e em 4º lugar: Contos de Fadas, com um voto.

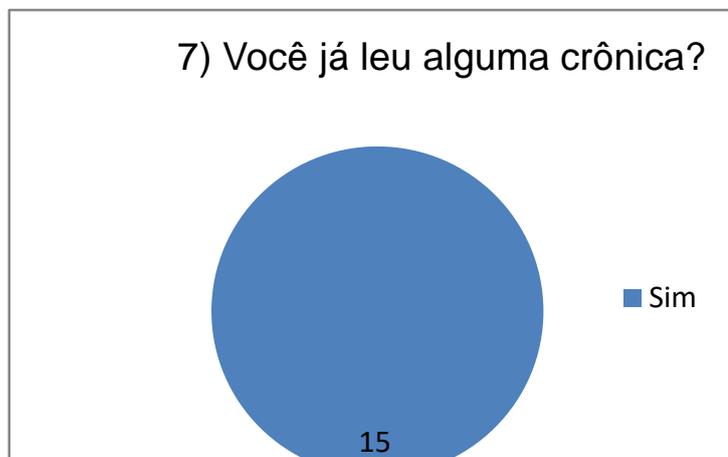
Gráfico 6 - Conhecimentos sobre Crônica.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Nessa questão foi possível perceber que a maioria – 13 alunos – respondeu que sabia sim o que era uma crônica e que apenas 02 alunos responderam não saber. Entretanto, durante a execução do projeto, foi possível constatar que, na realidade, os alunos não sabiam o que era crônica, uma vez que ao apresentar alguns textos de diversos gêneros, eles não souberam identificar quais textos faziam parte do gênero textual crônica.

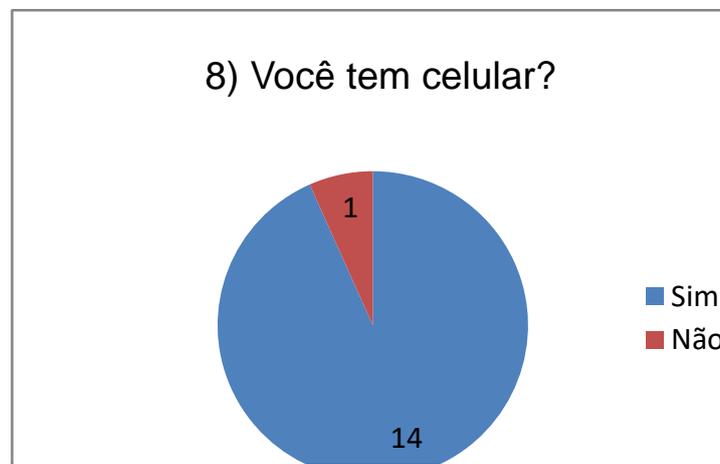
Gráfico 7 - Leitura de crônicas.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

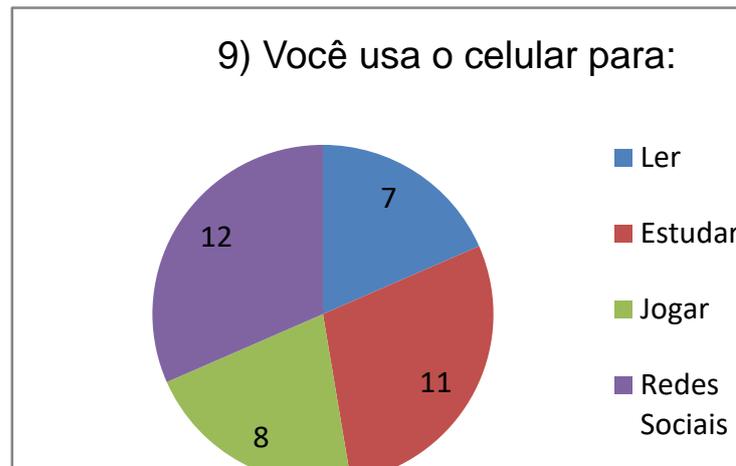
Nesta resposta, que foi unânime na afirmativa de que todos já haviam lido alguma crônica, fiquei sem condições de avaliar uma vez que, na questão anterior 13 alunos afirmaram saber o que era crônica e 02 afirmaram que não sabiam então, como poderiam ter certeza de que todos já haviam lido alguma crônica? Supostamente poderíamos aceitar que sim, uma vez que na biblioteca da escola temos alguns exemplares de livros que contêm crônicas e que a maioria dos alunos a frequenta semanalmente. Preferi aceitar como sim, que todos já haviam lido, em determinado tempo, uma crônica, mesmo sem saber se era ou não uma crônica.

Gráfico 8 - Acesso a tecnologias.



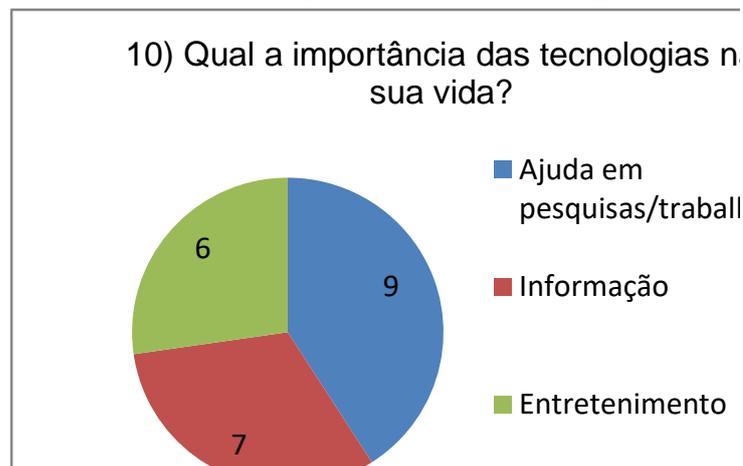
Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Aqui nessa questão, sobre o aluno ter ou não celular, 14 alunos responderam que possuem celulares e apenas 01 respondeu que não. Entretanto, quando lhes foi solicitado que trouxessem o celular para que fosse feito um trabalho diferenciado em aula, eles alegaram que não seria possível, uma vez que ou a mãe ou o pai o estaria usando. Percebi, mais uma vez, que ao responderem essa pergunta os alunos não foram suficientemente sinceros, talvez por vergonha de afirmarem não ter um celular. Isso não causou estranheza alguma uma vez que a escola pertence a um bairro localizado na periferia da cidade e a maioria das famílias que ali residem pertencem à classe baixa – mais da metade dos alunos são beneficiários do programa Bolsa Família e dependem dele para alimentação, inclusive.

Gráfico 9 - Uso do celular.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

No gráfico acima, correspondente à pergunta: Você usa o celular para: Ler, Estudar, Jogar, Redes Sociais, pode-se perceber que a maioria dos alunos entrevistados afirmou que usa o celular em primeiro lugar para: Redes sociais – 12 votos; Estudar – 11 votos; Jogar – 08 votos e Ler – 07 votos. Esta pergunta permitiu que os alunos escolhessem mais de uma opção de resposta.

Gráfico 10 - Importância da tecnologia.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Com a pergunta sobre Qual a importância das tecnologias na sua vida? - as opções ficaram divididas e isso foi possível concluir com as respostas dadas: 09 alunos responderam que a tecnologia ajuda nas pesquisas e na realização dos trabalhos escolares; 07 alunos afirmaram que usam a tecnologia para obter informações sobre os mais diversos assuntos e, 06 alunos afirmaram que usam a

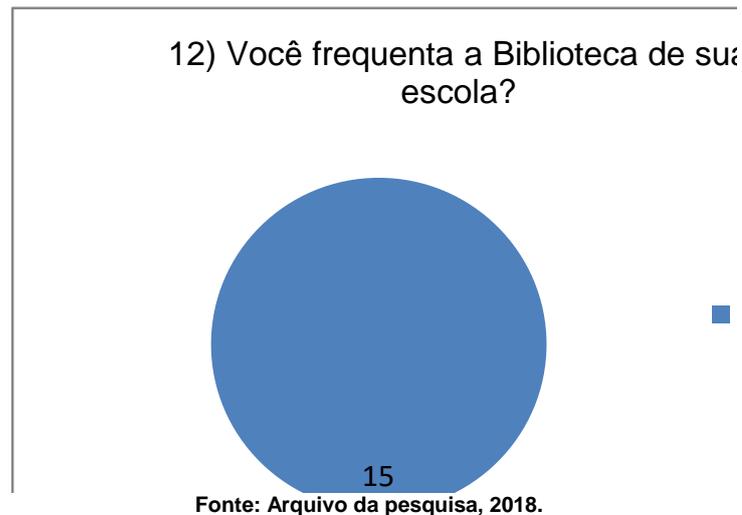
tecnologia apenas como entretenimento, tipo jogos, redes sociais. Cabe destacar aqui que a minoria das famílias que residem no bairro possui internet em casa. Os demais possuem apenas pacotes de internet no celular e de baixa qualidade, apenas para uso de redes sociais.

Gráfico 11 - Conhecimento sobre Literatura.

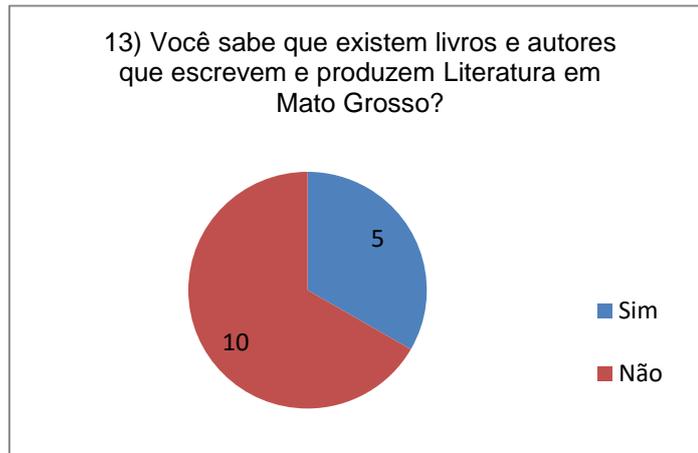


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

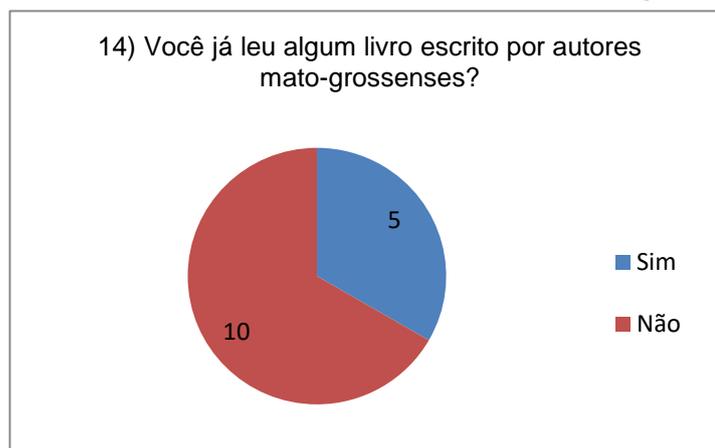
Com as respostas dadas à pergunta de número 11: Você já ouviu falar em Literatura? - 14 alunos afirmaram que sim e apenas um respondeu que não, foi possível constatar que eles, ao responderem positivamente estavam se referindo aos momentos de leitura que realizam semanalmente na biblioteca da escola, e que outrora fora chamado de momento literário. Essa conclusão foi possível diante dos comentários dos alunos entrevistados. Em nenhum momento, os questionados posteriormente, souberam responder o que era literatura. Para todos, literatura era o momento de leitura feito na biblioteca, apenas.

Gráfico 12 - Frequência à Biblioteca.

A resposta não poderia ser diferente, já que a escola tem, em sua grade curricular uma aula semanal para cada turma na biblioteca. Este horário de leituras na biblioteca fica a cargo dos professores de Língua Portuguesa, nas séries finais do Ensino Fundamental II. Aqui é o momento de se fazer a seleção dos livros e gêneros que serão lidos durante o ano letivo - livros que são pré-selecionados pelo professor. Há encontros de leituras livres e outros de leituras direcionadas. Quando a leitura é direcionada, os alunos leem os livros sugeridos pelos professores e sempre, para finalizar, é feita uma socialização, que tanto pode ser oral, no coletivo, na própria biblioteca ou, uma síntese que é entregue ao professor; no dia de leitura livre os alunos escolhem livremente o que querem ler: de HQs a contos de fadas e ficção científica. Os livros podem ser levados para casa e dessas leituras não é cobrado nenhum tipo de socialização. É a hora de ler por prazer. É a chamada leitura de fruição. Destaco que alguns alunos, infelizmente, nestes momentos de leitura livre, ficam apenas folheando revistas, sem ler ou se interessar por nada. E quando questionados sobre o que gostariam de ler, apenas afirmam categoricamente que não gostam de ler e que só leem quando a leitura "vale nota".

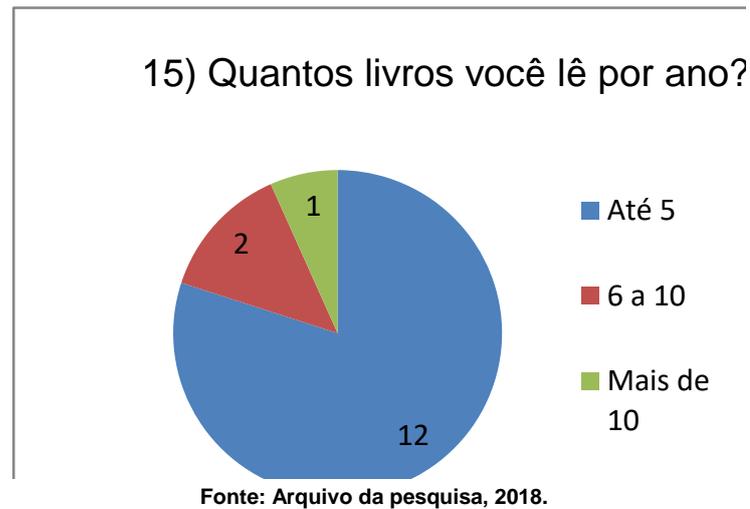
Gráfico 13 - Conhecimento sobre Literatura mato-grossense.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018

Gráfico 14 - Conhecimento sobre Literatura mato-grossense.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018

Ao analisar as respostas das perguntas 13 e 14, questionei os alunos se quando afirmaram que sim - 10 alunos ao todo - eles conheciam ou sabiam dizer o nome de pelo menos um autor ou de um livro de literatura mato-grossense. Todos foram unânimes aos afirmarem que sim, que conheciam o autor e que tinha lido seu livro. O autor a que eles estavam se referindo era, na verdade, o professor de matemática que atua na escola: Autor José Mendonça da Silva, popularmente conhecido entre os alunos como Professor Bonança. A obra é *O DNA de Adão* (2017), em versos. É um livro de poesias, que retrata a vida dele e que eu fui a revisora. Este mesmo autor possui outros livros, todos de poesia e essa proximidade, pelo viés da escola, o faz conhecerem como escritor mato-grossense.

Gráfico 15 - Livros lidos anualmente.

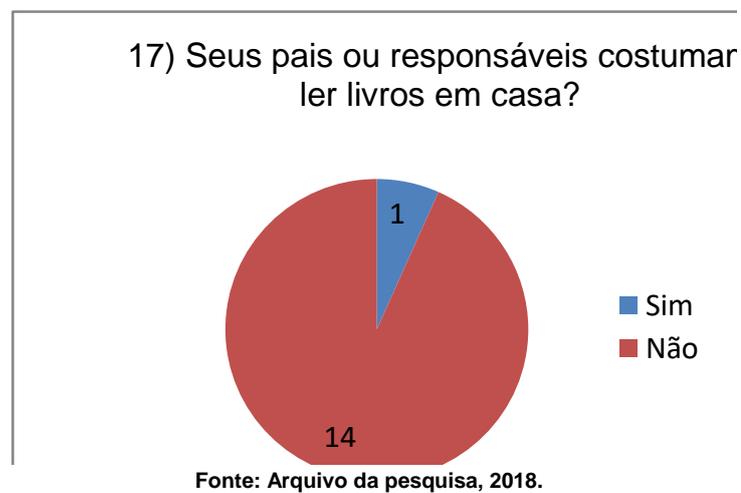
Das possibilidades de respostas à pergunta 15, pode-se observar pelo gráfico acima que, 12 dos 15 alunos entrevistados leem até 05 livros por ano, isto é, leem apenas os livros que são obrigatoriamente solicitados pelos professores; 02 alunos responderam que leem entre 06 e 10 livros por ano e apenas 01 aluno respondeu que lê mais de 10 livros por ano. Diante desta resposta pode-se perceber que a leitura não é um dos hábitos favoritos dos alunos e que teremos um grande desafio pela frente durante a execução do projeto proposto.

Gráfico 16 - Grau de escolaridade da família.

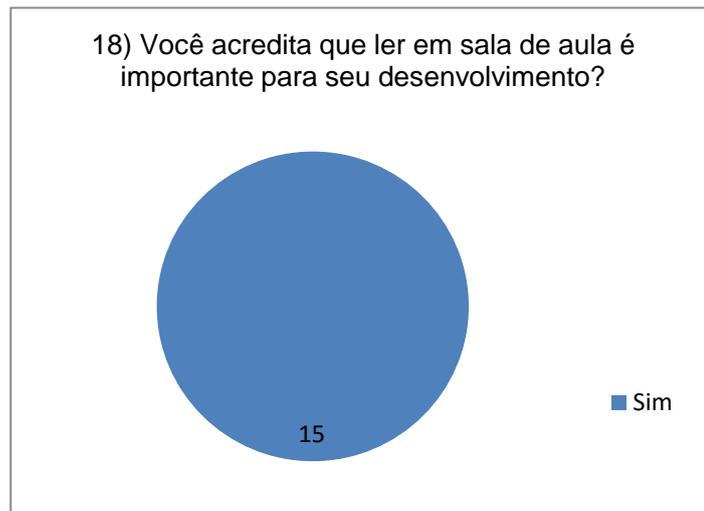
A análise da pergunta correspondente ao gráfico de número 16 causou certa preocupação. Dos alunos entrevistados, 05 responderam que os pais não sabem ler.

A preocupação se deu devido ao fato de que todos os alunos possuem pais jovens, na faixa etária de 40 anos, no máximo. Em relação a essa situação, conversei com os alunos se eles sabiam o porquê de os pais não saberem ler e as mais variadas respostas foram dadas. Algumas do tipo: meus pais moravam no garimpo e lá não tinha escola; meus pais eram filhos de "periquiteiros" - pessoas que vivem no mato e de derrubada de árvores; minha mãe não sabe ler porque meu avô nunca deixou que ela frequentasse a escola; entre outras.

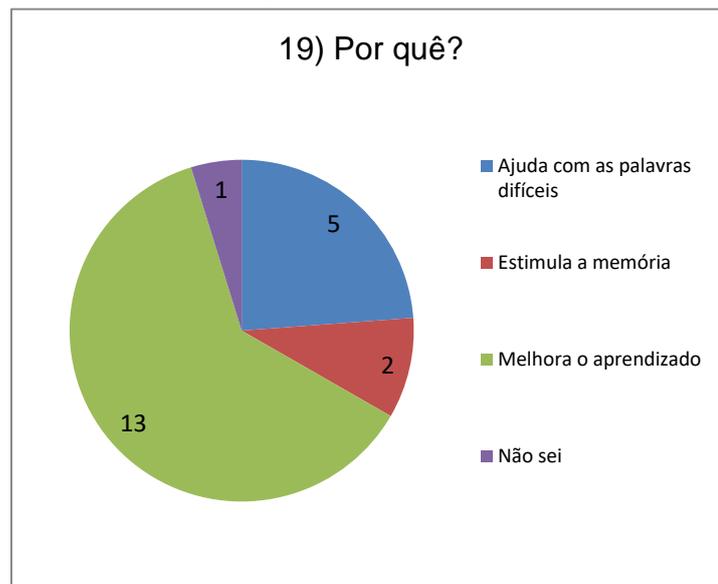
Gráfico 17 - Pais leitores.



Aqui, apesar de que na pergunta anterior, 10 alunos dos entrevistados afirmaram que os pais sabiam ler, apenas um respondeu que a mãe costuma ler livros em casa e ainda apenas livros de receitas. Os demais afirmaram nunca ter visto nenhum dos pais lendo qualquer tipo de livro que seja. Se um dos fatores para termos alunos leitores é o exemplo que eles têm em casa, aqui pode-se justificar, então, a falta de entusiasmo dos alunos quando o assunto é leitura.

Gráfico 18 - Importância da leitura na escola.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

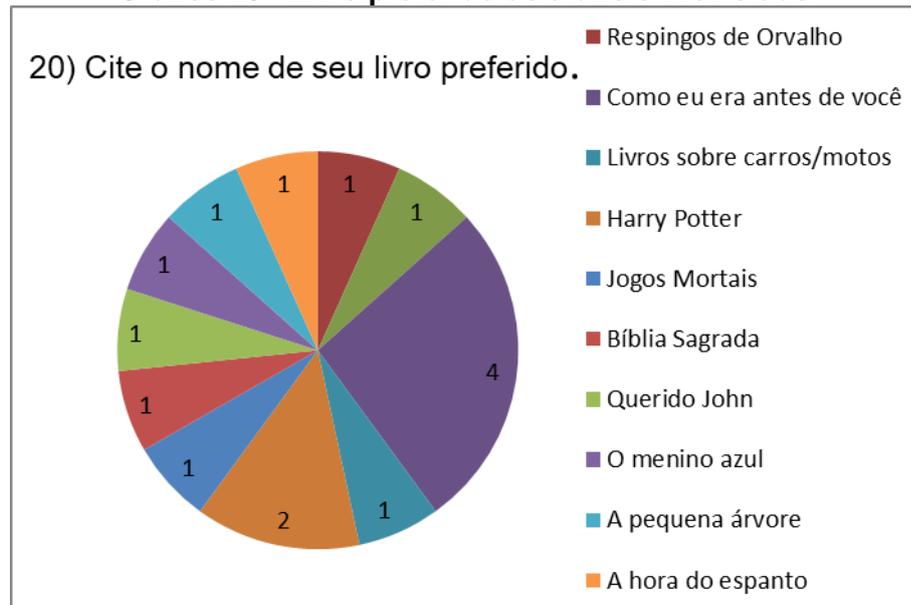
Gráfico 19 - Importância da leitura na escola.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Apesar de que as respostas à questão 18 tenha sido unânime e todos tenham afirmado que sim, na prática não é isso que vem acontecendo. Isso é possível de ser observado nas respostas dadas às perguntas anteriores. E também nas atividades desenvolvidas em sala de aula quando o assunto requer leitura e escrita. Os alunos percebem a importância da leitura para o seu próprio desenvolvimento crítico, mas isso não significa que eles leiam. Infelizmente esta turma tem apresentado, no decorrer do ano letivo, uma apatia muito grande em relação às atividades desenvolvidas nas aulas, independente da disciplina e do professor que estiver em sala. A justificativa apresentada na questão 19, embora 13

vezes tenha aparecido que a leitura em sala de aula melhora o aprendizado, 05 vezes que ajuda com as palavras difíceis, 02 vezes estimula a memória e 01 vez que não sabem, fica evidente que foram respostas do tipo para "agradar ao professor" e não respostas que eles realmente acreditam. Uma pena. Um grande desafio!

Gráfico 20 - Livro preferido do aluno entrevistado.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Esta última pergunta teve como objetivo sondar os gostos dos alunos e, também, para buscar sugestões de literaturas para a biblioteca da escola, uma vez que a escola procura sempre ouvir os alunos antes de efetuar compras tanto de livros quanto de jogos e quebra-cabeças educativos.

As respostas surpreenderam-me, pois nenhum dos livros trabalhados no decorrer do ano letivo foi citado como livro preferido. Vários livros foram citados, de vários gêneros, e apenas o livro *Como eu era antes de você* (2013), da autora britânica Jojo Moyes, recebeu dois votos. Este livro acabou virando um filme de grande sucesso e estreou no cinema em 2016 e talvez por isso mesmo tenha despertado o interesse dos alunos pela sua leitura.

Após a análise dos dados coletados através do questionário, foi possível perceber que os alunos consideram a leitura um fator importante para desenvolver seus conhecimentos. Mas, se esta conclusão foi possível através das respostas obtidas, porque é tão fácil perceber a falta de interesse dos mesmos quando o

assunto é "ler"? Eis aí um desafio aos professores e à escola: tornar as aulas que envolvam atividades de leitura mais atrativa, proporcionando aos alunos o contato e o conhecimento dos mesmos quanto às obras literárias de qualidade.

4.3 Cronograma da Sequência Básica

Com tudo pronto e organizado e o desafio exposto acima, é hora de começar a executar o cronograma da sequência básica que foi elaborada com fundamentação em Rildo Cosson (2012).

- **Motivação:** 06 horas aula de 50 minutos cada;
- **Introdução:** 02 horas aula de 50 minutos cada;
- **Leitura:** 04 horas aula de 50 minutos cada;
- **Interpretação:** 28 horas aulas de 50 minutos cada;
- **Apresentação:** 01 hora aula de 50 minutos;
- **Total:** 40 horas aulas de 50 minutos cada, sendo destas, 04 horas aulas de 50 minutos de reserva, destinadas a eventuais contratempos.

MOTIVAÇÃO:

1º Módulo: socializando a proposta com os alunos.

1ª Etapa: 01 aula de 50 minutos.

Objetivo:

- Apresentar a proposta de trabalho aos alunos.

Procedimentos metodológicos:

- Apresentação da proposta aos alunos, utilizando o *notebook* e o *data show* para que eles possam visualizar a UNEMAT e alguns dos trabalhos já publicados por outros mestrandos.

2º Módulo: Lendo Crônicas.

1ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Apresentar vídeos com adaptação de algumas crônicas;

- Ler e explorar algumas crônicas a fim de que os alunos se familiarizem com este gênero;
- Analisar a estrutura textual da crônica;
- Permitir que os alunos percebam a leveza e a semelhança da linguagem informal usada no gênero literário crônica bem como a crítica inferida nas situações do cotidiano.

Procedimentos metodológicos:

- Em sala de aula, com o auxílio do *notebook* e do *data show* será apresentada a adaptação de algumas crônicas e em seguida será realizada a leitura. Foram selecionados alguns textos de autores conhecidos, como por exemplo, Luís Fernando Veríssimo, com a crônica "O Nariz"; Carlos Drummond de Andrade e a crônica "Vó caiu na piscina" e, também, de um escritor mato-grossense - Eduardo Mahon, com a crônica "Civilização";
- Comentários individuais sobre as crônicas lidas.

3º Módulo – Explorando outras crônicas/cronistas

1ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Ler e explorar outras crônicas;
- Pesquisar sobre crônicas, quais os principais cronistas brasileiros e do Mato Grosso.

Procedimentos Metodológicos:

- Em sala de aula, provocar alguns questionamentos sobre o tema:
 - Você sabe o que é uma crônica?
 - Você já leu alguma crônica? Qual?
 - Quem era seu autor?
- No Laboratório de Informática, pesquisar e realizar leituras sobre as principais crônicas:
 - jornalística;

- humorística;
- histórica;
- descritiva;
- narrativa;
- dissertativa;
- poética e
- lírica.

O momento de leitura e pesquisa no Laboratório de Informática foi enfatizado que seria apenas uma leitura deleite, sem cobranças, apenas para o despertar do gosto pela leitura literária.

Aula de reserva: 01 aula de 50 minutos.

INTRODUÇÃO:

1º Módulo: apresentação do autor/obra

1ª Etapa: 01 aula de 50 minutos.

Objetivos:

- apresentar o autor cujas crônicas foram escolhidas para nortear o trabalho;
- apresentar a obra escolhida *Doutor Funéreo e outros contos de morte*;
- comentar sobre os autores que fazem parte da academia mato-grossense de Letras e a cadeira ocupada pelo autor escolhido.

Procedimentos metodológicos:

- Em sala de aula, com o auxílio de data *show* e *notebook* será apresentado o autor escolhido - Eduardo Mahon e uma breve biografia; suas obras: os livros de poesia que compõem a trilogia: *Meia Palavra Vasta* (2014), *Palavra de Amolar* (2015) e *Palavrazia* (2015), e os livros *O Cambista* (2014), *O Fantástico Encontro de Paul Zimmermann* (2016) e *Doutor Funéreo e outros contos de morte* (2014); sua página no *facebook*, que entre outros assuntos trazem algumas crônicas ainda não lançadas em livros, como é o caso da crônica “Civilização”, escolhida para servir de motivação inicial;

- Será apresentado o livro escolhido para a continuidade da sequência básica: *Doutor Funéreo e outros contos de morte* (2014), de Eduardo Mahon. A escolha deste livro se deu, pois, os alunos, nesta faixa etária, demonstram gostar de leituras que fale sobre a morte de uma forma leve, irônica. O livro é composto de 59 crônicas que, como bem declara Marília Beatriz de Figueredo Leite, na orelha da obra:

A morte não se revela, vem desvelada na letra escandida do autor que apresenta suas cintilações como se saboreasse o gosto filosófico do morrer. Mahon esculpe a morte com gesto e jeito simples. Relata: ‘era viúvo da sexta esposa e, nem por isso, deixou de acreditar no amor. (Contra capa do livro *Doutor Funéreo e outros contos de morte*, de Eduardo Mahon, 2014)

- ainda em sala de aula será criado grupos de cinco alunos, a livre escolha, para realizar os trabalhos de leituras da obra escolhida.

Aula de reserva: 01 aula de 50 minutos.

LEITURA:

Segundo Cosson, a leitura escolar precisa ser acompanhada pelo professor, ter direcionamento e objetivos claros a ser cumpridos, os quais não podem ser perdidos de vista. É preciso deixar claro que este acompanhamento não é um “policiamento” com intenção de ver se o aluno está ou não lendo; este acompanhamento deve ser o de perceber o processo de leitura do aluno para poder auxiliá-lo em suas dificuldades tanto de interpretação quanto de ritmo de leitura.

Como as crônicas são textos curtos, estas leituras serão possíveis de serem realizadas em sala de aula, algumas individuais e silenciosas, outras, oral para o coletivo. Caberá ao professor estipular o tempo que julgar necessário para a leitura das crônicas escolhidas, sempre lembrando que há alunos que são mais rápidos e outros que são mais lentos.

1º Módulo: Distribuição dos exemplares do livro *Doutor Funéreo e outros contos de morte*

1ª Etapa: 01 aula de 50 minutos.

Objetivos:

- Dividir as 59 crônicas que compõem o livro entre os cinco grupos de alunos; -
- Encaminhar a leitura dos grupos.

Procedimentos Metodológicos:

- Em sala de aula fazer a distribuição das crônicas para que sejam lidas entre os grupos, determinando um tempo e lugar para a leitura dos textos.

2º Módulo: Leitura das crônicas

1ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Ler as crônicas destinadas a cada grupo;
- Relacionar o que mais chamou a atenção em cada uma delas e por quê.

Procedimentos Metodológicos:

- Para este momento de leitura, o espaço escolhido será a biblioteca, pois possui um ambiente adequado, com tapetes, almofadas, cadeiras, mesas e ar condicionado e sob a orientação do professor será realizada as leituras e ao final as anotações que acharem necessárias.

Cosson (2012, p.29-30), em seu livro *Letramento Literário* afirma que:

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. [...] se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. [...] É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

A intenção desta leitura será apenas prazer e também que os alunos leiam a obra toda.

Aula de reserva: 01 aula de 50 minutos.

INTERPRETAÇÃO:

Neste campo, quando o assunto é interpretação, encontramos várias definições sobre o tema, entretanto destaca-se Cosson que nos recomenda não ignorar a complexidade da questão em si e, também, não transformá-la em um obstáculo que deverá ser transpassado. Para tanto, ele nos propõe dois momentos quando o tema é interpretação: o interior e o exterior. O interior acontece quando ocorre a decifração de palavra por palavra, página por página e, é um processo individual, que poderá levar o leitor a se achar ou se perder em seu labirinto de palavras. O exterior é aquele que possibilita a concretização, a materialização da interpretação. É a hora em que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que se faz independente dela. "... quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo e até aconselhar a leitura dele a um colega ..." (COSSON, 2012, p.65).

1º Módulo: Socialização das crônicas lidas

1ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Socializar as crônicas lidas aos demais alunos;
- Comentar as anotações feitas de cada crônica lida;

Procedimentos Metodológicos:

- Em sala de aula, cada grupo socializará as crônicas que leu, citando o nome e a página do livro onde se encontra. A cada crônica citada será lida as anotações que o grupo fez e os demais alunos poderão contribuir, independentemente de ser ou não de outros grupos. A socialização poderá ser feita por apenas um integrante do grupo ou por todos.

Aqui o professor explicará que não cabe supor que há uma só, mas que também deverá haver um limite de interpretações e que estas deverão ser buscadas sempre na coerência da leitura.

2º Módulo: Externalização da leitura através da produção escrita

1ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivo:

- Reescrever uma crônica adaptando-a ao seu cotidiano;

Procedimentos Metodológicos:

- Em sala de aula, cada aluno escolherá uma das crônicas lidas e fazer a reescrita adaptando-a ao seu cotidiano, envolvendo pessoas conhecidas, lugares do bairro ou da cidade onde mora.

No desenvolvimento desta etapa, será possível perceber/identificar as dificuldades de escrita que os alunos apresentam e trabalhar com elas em horário posterior e se necessário, individualmente. Este texto será o primeiro a compor a coletânea que dará vida ao nosso produto final: o *blog*.

2ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivo:

- Socializar a crônica reescrita.

Procedimentos Metodológicos:

- Na biblioteca, em uma roda de leitura, cada aluno lerá sua crônica para os colegas. (Caso algum não se sinta à vontade, ficará isento da fazer a leitura)

3º Módulo: Criação do *Blog* da turma

1ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Conhecer um *blog*;
- Entender para que serve um *blog*;
- Escolher um nome para o *blog* da turma;

Procedimentos Metodológicos:

- Na sala de aula, utilizando *data show* e *notebook*, apresentar aos alunos o *blog* “mídiasrozi.blogspot.com” de autoria da pesquisadora em questão e, também, outros *blogs* tanto para fins educativos quanto entretenimento. Depois de esclarecidas as possíveis dúvidas surgidas, ainda em sala de aula, será o momento para a escolha do nome do *blog* da turma. Essa escolha será definida por eles e de como será também.

2ª Etapa: 03 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Criar um *blog* para a turma;
- Criar um *login* de acesso a todos os alunos da turma;
- Possibilitar que os alunos aprendam como postar e comentar no *blog*.

Procedimentos Metodológicos:

- No laboratório de informática da escola – LIED (Laboratório de Informática Educativa) e com o auxílio de *data show* será apresentado aos alunos o site *www.wix.com* que será utilizado para criar o *blog*. Este site permite a criação de um *blog* de forma rápida e fácil. A cada passo, na criação do *blog*, será a turma quem irá decidir desde o plano de fundo até o tipo de letra que será usado.

Depois do *Blog* criado, será a hora de criar um *login* e senha para a turma, permitindo que todos possam postar e também comentar as postagens dos colegas.

3ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivo:

- Postar os primeiros textos produzidos pelos alunos.

Procedimento Metodológico:

- Com o primeiro texto pronto para ser publicado, será a hora de alimentar o *blog*, porque as produções dos alunos não terão mais como destino apenas a gaveta do professor ou uma nota para o final do bimestre. Passam a ter um valor social onde outras pessoas poderão ler ao visitar o *blog* e, inclusive, deixar seus comentários, até porque, o mesmo será de responsabilidade das turmas dos 9ºs anos, que terão que alimentá-lo com suas produções, todos os anos. A intenção é torná-lo parte integrante do currículo do 9º ano e de responsabilidade dos alunos e do professor de Língua Portuguesa, sempre aberto às demais disciplinas.

- No laboratório de informática, cada um com seu computador postará a primeira produção feita: a reescrita da crônica. Como tarefa, todos deverão ler e tecer um breve comentário sobre cada texto lido.

4º Módulo: Escrevendo Crônicas

1ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Conhecer os diferentes tipos de crônicas; -
- Conhecer algumas etapas para se escrever uma crônica.

Procedimentos Metodológicos:

- Depois dos textos publicados será necessário que se faça uma breve retomada sobre crônicas a fim de perceber que ao ler crônicas, o aluno conhecerá a visão de mundo daquela pessoa que escreveu o texto. Tão interessante quanto isso é permitir que o aluno encontre a sua forma de ver e questionar o mundo ao seu redor. Como? Escrevendo sua própria crônica. Além de observar mais atentamente as pessoas e situações que fazem parte do seu dia-a-dia, ele estará exercitando sua redação ao tentar construir textos claros e, ao mesmo tempo, criativos.

Em sala de aula, com o auxílio do quadro e pincel, será feita uma retomada sobre crônicas e suas principais características. Será, também, socializado as etapas que poderão servir como um guia ao aluno que está se aventurando pelo mundo da crônica. Com o tempo, ele desenvolverá seu próprio processo criativo e o texto surgirá de forma natural, sem que seja necessário seguir etapas definidas.

Etapas para escrever uma crônica:

1. Escolha algum acontecimento atual que lhe chame a atenção. (Você pode procurá-lo em meios como jornais, revistas e noticiários. Outra boa forma de encontrar um tema é andar, abrir a janela, conversar com as pessoas, ou seja, entrar em contato com a infinidade de coisas que acontecem ao seu redor. Tudo pode ser assunto para uma crônica. É importante que o tema escolhido desperte o seu interesse, cause em você alguma sensação interessante: entusiasmo, horror, desânimo, indignação, felicidade... isso pode ajudá-lo a escrever uma crônica com maior facilidade.);

2. Agora que já selecionou um acontecimento interessante, tente formular algumas opiniões sobre esse fato. (Você pode fazer uma lista com essas ideias antes de começar a crônica propriamente dita. Frases como as que seguem abaixo podem ser um bom começo para você fazer a sua lista: "Quando penso nesse fato, a primeira ideia que me vem à mente...", "A minha opinião sobre esse fato é...", "Se eu estivesse nessa situação, eu...", "Ao saber desse fato eu me senti..." "Sobre esse

fato, as pessoas estão dizendo que...", "A solução para isso...", "Esse fato está relacionado com a minha realidade, pois...". Como você deve ter notado, é muito importante que o seu ponto de vista, a sua forma de ver aquele fato fique evidente. Esse é um dos elementos que caracterizam a crônica: uma visão pessoal de um evento.);

3. Com opiniões formadas sobre o acontecimento escolhido, é hora de escrever a crônica. (Seu ponto de partida pode ser o próprio fato, mas esse também pode ser mencionado ao longo do texto. Escreva! Pratique! E procure usar a criatividade para criar seu próprio estilo, pois é isso que faz de um escritor um bom cronista.)

Após a leitura e comentários sobre as etapas para se escrever uma crônica, será a hora de o aluno começar a escrever sua crônica.

2ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivo:

- Escrever crônicas.

Procedimentos Metodológicos:

- Em sala de aula, cada aluno produzirá sua crônica.

Durante a escrita será fundamental a percepção do professor em relação às possíveis dificuldades apresentadas por seus alunos. Detectada essa dificuldade é hora de o professor mediador entrar em ação e se necessário atender o aluno em particular, até em horário contra turno.

3ª Etapa: 04 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Leitura das crônicas;
- Reescrita das crônicas.

Procedimentos Metodológicos:

- Em sala de aula, serão distribuídas outras obras do escritor Eduardo Mahon (já citadas acima) para que os alunos tomem conhecimento. Enquanto isso, o professor terá a oportunidade de, juntamente com o aluno-autor, ler e perceber as possíveis reescritas da mesma. A reescrita será para que o aluno corrija suas dificuldades.

5º Módulo: Socializando as crônicas

1ª Etapa: 04 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Publicar as crônicas no *blog* da turma;
- Ler e comentar as crônicas dos colegas.

Procedimentos Metodológicos:

- No laboratório de informática, cada aluno terá um tempo determinado para a digitação da crônica que escreveu e em seguida publicar a mesma no *blog*. Após a publicação, os alunos lerão as crônicas dos colegas e tecerão comentários.

2ª Etapa: 02 aulas de 50 minutos.

Objetivos:

- Organizar, em *slides*, a apresentação do *Blog* à comunidade escolar.
- Escolher, entre eles, quem fará a apresentação do *blog* e quem fará a leitura de sua crônica.

Procedimento Metodológico:

- Em sala de aula, os alunos farão a seleção de quais crônicas serão lidas na apresentação à comunidade escolar e quem ou quais alunos farão a apresentação do *blog* utilizando-se de *slides*, *data show*, telão e microfones. Será organizado um roteiro para as apresentações, começando com a socialização da proposta feita pela professora pesquisadora.

Esta socialização acontecerá no período noturno, com data previamente agendada junto à direção da escola e envio de convites aos pais e mães dos alunos dos dois turnos. Será necessário que os alunos e a professora expliquem aos pais e mães a função do *blog* como ferramenta pedagógica bem como a distribuição do endereço eletrônico para que possam visitá-lo também e até comentar se assim o desejarem.

Aula reserva: 01 aula de 50 minutos.

4.3.1 MOTIVAÇÃO - APLICAÇÃO

Cosson (2014, p. 54) afirma que é necessário o preparo do aluno antes de cada leitura. Este preparar o aluno chama-se *motivação* e esta não deve se tornar uma etapa muito extensa, cansativa.

1º Módulo: Socialização da proposta com os alunos

1ª etapa - 01 aula - foi o momento da apresentação da proposta aos alunos e para melhor entendimento, iniciou-se a fala discorrendo sobre o que é um curso de Mestrado, para que serve e como isso iria interferir na rotina de aulas deles. Também, neste momento, foi possível questionar sobre os hábitos de leitura e sobre o domínio e conhecimento de ferramentas da *internet* entre elas o *blog*.

Para socializar a proposta, optou-se pela utilização do *notebook* e *data show*. Em formato de *slides*, o projeto foi discutido e alguns alunos - 15 - se prontificaram a participar ativamente de todas as atividades propostas. Os demais - 07 - se recusaram, mas não sem antes questionar a possibilidade de a recusa interferir no aproveitamento disciplinar dos mesmos. Esclarecidas as dúvidas, aproveitou-se o momento para mostrar algumas imagens da UNEMAT e alguns trabalhos (dissertações) já publicados por outros mestrandos. Na divulgação da proposta e exibição dos *slides* todos os alunos participaram e fizeram perguntas relacionadas ao fato de ter que produzir um texto tão grandão (Dissertação) para poder ser chamado de Mestre!

Imagem 1 - Prédio da Unemat/Sinop



Fonte: diariodanoticia

2º Módulo: Lendo Crônicas

1ª Etapa - 02 aulas - com o auxílio de *notebook* e *data show* foi apresentado vídeos de adaptações de algumas crônicas e em seguida foram distribuídas as crônicas para que eles lessem.

Para esta atividade foram selecionados textos de autores conhecidos, como por exemplo, Luís Fernando Veríssimo e a crônica *O Nariz*; Carlos Drummond de Andrade e a crônica *Vó caiu na piscina* e, também a crônica *Civilização* do autor mato-grossense Eduardo Mahon.

O primeiro vídeo foi uma adaptação da crônica *O Nariz*, feita pelo Colégio Ágape Colombo/PR.

Imagem 2 - Print do You Tube da crônica O Nariz



https://youtu.be/4uHE_cETVd0

Após a apresentação do vídeo os alunos tiveram alguns minutos para a leitura da crônica *O Nariz* e em seguida houve algumas discussões sobre a questão levantada pelo dentista: "Então eu não sou eu? Eu sou o meu nariz?" Aqui os alunos puderam expor seus pensamentos em relação ao preconceito que implicitamente estava na crônica; a questão de julgar as aparências e se deixar levar por elas; a teimosia do dentista que preferiu perder a família, a clínica, os clientes, mas não se desfez de um "capricho".

Por se tratar de um texto curto, segue ele aqui na íntegra para apreciação dos leitores desse relatório:

Crônica 1 - O Nariz

Era um dentista respeitadíssimo. Com seus quarenta e poucos anos, uma filha quase na faculdade. Um homem sério, sóbrio, sem opiniões surpreendentes, mas de uma sólida reputação como profissional e cidadão. Um dia, apareceu em casa com um nariz postiço. Passado o susto, a mulher e a filha sorriram com fingida tolerância. Era um daqueles narizes de borracha com óculos de aros pretos, sobrancelhas e bigodes que fazem a pessoa ficar parecida com o Groucho Marx. Mas o nosso dentista não estava imitando o Groucho Marx. Sentou-se à mesa do almoço – sempre almoçava em casa – com a retidão costumeira, quieto e algo distraído. Mas com o nariz postiço.

– O que é isso? - perguntou a mulher depois da salada, sorrindo menos.

– Isto o que?

– Esse nariz.

– Ah, vi numa vitrine, entrei e comprei.

– Logo você, papai...

Depois do almoço ele foi recostar-se no sofá da sala com fazia todos os dias. A mulher impacientou-se.

– Tire esse negócio.

– Por quê?

– Brincadeira tem hora.

– Mas isto não é brincadeira.

Sesteou com o nariz de borracha para o alto. Depois de meia hora, levantou-se e dirigiu-se para a porta. A mulher o interpelou:

– Aonde é que você vai?

– Como, aonde é que eu vou? Voltar para o consultório.

– Mas e esse nariz?

– Pense nos vizinhos. Pense nos clientes.

Os clientes, realmente, não compreenderam o nariz de borracha. Deram risadas (“Logo o senhor doutor...”), fizeram perguntas, mas terminaram a consulta intrigados e saíram do consultório com dúvidas.

– Ele enlouqueceu?

– Não sei – respondia a recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos. - Nunca vi ele assim.

Naquela noite, ele tomou seu chuveiro, como fazia sempre antes de dormir. Depois, vestiu o pijama e o nariz postiço e foi se deitar.

– Você vai usar esse nariz na cama? - perguntou a mulher.

– Vou. Aliás não vou mais tirar esse nariz.

– Mas, por quê?

– Por que não?

Dormiu logo. A mulher passou a metade da noite olhando para o nariz de borracha. De madrugada começou a chorar baixinho. Ele enlouquecera. Era isto. Tudo estava acabado. Uma carreira brilhante, uma reputação, um nome, uma família perfeita, tudo trocado por um nariz postiço.

– Papai...

– Sim, minha filha.

– Podemos conversar?

– Claro que podemos.

– É sobre esse seu nariz.

– O meu nariz, outra vez? Mas vocês só pensam nisso?

– Papai, como é que nós não vamos pensar? De uma hora para outra, um homem como você resolve andar com um nariz postiço e não quer que ninguém note?

– O nariz é meu e vou continuar a usar.

– Mas por que, papai? Você não se dá conta de que se transformou no palhaço do prédio? Eu não posso mais encarar os vizinhos, de vergonha. A mamãe não tem mais vida social.

– Não tem porque não quer...

– Como é que ela vai sair na rua com um homem de nariz postiço?

– Mas eu não sou “um homem”. Sou eu. O marido dela. O seu pai. Continuo o mesmo homem. Um nariz de borracha não faz nenhuma diferença.

– Se não faz nenhuma diferença, então por que usar?

– Se não faz diferença, por que não usar?

– Mas, mas...

– Minha filha.

– Chega! Não quero mais conversar. Você não é mais meu pai!

A mulher e a filha saíram de casa. Ele perdeu todos os clientes. A recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos, pediu a demissão. Não sabia o que esperar de um homem com um nariz postiço. Evitava aproximar-se dele. Mandou o pedido de demissão pelo correio. Os amigos mais chegados, numa última tentativa de salvar sua reputação, o convenceram a consultar um psiquiatra.

– Você vai concordar – disse o psiquiatra, depois de concluir que não havia nada errado com ele – que seu comportamento é um pouco estranho...

– Estranho é o comportamento dos outros! - disse ele. - Eu continuo o mesmo. Noventa e dois por cento do meu corpo continua o que era antes. Não mudei a maneira de vestir, nem de pensar, nem de me comportar. Continuo sendo um ótimo dentista, um bom marido, bom pai, contribuinte, sócio do Fluminense, tudo como antes. Mas as pessoas repudiam todo o resto por causa deste nariz. Um simples nariz de borracha. Quer dizer que eu não sou eu, eu sou o meu nariz?

– É ... - disse o psiquiatra – Talvez você tenha razão...

O que é que você acha, leitor? Ele tem razão? Seja como for, não se entregou. Continua a usar nariz postiço. Porque agora não é mais uma questão de nariz. Agora é uma questão de princípios.

Veríssimo, Luís Fernando (O analista de Bagé. Porto Alegre, Palotti, 1981. p.39-41)

Em seguida foi a vez do vídeo que retratou a adaptação da crônica “Vó caiu na piscina”. Este vídeo foi produzido Margaret Ferreira – Saturninn:

Imagem 3 - Print do You Tube da crônica Vó caiu na piscina



<https://youtu.be/mqDPI9UzZhs>

Terminada a exibição o mesmo procedimento foi adotado: entrega da crônica Vó caiu na piscina para que os alunos fizessem uma leitura silenciosa. Depois da leitura, surgiu alguns comentários sobre a questão de não se interpretar corretamente os verbos e o que isso poderia acarretar. Alguns alunos citaram exemplos de interpretação errônea de expressões e alguns, ainda, sugeriram formas diferentes de comunicação entre o filho e o pai a respeito do acontecido: "Papai, corre que a vovó escorregou e caiu na piscina!" ou "Socorro! Vovó caiu na piscina!"

Segue a transcrição na íntegra do texto para apreciação:

Crônica 2 - Vó caiu na piscina

Noite na casa da serra, a luz apagou. Entra o garoto:

– Pai, vó caiu na piscina.

– Tudo bem, filho.

O garoto insiste:

– Escutou o que eu falei, pai?

– Escutei, e daí? Tudo bem.

– Cê não vai lá?

– Não estou com vontade de cair na piscina.

– Mas ela tá lá...

– Eu sei, você já me contou. Agora deixe seu pai fumar um cigarrinho descansado.

– Tá escuro, pai.

– Assim até é melhor. Eu gosto de fumar no escuro. Daqui a pouco a luz volta. Se não voltar, dá no mesmo. Pede à sua mãe pra acender a vela na sala. Eu fico aqui mesmo, sossegado.

- Pai...
- Meu filho, vá dormir. É melhor você deitar logo. Amanhã cedinho a gente volta pro Rio, e você custa a acordar. Não quero atrasar a descida por sua causa.
- Vó tá com uma vela.
- Pois então? Tudo bem. Depois ela acende.
- Já tá acesa.
- Se está acesa, não tem problema. Quando ela sair da piscina, pega a vela e volta direitinho pra casa. Não vai errar o caminho, a distância é pequena, você sabe muito bem que sua avó não precisa de guia.
- Por quê você não acredita no que eu digo?
- Como não acredito? Acredito sim.
- Você não tá acreditando.
- Você falou que a sua avó caiu na piscina, eu acreditei e disse: tudo bem. Que é que você queria que eu dissesse?
- Não, pai, você não acreditou ni mim.
- Ah, você está me enchendo. Vamos acabar com isso. Eu acreditei. Quantas vezes você quer que eu diga isso? Ou você acha que estou dizendo que acreditei, mas estou mentindo? Fique sabendo que seu pai não gosta de mentir.
- Não te chamei de mentiroso.
- Não chamou, mas está duvidando de mim. Bem, não vamos discutir por causa de uma bobagem. Sua avó caiu na piscina, e daí? É um direito dela. Não tem nada de extraordinário cair na piscina. Eu só não caio porque estou meio resfriado.
- Ô, pai, você é de morte!
- O garoto sai, desolado. Aquele velho não compreende mesmo nada. Daí a pouco chega a mãe:
- Eduardo, você sabe que dona Marieta caiu na piscina?
- Até você, Fátima? Não chega o Nelsinho vir com essa ladainha?
- Eduardo, está escuro que nem breu, sua mãe tropeçou, escorregou e foi parar dentro da piscina, ouviu? Está com a vela acesa na mão, pedindo para que tirem ela de lá, Eduardo! Não pode sair sozinha, está com a roupa encharcada, pesando muito, e se você não for depressa, ela vai ter uma coisa! Ela morre, Eduardo!
- Como? Por que aquele diabo não me disse isto? Ele falou apenas que ela tinha caído na piscina, não explicou que ela tinha tropeçado, escorregado e caído! Saiu correndo, nem esperou a vela, tropeçou, quase que ia parar também dentro d'água.
- Mamãe, me desculpe! O menino não me disse nada direito. Falou que a senhora caiu na piscina. Eu pensei que a senhora estava se banhando.
- Está bem, Eduardo – disse dona Marieta, safando-se da água pela mão do filho, e sempre empunhando a vela que conseguira manter acesa. – Mas de outra vez você vai prestar mais atenção no sentido dos verbos, ouviu? Nelsinho falou direito, você é que teve um acesso de burrice, meu filho!

ANDRADE, Carlos Drummond de.

Vó caiu na piscina. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996

Para finalizar esta etapa, foi entregue aos alunos uma cópia da crônica *Civilização*, de Eduardo Mahon. Como esta não tinha uma adaptação em vídeo, foi proposta a leitura oral. Alguns alunos fizeram a leitura entre risos. Uns paravam de ler para tecer comentários do tipo "Gente, a cara da minha mãe!", "Minha sobrinha come o pão bem assim!", "Nossa! Adoro chupar manga assim e depois lamber os dedos!".

Também o texto do autor mato-grossense segue para leitura:

Crônica 3 - Civilização

Aqui em casa, há uma luta surda entre a barbárie e a civilização. No microcosmo da minha própria residência, percebo que três crianças oscilam em instintos primitivos. Tudo começa nas primeiras horas do dia. A mesa posta, prato, talher, xícara, guardanapo etc, é invadida pelo conjunto de bárbaros descabelados. Na lista de prioridades, a última coisa que se lembram é de escovar os dentes ou lavar as mãos. Esses pequenos vikings arrastam as cadeiras e sentam-se reclamando comida. Nacos de queijo são consumidos sem cerimônia, como litros de iogurte e montanhas de pão. Pessoalmente, abomino quem mergulha o pão no café com leite. É uma prática repugnante conduzir o pedaço de pão mole à boca que espera igualmente mole, coisa para velhos que já perderam todos os dentes e deixam respingar o resto do líquido pelos sulcos do rosto que se encontram no queixo. Para meus filhos, porém, que estão na primeira dentição, dura como um diamante, resistente como em castores, nenhuma catequese ou etiqueta servem. Tudo piora quando me pedem que passe manteiga no pão. Então, afogam-no melecado no fundo da xícara de porcelana até lambuzarem os dedos miúdos, trazendo um conjunto inchado, completamente descaracterizado como um corpo que boia no rio. O resultado são poças de café com leite no canto do prato, um dos pecados capitais para a velha Socila. Falta apenas comerem com garfos de três pontas, usar o punhal para descascar mangas, comer coxas de javali assadas entre dentadas. No almoço, por vezes, pedem para misturar. Não é digno. Misturar arroz, feijão, carne e farinha e formar um bolo indistinto de comida no garfo é coisa de hunos famintos em suas campanhas a cavalo ou dos mongóis que lutavam nos prados gelados para invadir a China. Foram eles que palitavam os dentes com facas até obterem a completa digestão. De minha parte, também travo as minhas pelejas. Luto pela vitória da civilização, pelo uso do guardanapo, pelo pão amanteigado comido à parte do café com leite, pelo garfo de quatro pontas, tudo o que os franceses nos legaram à custa das cabeças decepadas pela máquina do doutor Guilhotin. Não é fácil, a contenda é desigual. No íntimo da molecada, está a força atávica que empurra o ser humano ao retorno primevo, para o alto da mata a caçar frutas nas árvores e piolhos na cabeça. Eis aí onde se encontra, na escala civilizatória, quem molha o pão no café com leite, mistura macarrão com feijão, come carnes com frutas em calda e usa as costas das mãos para limpar a boca que vaza. Da lista de atrocidades, o pior é a mistura do macarrão com feijão. A ONU deveria se posicionar a respeito, incluindo a prática malévola

nos crimes contra a humanidade. Na minha família materna, composta por matronas italianas, quem cortasse o macarrão à mesa era proscrito em definitivo do convívio dominical, um criminoso irrecuperável e esquecido pelas tias-avós. A última sobrevivente da linhagem dos carcamanos ainda servia o café numa pequena xícara apoiada em paninho bordado à mão que repousava por cima do pires; o pão vinha numa cesta de vime, coberta em linho da Ilha da Madeira. Não é só na minha casa que se dá o conflito civilizatório. Trata-se de uma luta diária entre a vontade de australopitecos e a grandeza do homo sapiens toda a vez que nos deparamos com uma coxa de frango na frente. Não serei vencido. Me recuso dar um passo atrás. Comigo, é açúcar refinado e pão seco. Macarrão com manteiga e queijo. Em feijoada que se dê ao respeito aparta-se o feijão das carnes, assim como os cozidos em geral. São milênios de civilização que me empenho em conservar, a despeito da teimosia dos meus filhos que, sentados no chão, usam o polegar opositor para meter uma manga bourbon na boca como se não houvesse amanhã.

Eduardo Mahon

A foto a seguir ilustra a apresentação de alguns vídeos de adaptações das crônicas lidas. Esta aula foi no Laboratório de Informática da Escola.

Imagem 4 - Aula sobre crônicas



Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora

1ª Etapa - 02 aulas - nesta etapa, com os alunos sentados em círculo, foi feito alguns questionamentos e solicitado que anotassem em seus cadernos as respostas:

- Você sabe o que é uma crônica?
- Você já leu alguma crônica? Qual?
- Quem era seu autor?

A foto de número 05 ilustra a apresentação de alguns vídeos de adaptações das crônicas lidas. Esta atividade foi durante uma das aulas.

Imagem 5 - Questionamentos sobre crônicas



Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora

Depois que todos registraram suas respostas, foi a vez de ir ao Laboratório de Informática para, em grupos de três alunos (pois somente cinco computadores estavam funcionando), pesquisar (anotando em seus cadernos) e realizar leituras sobre os principais tipos de crônicas:

- Jornalística;
- Humorística;
- Histórica;
- Descritiva;

- Narrativa;
- Poética e
- Lírica.

A leitura de outras crônicas foi de livre escolha e alguns preferiram assistir pelo *You Tube* as adaptações. Esta atividade foi apenas para despertar o gosto pela leitura, pela Literatura. Sem cobranças posteriores.

Nesta foto, os alunos estão no Laboratório de Informática, fazendo leituras livres de crônicas; descobrindo outros com outros cronistas.

Imagem 6 - Leitura livre de crônicas



Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora

4.3.2 INTRODUÇÃO - APLICAÇÃO

Para este momento da introdução que, segundo Cosson (2012) é o processo de letramento literário onde se faz a apresentação do autor e da obra escolhida para o desenvolvimento da atividade, foi proposto três objetivos:

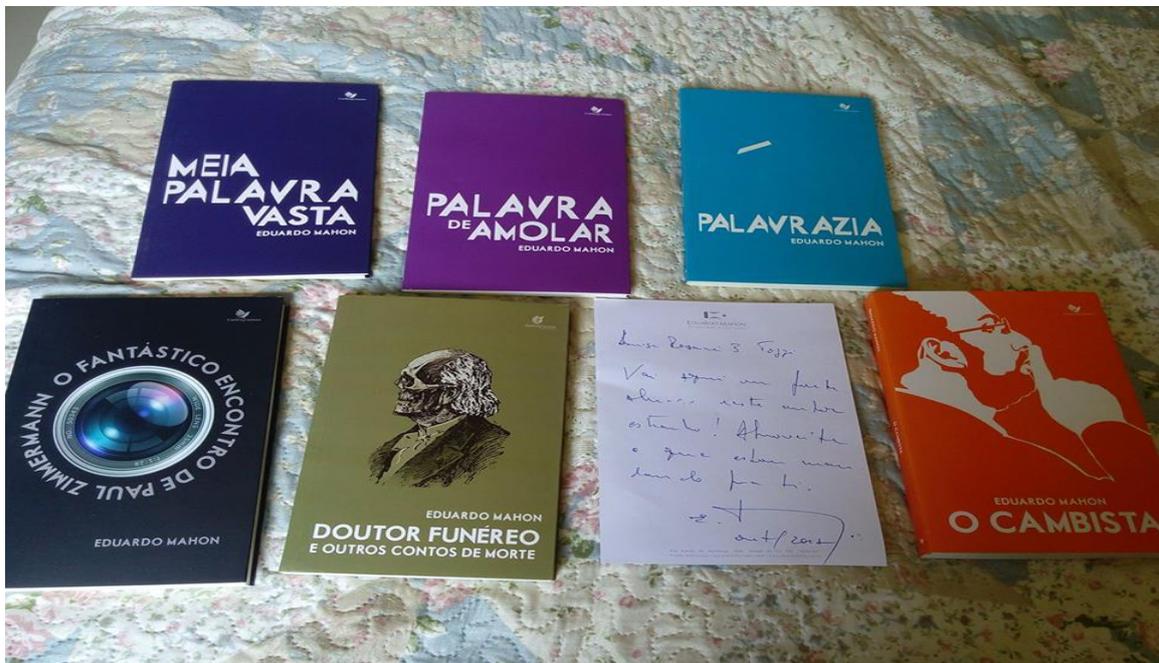
1º - apresentação do autor cujas crônicas foram escolhidas para nortear os trabalhos;

2º apresentação da obra escolhida *Doutor Funéreo e outros contos de morte* e 3º - comentar sobre os autores que fazem parte da Academia Mato-grossense de Letras e também que o autor escolhido faz parte desta academia.

1º Módulo: apresentação do autor/obra

1ª Etapa: 01 aula - esta etapa foi desenvolvida em sala de aula, com o auxílio do *notebook* e *data show* para apresentação do autor escolhido: Eduardo Mahon e uma breve biografia sobre ele; também foi possível apresentar as obras dele: os livros de poesia que compõem a trilogia *Meia Palavra Vasta* (2014), *Palavra de Amolar* (2015) e *Palavrazia* (2015); os livros *O Cambista* (2014), *O Fantástico Encontro de Paul Zimmermann* (2016) e *Doutor Funéreo e outros contos de morte* (2014), além de sua página do *Facebook* que entre assuntos diversos trazem algumas crônicas ainda não lançadas em livros, como é o caso da crônica *Civilização*, uma das escolhidas para motivação inicial.

Imagem 7: Livros do escritor Eduardo Mahon



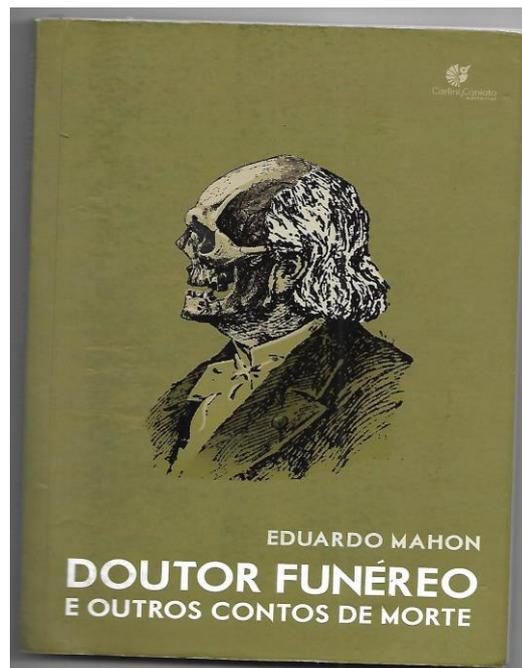
Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora

Imagem 8: Página do Facebook do escritor Eduardo Mahon



No segundo momento foi a vez da apresentação do livro escolhido para o desenvolvimento da sequência básica: *Doutor Funéreo e outros contos de morte*, do autor mato-grosseense Eduardo Mahon. Este livro foi escolhido porque, na faixa etária em que se encontram os alunos (13 a 14 anos) eles demonstram gostar muito de leituras que falam sobre a morte, especialmente se for de uma forma leve, irônica.

Imagem 9 - Exemplar do livro



Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora

Como sequência do desenvolvimento das atividades, num terceiro momento, foi criado grupos de cinco alunos, a livre escolha para, na aula seguinte, dar início às leituras das crônicas. Neste processo utilizou-se a aula reserva.

4.3.3 LEITURA - APLICAÇÃO

Quando se faz imprescindível a leitura, por parte dos alunos, percebe-se certa resistência. Isso fica claro segundo dados apontados pelos resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), que comprovou que *o público brasileiro tem uma média de leitura inferior a cinco livros por ano e 30% dos entrevistados nunca comprou um livro*, aumentando o desafio de incluir esse costume na população. Segundo a pesquisa, “*gostar de ler*” tem-se revelado mais com o público infantil, motivo pelo qual fica evidente a necessidade de *estimular os momentos de leitura desde a infância*.

1º Módulo: Distribuição dos exemplares do livro Doutor Funéreo e outros contos de morte

1ª Etapa: 01 aula - aqui nesta etapa o objetivo foi dividir as 59 crônicas que compõem o livro entre os cinco grupos de alunos (formados na aula anterior) e fazer os encaminhamentos básicos para a realização da leitura. Para o instante de leitura em grupos, optou-se por deixar que cada grupo escolhesse um lugar que mais lhe fosse prazeroso para a realização desta etapa da sequência.

2º Módulo: Leitura das crônicas

1ª Etapa: 02 aulas - este foi o tempo destinado aos grupos para a realização da leitura das crônicas. Aqui cada grupo escolheu a forma que quis para ler e em seguida cada um deveria relacionar em seu caderno o que mais chamou a atenção em cada crônica lida.

Esta primeira leitura foi apenas para deleite e também para que os alunos pudessem ler a obra toda. Tirar dúvidas sobre palavras desconhecidas, como se pode observar na foto a seguir.

Imagem 10 - Leitura das crônicas



Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora

4.3.4 - INTERPRETAÇÃO - APLICAÇÃO

1º Módulo: Socialização das crônicas lidas

1ª Etapa: 02 aulas - nesta primeira etapa da Interpretação, o objetivo era fazer com que os alunos socializassem aos colegas as crônicas lidas, fazendo os comentários e impressões que tiveram durante a leitura. Este tempo de socialização aconteceu em sala de aula e contou com a participação dos quinze alunos que se propuseram a participar do projeto. Os demais alunos não estavam presentes, uma vez que a atividade ocorreu no contra turno.

Este foi o momento adequado para o professor explicar que não há uma só interpretação e que todas estão certas desde que corroborem na coerência da leitura.

2º Módulo: Externalização da leitura através da produção escrita

1ª Etapa: 02 aulas - como o objetivo desta etapa era a reescrita da crônica lida, chegou então a hora de cada aluno escolher uma das crônicas apresentadas e fazer a reescrita adaptando-a ao seu cotidiano, podendo envolver pessoas conhecidas, lugares do bairro ou da cidade onde mora.

Esta reescrita possibilitou ao professor perceber/identificar as dificuldades de escrita que os alunos apresentam e trabalhar com elas num momento posterior e, alguns individualmente. Este texto será o primeiro a compor a coletânea que dará vida ao produto final: o *blog*.

Para incentivar a reescrita dos alunos, a pesquisadora também escolheu uma das crônicas e a reescreveu. Todas as atividades desenvolvidas pelos alunos e utilizadas neste projeto serão denominadas por Aluno 01, Aluno 02, e assim sucessivamente. Esta denominação foi adotada por eles, uma vez que eles preferiram resguardar seus nomes nas publicações. E assim foi feito.

Abaixo, na foto, é possível observar os concentrados nas atividades de reescrita das crônicas.

Imagem 11 - Reescrita das crônicas



Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora

Algumas crônicas reescritas foram selecionadas para compor o projeto: o primeiro texto é do Eduardo Mahon e em seguida os textos da reescrituras, que no Blog compõem a coletânea "A Arte de Reescrever".

Aqui, no ápice do desenvolvimento do projeto, quando as primeiras produções começaram a tomar forma é que se pode perceber que a dificuldade maior dos alunos está na produção escrita. Muitos, a princípio, pensaram em desistir da participação do projeto, mas quando a proposta da reescrita incluía a reescrita da professora, parece que houve um claro interesse em querer reescrever também. Claro que as dificuldades foram inúmeras, uma vez que alguns alunos apresentam dificuldades enormes na ortografia. A presença do professor neste momento tornou-se indispensável para esclarecer as dúvidas que surgiam a cada frase composta por

eles. Houve muitos papéis rasgados e frases apagadas até que o texto de cada um pudesse ser lido. Nem todos quiseram ler. Alguns mais tímidos apenas entregaram para que pudesse ser lido silenciosamente pela professora.

Cada aluno ficou livre para escolher a crônica que quisesse fazer a reescrita. A pesquisadora optou pelo primeiro texto da coletânea *Doutor Funéreo e outros contos de morte*.

A crônica *Dona Paulada*, baseada na crônica *Doutor Funéreo*, de Eduardo Mahon, foi a reescrita da pesquisadora.

Doutor Funéreo

O nome do octogenário era Funéreo. Mais conhecido como Doutor Funéreo. Uma curiosa predisposição para a morte estava tatuada na certidão de batismo. Sob os protestos de familiares, o pai havia registrado a criança com essa marca sinistra. Cresceu assim, apreciando tudo o que se ligava à morte, talvez pelo conforto de unir a preferência ao próprio nome. Não foi surpresa ter se formado e se especializado como médico legista. Contrariando a praxe profissional, trocou o branco pelo negro, vestindo-se de luto. Aposentando-se, inaugurou um serviço funerário completo que oferecia o traslado e maquiagem do defunto, venda de caixões, reservas em cemitérios, escolha de músicas para velórios e jardinagem de covas. O negócio desandou e acabou morrendo. Funéreo dedicou-se a outro infausto passatempo.

Fissurado pela morte em todas as dimensões, lia os obituários dos jornais. Relacionava sobrenomes, datas e escrevia aos periódicos exigindo que incluíssem a causa da morte de cada homenageado. Dono de uma mente lúcida e pródiga de ciência, supunha o câncer fulminante de um, a pancreatite aguda do outro, tudo baseado no cruzamento das idades, textos, e espaço comprado no jornal pela família. Animava-se para o velório ou enterro e, com mais frequência, comparecia às missas de sétimo dia.

Naquele dia, leu o próprio nome como falecido. Não teve medo, no entanto. Soltou um sorriso que economizava há anos e disse de si para si: *será?* Consultou o necrólogo novamente e confirmou: Funéreo de Almeida. Que se soubesse, havia apenas um. Nenhum outro infeliz portaria o funesto homônimo. Nascido no mesmo dia? Impossível! Era ele mesmo. Funérea coincidência. Todavia, para um homem de ciência, coincidência é coisa que não existe. Impressionado, aferiu a pressão na farmácia e a temperatura com um termômetro que guardava no criado-mudo. Acreditou gozar de perfeita saúde, mas, não satisfeito, consultou o cardiologista, o psicólogo e até o dentista. Estava bem. Curiosamente, porém, leu novamente o próprio nome no jornal do dia seguinte. E assim sucessivamente, até se convencer de que havia algo errado.

Tomou um ônibus, seguiu ao necrotério para consultar os registros pessoalmente. De fato, Funéreo de Almeida havia se finado. Ao lado do nome, lia-se em que cemitério estaria enterrado. Anotou na palma da mão a quadra, o bloco e o número do jazigo indicado pelo administrador. Deparou-se com uma gaveta lavrada de

mármore, com o nome impossível de ser confundido: Funéreo. Não se deu por vencido. Com o auxílio do coveiro, invadiu o cemitério à noite e arrombou o túmulo, a fim de colher uma amostra do cabelo do defunto. Mandou a mecha de ambos os Funéreos a um laboratório para solucionar o que parecia uma insólita coincidência. Assim que recebeu o envelope com os resultados, foi direto às conclusões: eram de uma mesma pessoa as madeixas investigadas. Sentiu-se mal. Atacou-lhe a sudorose; sentiu palpitação. Resolveu voltar ao cemitério. Lacrou novamente a gaveta. Dessa vez, com ele dentro. Morreu convicto.

(Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte/Eduardo Mahon, p.11, 2014)

Reescrita da crônica Doutor Funéreo pela Pesquisadora:

Dona Paulada

Paulínia era seu nome. Pelas costas, conhecida por Dona Pau. Vivia reclamando de tudo e de todos. Sempre querendo bater nas pessoas. Razão de seu apelido. Pois se até no nome tinha pau! Fora batizada e registrada Paulínia em homenagem ao pai - Seu Paulo, e a mãe, Dona Virgínia. O pai, esperto que só, tascou-lhe Paulínia!

Nunca se casou e talvez por isso mesmo se tornara uma pessoa amarga, sempre reclamando, sempre falando que todo mundo era malcriado e que, para resolver isso, deveriam levar uma coça de pau.

Seu passatempo favorito, e pelo que se saiba único, era ler as notícias das páginas amarelas - adorava quando a polícia enchia de "pau" algum meliante metido. A morte de um era motivo de comemoração por parte de Dona Pau.

Agora vivia feliz. O motivo, todos da vizinhança sabiam: Bolsonaro elegeu-se presidente e iria acabar com a bandidagem. Bandido seria recebido ou a balas ou a pauladas! Ah! Dona Pau! Que pena estar já com seus 88 anos de vida! Viverá para ver seu sonho realizado: seu ego satisfeito?

Curiosamente Dona Pau nunca fora à escola e não sabia ler nem escrever, mas sempre tinha a tiracolo uma das sobrinhas para pudesse ficar informada das notícias que lhe eram de interesse.

Dias atrás, voltando da igreja, apoiada em sua bengala de pau, ao passar em frente a venda de seu Anastácio, um velho conhecido seu, ouviu pela boca de um dos clientes sobre a história da senhora de 106 anos que morrera a pauladas. Imediatamente sentou-se em uma banqueta de pau e fez com o jovem lhe contasse a história tim-tim por tim-tim. Os olhinhos de Dona Pau brilhavam a cada palavra ouvida! Entre suspiros - não se sabia se de revolta ou de prazer - ela murmurava entre dentes *"De pauladas! Morreu de pauladas!"*

De repente, levantou-se, pegou sua bengala e saiu no seu passinho de tartaruga conversando com seus botões: *"De pauladas! Tá aí! Também quero morrer de pauladas!"*

A crônica A Bolsa, foi a escolhida para ser reescrita pelo aluno 01 com o título de A Mochila.

A Bolsa

Chegava carregando uma bolsa enorme que, de tão grande, era capaz de ser o contrário: a bolsa carregava a franzina dona. Após cumprimentar a todos com gravidade, sentava-se para escutar o que estava sendo tratado. Ao acossar a sede, sacava da bolsa uma pequena garrafa de água, oferecia a todos e tomava; quando a necessidade era a fome, saía dali um sanduíche de pasta de pernil com geleia de uva; ao se tratar de um esquecimento de número de telefone, de lá vinha a agenda pessoal, um verdadeiro oráculo; na falta de luz, contava sempre com uma lanterna; e, quando fazia calor, puxava de dentro um grande leque de cabo de marfim.

Na periódica reunião, todos ficavam se roendo de curiosidade de saber o que tinha na bolsa. De couro, o formato era de um saco longo que, curiosamente, murchava quando se punha de pé e enchia quando estava encostada. Ao sentir a costumeira dor na coluna, certo dia tirou dali uma almofada para se recostar com mais conforto. Numa das intermináveis discussões do seletivo grupo um dia de frio, ficaram todos perplexos quando a mulher remexeu na bolsa e encontrou um casaco de chinchila.

Aquele aposentado professor de Física não botava fé. O incrível começou a pôr reparo; afinal, dois corpos não ocupam o mesmo lugar ao mesmo tempo. Ela objetava o cartesiano raciocínio, dizendo que tudo pode conviver lado a lado, sem a imperiosa necessidade de competir espaço. Riam-se quando havia a comparação da bolsa com o buraco negro. A dona da bolsa dava de ombros e continuava a andar rápido, com passinho curto, a carregar o mistério. De quando em vez, servia os colegas com um telefone, uma caneta, um livro ou vários, tudo devidamente guardado ali.

Na penúltima reunião do ano, pediu licença para ir ao lavabo. Rumou para lá expedita, deixando a bolsa pendurada numa das cadeiras. Morto de curiosidade, um dos presentes espichou os olhos e, discretamente, tentou soltar uma fivela que prendia a boca. Era tão complicado o mecanismo que o intento foi abordado com o regresso dela. Assim, permaneceu o suspense. Ela não se fazia de rogada: gostava de provocar. No tempo em que se discutia a morte da natureza que cedia ao avanço da cidade, remexeu na bolsa e de lá sacou um vasinho com uma planta: tratava-se de um ipê-amarelo. Sorrindo, ofereceu ao líder da reunião para que replantasse na esquina afetada pela derrubada do espécime anterior.

Dali também saía música. Ao procurar qualquer coisa, todos tinham certeza de ouvir acordes de piano ecoando ao fundo. Tentando ignorar o que parecia uma ilusão, prosseguiram o encontro, tamborilando na mesa, porém. Ao saber de uma doença grave, irremediavelmente fatal, a mais antiga do grupo sussurrou no ouvido da amiga: *Me leva contigo*. A outra nem precisou perguntar para ouvir da anciã: *Na bolsa*. Finda a reunião, estando a sós com a serena velhinha, abriu a bolsa para que ela entrasse. Sem ver o fundo, guiando-se pela música, a mulher foi se ajeitando lentamente para, sem esforço, caber toda ela ali, na bolsa da amiga. Até hoje conversam.

(Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte/Eduardo Mahon, p.14, 2014)

Reescrita da Crônica pelo Aluno 01

A Mochila

Todo dia chegava atrasado, cansado, reclamando do peso da mochila. Passava pelo bebedouro, enchia a garrafinha de água e ia para a sala. Entrava sem dar bom dia para ninguém. Já nem ligava quando a professora de português lhe recebia com um irônico *boa tarde para você também!*

Tinha feito a tarefa? Não. Não lembrava. E o livro? Sim, o livro estava na mochila. Por isso era tão pesada. E aí começava: saía livro de geografia, livro de matemática, livro de história, caderno de desenho, estojo, caderno quadriculado. E a professora? A professora em pé ao seu lado, esperando. O livro de português devia estar na mochila. Sim, havia colocado na noite anterior quando terminara de fazer as tarefas. Ou será que não havia sido ontem? Teria sido semana passada? Não. O livro não estava na mochila e a professora não deixou assentar-se com o colega. A professora também não deixou voltar para casa para buscar o livro. E daí? Como farei minhas atividades?

Não sei. Não quero saber. Tenho raiva de quem sabe. Vire-se, dizia a professora! Da próxima vez, enfie-se dentro da mochila e continue em casa! Hum! Era bem isso que tinha vontade de fazer: enfiar-se dentro da mochila e ficar jogando *Clash Royale!*

O aluno 2 optou pela crônica Ninguém morre de véspera:

Ninguém morre de véspera

Era jeca, coitado. Nunca andara de avião. A sudorese eu precedeu o embarque obrigou-o às toalhas debaixo da camisa. Vindo de uma família da roça, avião era coisa diabólica. Não teve jeito, porém. Para concluir os estudos pagos por uma instituição pública, deveria seguir o grupo. De avião - uma maçada. Agenda apertada, não cabia tomar ônibus para apresentar o seminário de Agronomia em terras estrangeiras. Aderiu a contragosto. Começou pelo pé esquerdo. O tabaréu não levou documentos. Enfiou na cabeça que o esquecimento seria um sinal, daqueles que a providência divina discretamente sopra no ouvido dos agraciados. Encasquetou na dura cachola que não deveria viajar. Veio a palpitação, a tremedeira e o previsível destempero intestinal.

Lembrou-se do avô, outro saquarema pacato que mascava fumo-de-rolô ao andar no lombo de burro, de uma vila para outra. O sábio ancião ensinava para o neto *que se o homem tivesse nascido para voar, Deus teria dado asas*. Nessa hora, não se lembrou da reprimenda da avó: *Bobageira, filho: ninguém morre de véspera*. As palavras da infância ressoavam na memória impressionada do novel passageiro, dividida pelo temor do velho e confiança da velha. Os argumentos conflitantes tinham valia equivalente, no juízo do sujeito, mas o próprio cagaço desafiava a fé católica e inclinava as

conclusões pela lógica antiaérea. Para que voar, se havia jegue, carro e navio?

Malgrado o cafezinho oferecido por amigos e água para reidratá-lo do desarranjo, o nervosismo não arrefeceu. A todo aviso de embarque, apoquentava-se pela altura do som, revirava o zangado estômago, enxugava o suor que pingava da testa. Enfim, chegou a hora. Amarelo e trêmulo, seguiu o grupo para o avião, sendo auxiliado pelo comissário preocupado com a palidez em pessoa que se ajeitou na quarta fila, poltrona da janela. O piscar dos comandos, o temor do avião, o barulho da turbina, o fechar dos portões, os mínimos detalhes traziam o sobressalto ao já espantado caboclo. A crise se deu com a inaceitável proibição de mascar fumo-de-rolô, um sedativo natural aos esfrangalhados nervos do passageiro.

Apanhou o terço, um presente da sogra, fechou os olhos e rezou em voz alta. Assustou os demais passageiros. Alguns riam, outros acompanhavam o rosário. Alarmados pela preocupação alheia, houve contaminação de medo. Todos sentados, cintos afivelados, o homem perdeu a vergonha e gritou: *Para tudo que eu quero descer!* Acorreu a tripulação com um copo d'água. Estava o capiau irredutível: *Não quero morrer, me tira daqui, Jesus!* Naturalmente, a decolagem foi cancelada e o avião taxiou de volta. Influenciados pelo que seria uma premonição, os vizinhos de poltrona solidarizaram-se no auxílio para carregá-lo e, já na escada, ainda assim tropeçou, rolou pelos degraus e espatifou-se no chão. Foi de cabeça. Traumatismo certo, nem era preciso ser médico. A caminho do hospital, antes de perder a consciência, concluiu que estava errado o avô, aquele desgraçado frouxo. "*Ninguém morre de véspera*", foi o último pensamento. A avó, viúva há trinta anos, ficou arrasada.

(Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte/Eduardo Mahon, p.137, 2014)

Reescrita da Crônica pelo Aluno 02

E o peru morre de véspera

Todo pomposo, riquinho. Sempre andava de carrão. Viajava de avião. A pele sempre iluminada. Estudante de escola particular. Aluno estudioso? Não. Mas tinha dinheiro. Pagava em dia o boleto da escola. Nunca reprovara.

Terminaria o 9º ano e dali iria seguir para a capital cursar o ensino médio em uma escola mais chique. Só a turma do dinheiro grande é que tinha condições de frequentar o tal colégio, dizia ele.

Resolveu dar uma festa. Uma festa de despedida. Não porque gostava dos colegas. Não porque iria sentir saudades. Não. Era para mostrar que podia dar uma festa. Que tinha dinheiro para isso. Era um tanto "*patricinho*"

Ah! Resolveu convidar a professora de português, pois gostaria de provar-lhe, na prática que sim, que se morre de véspera, contrariando a pobretona da professora que vivia falando que ninguém morre de véspera. Pois bem, convidou-a. E a festa foi no dia 24 de dezembro. E a festa virou ceia de Natal. E na ceia de Natal tinha peru. E o peru morreu na véspera. Na véspera de Natal.

Essas são algumas das amostras das produções dos alunos e encerram esta primeira etapa. A seguir a continuidade das atividades com o desenvolvimento da 2ª etapa.

2ª Etapa: 02 aulas - após a reescrita da crônica chegou o momento da socialização. A leitura aconteceu na Biblioteca e todos os quinze alunos leram suas reescritas para os colegas. Para iniciar a atividade, a pesquisadora leu sua reescrita.

Embora este fosse um momento esperado pelos alunos e pela própria pesquisadora, a princípio houve uma recusa na execução da atividade, que seria realizar a leitura das produções para o coletivo dos alunos. Para quebrar este gelo a pesquisadora optou pela leitura de sua reescrita. Houve algumas risadas por parte dos alunos. Alguns até ousaram citar alguma vizinha dizendo ser idêntica a *Dona Paulada*. Após os comentários, todos leram suas produções. Das quinze produções de reescrita pode-se fazer uma análise de que, infelizmente, os alunos não estão acostumados a uma leitura diferenciada e nem a produzir, mesmo que seja uma reescrita. Muitas frases sem sentido e muitos erros de ortografia. Essa atividade (que será socializada para os demais professores da escola na semana pedagógica de 2019) serviu como um alerta: nossos alunos leem muito mas escrevem pouco! Serve também de norte para as atividades de leitura e produção da pesquisadora que, ao avaliar-se, percebeu que atividades como esta deverão fazer parte de seu cotidiano pedagógico em todas as turmas que ela atua.

3º Módulo: Criação do *Blog* da turma

1ª Etapa: 02 aulas - esta foi a ocasião mais esperada pelos alunos: conhecer/criar um *Blog*, novidade para quase todos eles. Aconteceu no Laboratório de Informática, no contra turno. O primeiro *blog* a ser apresentado, com o auxílio do *data show* e *notebook*, foi o *blog* **mídiasrozi.blogspot.com** de autoria da pesquisadora em questão e, também, outros *blogs* tanto para fins educativos quanto entretenimento. Muitas dúvidas surgiram e foram esclarecidas, mas a criação do *Blog* não foi possível naquele momento já que, devido a um forte temporal, a escola ficou sem energia. Criação do *Blog* transferida para a semana seguinte.

Imagem 12 - Blog da Pesquisadora



mídiasrozi.blogspot.com

2ª Etapa: 03 aulas - finalmente seria a hora do tão sonhado *Blog* se tornar realidade. Horário combinado, todos os alunos se fizeram presentes para a aula que, sendo no contra turno, seria no Laboratório de Informática. Infelizmente, não foi possível, mais uma vez. A causa? Sem Internet. Esse problema era frequente na escola. A situação precária da Internet e o pouco tempo que restava para a execução do projeto, obrigou uma mudança nos planos iniciais e o *Blog* foi criado na casa da pesquisadora, com a presença de apenas três alunos participantes.

3ª Etapa: 02 aulas - e então, com o *Blog* pronto, foi a vez de postar os primeiros textos produzidos. Talvez por timidez, alguns alunos não concordaram em postar seus textos. Alegaram que não estava legal. Essa vontade foi respeitada e apenas quem se sentiu confortável teve seu texto - a reescrita da crônica - postada, mas mesmo assim, com seus nomes resguardados.

Imagem 13 - *Blog da Turma*

<https://rbtozzi.wixsite.com/meusite-1>

Após a criação do *Blog* que recebeu o nome de "*Blog do 9º ano: Lendo e Escrevendo*", chegou a hora de os alunos começarem a produzir suas próprias crônicas. Esta atividade fez parte do 4º módulo: escrevendo crônicas.

4º Módulo: Escrevendo Crônicas

1ª Etapa: 02 aulas - esta foi, sem dúvida, a parte mais difícil do projeto. Após várias leituras sobre os diferentes tipos de crônicas, depois da leitura de várias crônicas e de vários autores, depois de algumas reflexão e discussão em grupo sobre as etapas para se escrever uma crônica, chegou a hora de perceber se os alunos haviam compreendido o objetivo de todo o trabalho que estava sendo feito: escrever sua própria crônica.

Com todos os materiais disponíveis para pesquisa, chegou a hora da escrita da crônica. Em sala de aula, após algumas orientações e dúvidas esclarecidas, os alunos começaram a produzir. Este foi, sem dúvida, o maior desafio do projeto. E é nesta ocasião que o papel do professor torna-se indispensável: aqui ele poderá perceber e auxiliar seu aluno durante a escrita. A ideia aqui era a produção de uma crônica simples, baseada em um fato observado no cotidiano de cada um. Foi difícil! Alguns, a princípio se recusaram a produzir e ficaram apenas observando os

colegas que estavam dedicados a produzir sua própria crônica. Com certeza a reescrita da crônica lida havia sido mais fácil. Foi sugerido que eles tentassem seguir o roteiro "Dicas para produzir uma crônica", que haviam recebido em aulas anteriores. Alguns seguiram, outros não. Ao final de duas aulas, todos haviam conseguido rascunhar sua primeira crônica. Ficou estabelecido que na aula seguinte eles fariam a transcrição da crônica para uma folha de papel almaço pautada e que depois iriam ao Laboratório de Informática digitar a fim de que fosse publicada no *Blog*.

Imagem 14: Digitação das crônicas



Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora

Um segundo momento de produção das crônicas, foi a socialização dos textos. Aqui fiquei muito contente com o resultado. Claro que ainda falta muito para que os alunos tenham o domínio da escrita, de qualquer texto que seja, pois eles apresentam uma defasagem muito grande na questão da alfabetização: muitos erros ortográficos e de concordância, mas o produto final foi considerado, pelos próprios alunos, "bom"! Após a leitura das crônicas, alguns chegaram a sugerir aos colegas que acrescentassem isso ou aquilo em seus textos, ou ainda que mudassem certa palavra por outra. Algumas crônicas foram escolhidas aleatórias para compor este trabalho e cabe ressaltar que elas não foram corrigidas pela pesquisadora. Foram anexadas tal qual o aluno entregou. Houve correção das produções somente no momento em que estas foram digitadas e aí sim, cada aluno teve seu momento em particular para tirar suas dúvidas.

Abaixo algumas das crônicas selecionadas, primeiro digitadas e em seguida uma cópia digitalizada. Segue a denominação proposta desde o início, numerando os alunos ao invés de nomeá-los.

Crônica: Aluno 3:

Aprenda a estudar mais

Eu tenho o sono muito pesado e numa noite dessas percebi que tinha que estudar mais. Levantei com preguiça, mas levantei em silêncio e fui estudar um pouco, até que me bateu aquela fome e é claro que fui à geladeira. Como minha casa as portas fazem um barulho da miséria e fica muito escuro, achei uma lanterna e fui assaltar a geladeira de casa. De repente meu primo aparece e também vai comer um lanche. Após tudo isso foi cada um para o seu quarto e eu como sempre não estudei.

No dia seguinte fui para a escola fazer prova e não sabia de nada porque ao invés de estudar eu comi, dormi e comi novamente e estudar que é bom, nada.

A professora perguntou:

- Quem estudou para a prova?

E como sempre todos responderam que ninguém havia estudado para a bendita prova.

No final do 4º bimestre só deu "negadinha" chorando porque não estudou e reprovou.

Imagem 15 - Texto do aluno 3

Aprenda a estudar mais ♡

Eu tenho se como muito pouco, e numa noite desses pouco que tinha que estudar mais, sentei com preguiça mais deitei em silêncio e fui estudar um pouco, até que me bateu aquela fome e claro fui a geladeira. Como minha casa as portas fazem um barulho da miséria e fica muito escuro, achei uma lanterna e fui consultar a geladeira de casa, de repente meu primo e veio comer um doce também. Após tudo isso fechei a porta para o meu quarto e eu como sempre não estudei.

No dia seguinte fui para ir escola fazer prova e não sabia de nada porque os meus de estudar eu comi, dormi e comi novamente e estudar que é bem nada. A professora perguntou.

- Quem estudou para a prova?

E como sempre todos respondem que ninguém estudou para a bendita prova.

No final do 4º bimestre se deu megaculpa chorando porque não estudou e responder.

Crônica: Aluno 4

A culpa é do arroz

Dia 12, 5:00 horas da manhã. Acordei depressa e pulei da cama, calcei meus chinelos e fui para o fogão, peguei o isqueiro e acendi a boca do fogão onde ficava a panela de arroz, a outra de feijão e a da carne, mas quando olhei direito para a panela de arroz me deparei que não tinha o suficiente para eu colocar na marmita do meu marido, para levar ao serviço.

Estava passando o tempo e eu fui socar o alho, por a panela para esquentar e então lavei o arroz, coloquei na panela com muita

pressa e fui me trocar. Acabei me esquecendo do feijão e da carne, que coisa. O que vou fazer nessa situação se estou atrasada para a escola? O que faço agora? Meu marido já está pronto para o serviço! Meu Deus! O que eu faço? Estou em pânico! Tudo isso é culpa do arroz.

Imagem 16 - Texto do aluno 4

1/8
2018

A culpa é do arroz.

Dia 12, às 5:00 horas da manhã acordei depressa da cama vesti meus chinelos e fui para o fogão, rusquei o esqueiro e assendi a boca do fogão onde ficava a panela de arroz, a eu tra do feijão, e da carne, mas quando olhei direito para a panela de arroz me deparei que não tinha o suficiente para colocar na malmita para o meu marido levar para o serviço, estava passando o tempo e eu fui socar o alho, penhar a panela para esquentar, e então lavei o arroz, coloquei na panela com muita pressa e fui me trocar e acabei me esquecendo do feijão e da carne que coisa, e então o que vou fazer nessa situação se estou atrasada para ir para escola o que faço agora meu marido já está pronto para ir para o serviço e agora

Crônica: Aluno 5

Festa Julina e o acontecimento da carteira desaparecida

Ali estava eu me arrumando para ir à festa Julina do Geny junto com minha irmã quando eu me deparei com a situação minha carteira tinha desaparecido. Saí perguntando para todos da família, foi uma interrogação desesperada, mas ninguém sabia da pobre carteira. Foi aí que eu resolvi ir ver o Espayk na casa dele, mas ele não estava lá, então eu chamei o FBI e eles entraram para revistar a propriedade do cão que só comia e dormia todos os dias mas ele tinha uma ficha criminal no FBI. Quando ninguém estava olhando ele agia rapidamente pegando as coisas que estavam no chão ou em qualquer lugar da casa. O FBI tinha terminado as investigações na casa do cão e acharam vestígios das abas da carteira. Mandei o FBI atrás dele, mas ele estava ali deitado e no momento em que viu o FBI atrás dele, ele correu. Então o declaramos culpado e o seu julgamento foi à prisão na solitária por toda a eternidade. A carteira foi achada aonde ele escondia os seus ossos preferidos, mas algo estava errado. Para minha irmã Espayk era inocente e não culpado da carteira desaparecida. Por isso ela fez sua própria investigação e olhou tudo do começo, meio e fim até achar que Espayk era inocente e foi ali que lembrou e em direção ao quarto de Kaio e bingo, ali estava toda cena do crime desde a faca, a pá e suas mãos cheias de terra. Kaio foi a julgamento e ficou com uma sentença de nunca mas ir jogar bola. Assim antes de o levarem o FBI perguntou por que ele havia feito isso com sua irmã e o cachorro ele não iria falar nada mas Luana sabia o porquê então falou que Karol sempre ia às festas juninas e julinas menos ele e também queria se vingar devido ela ter comido o último pedaço de bolo gelado. Kaio foi esperto, mas como dizem por aí nem um crime é perfeito. Então Kaio ficou em sua detenção e Espayk foi liberto da solitária e, finalmente, caso encerrado e resolvido. Mas Luana grita do quarto que alguém havia roubado os seus brincos de ouro... mas, isso será outro caso para o FBI resolver ...

Imagem 17 - Texto do aluno 5

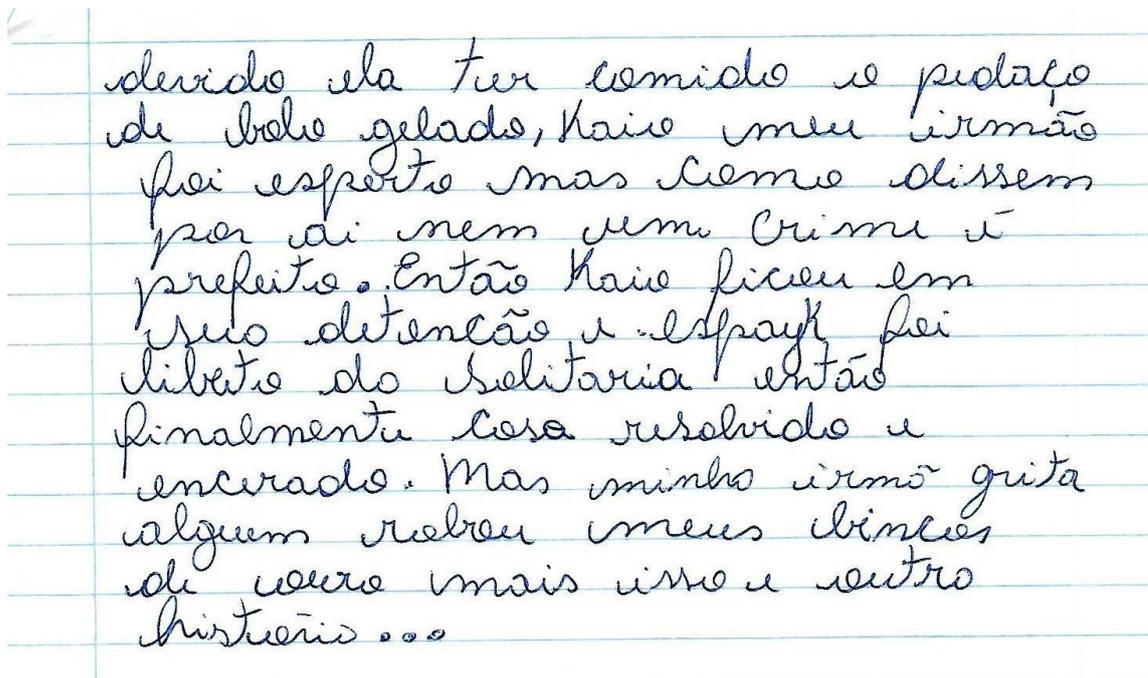
Festa Julina O acontecimento da Carteira desaparecida.

Ali estava eu me arrumando para ir a festa Julina do Geny mas minha irmã quando eu me deparei com a situação minha Carteira tinha desaparecido foi quando eu fui perguntando para todos da família foi uma interseção desesperado mas ninguém sabe do pelo Carteira foi ai que eu resolvi ir vir no espayk na casa dele mas ele não estava lá então eu chamei o FBI e eles entraram para revisar a propriedade do Cão que só comia e dormia todos os dias mas ele tinha uma ficha Criminal no FBI quando ninguém estava olhando ele agia rapidamente pegando as coisas que estavam no chão ou em qualquer lugar do casa, o FBI tinha terminado a investigação na casa do Cão e acharam vestígios das abas do Carteira então mandei o FBI atrás dele mas ele estava ali deitado quando ele viu o FBI ele correu então, declaramos ele culpado

Imagem 18 - Continuação do texto do Aluno 5

o seu julgamento foi a prisão
 no solitária por tudo a eternidade
 a carteira foi achado aonde
 ele escondia os seus bens
 preferidos, mas algo estava
 errado para mimbo irmã o
 spray era inocente pra ele
 então ela fez outra investigação
 alho tudo do começo, meio e
 fim até achar que spray
 era inocente e não o culpado
 do carteiro desaparecido foi ai
 que lembrei que havia estava
 querendo se ringar foi ai
 que ele se dirigiu para o
 quarto dele e logo, ali estava
 tudo a censo do crime de
 a faca a pó e suas mãos
 cheias de terra e ele sempre estava
 vendo tudo ele foi a julgamento
 e ficou com uma prisão de
 menca mas ir fazer bola. Assim
 antes de levarem ele o FBI
 perguntou porque você fez isso
 com sua irmã e o cachorro
 ele não ia falar nada mas
 Titana sabia o porque então falou
 que a Karel sempre ia as festas
 fulinas e fulinas menores ele
 e Também quero se ringar

Imagem 19 - Continuação do texto do Aluno 5



devido ela ter comido o pedaço de bolo gelado, háio meu irmão foi esperto mas sempre disseram por ai nem um crime é prefeito. Então háio ficou em uso detença e spray foi liberto do solitaria então finalmente casa resolvido e encerrado. Mas minha irmã grita alguém roubou meus óculos de corer mais um e outro história...

Entender que a leitura é um dos caminhos para se ter uma boa escrita, que uma dependerá da outra sempre pode ser fácil ao falar para nosso aluno, entretanto, fazê-lo compreender esta ligação, que quanto mais eu leio melhor eu escrevo, não é uma tarefa fácil. Para escrever faz-se necessários argumentos e para que tenha tais argumentos, é preciso ler, mas ler com prazer.

Trabalhar a leitura na escola deve ser uma tarefa diária, pautada em um bom planejamento e ter uma sequência, não pode ser algo solto, para preencher espaços entre uma atividade e outra. Quando o aluno lê e produz um texto o que ele espera é que o professor, após a leitura de sua produção, estabeleça um diálogo sobre a sua escrita e não que ela seja apenas mais um trabalho para se avaliar com notas e, isso ficou muito evidenciado quando, após a produção e a leitura das crônicas, tirava-se um tempo para os comentários, individualmente para uns, no coletivo para outros, sobre as suas produções.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da constatação que nossos alunos urgem de experiências significativas de ensino-aprendizagem da Literatura é que se buscou o desenvolvimento do letramento literário através de atividades diferenciadas. Para promover a leitura de textos e para dar início a este processo, foi escolhido o gênero literário Crônica. Essas leituras, associadas ao uso das tecnologias disponíveis na escola, oportunizaram primeiro a reescrita e segundo, a produção de crônicas. O desenvolvimento do projeto com a aplicação destas atividades diferenciadas nos permitiu apreender algumas considerações sobre a leitura e a escrita de nossos adolescentes, bem como entender o desejo dos pais quando matriculam seus filhos: que eles sejam capazes de ler e escrevem "bem". Este também é o desejo de todos os professores: o domínio das habilidades de leitura e escrita.

E foi em consonância com este "desejo", que após a conclusão do projeto e feitas todas as leituras e análises dos textos produzidos pelos alunos tornou-se claro que ensinar a escrever e ler é parte de nossa competência enquanto educadores. Nossos alunos aprendem aquilo que ensinamos e este aprender dependerá de como os ensinamos.

Sabedores que somos de que é no contexto educacional que se desenvolve a leitura e que esta melhora a qualidade do ensino, devemos entender que o texto ultrapassa o lugar de interação e transforma-se em significação. Quando nosso aluno souber ler um texto e a ele atribuir significados daí sim teremos criado um leitor crítico dentro de suas possibilidades de leituras correspondentes ao seu dia a dia.

Ao propor aos alunos as atividades contidas no projeto, todos os quinze (alunos) se propuseram a participar e realmente assim o fizeram. Mesmo os que, ao responderem o questionário inicial haviam afirmado não gostar de ler, estavam lendo e tecendo comentários sobre suas leituras e sobre as leituras de seus colegas. Foi possível perceber que eles estavam realmente gostando de ler na escola e até mesmo alguns comentários por parte de alguns pais veio a reforçar esta percepção. Entretanto, quando as atividades se voltaram para a escrita houve, a princípio, uma rejeição por pelos menos metade dos alunos. Não queriam escrever alegando que não sabiam fazer "redações". Foi preciso desconstruir essa visão negativa e para

isso o fato de, no momento da reescrita das crônicas a pesquisadora também ter feito a sua, serviu como estímulo aos que não estavam à vontade para escrever.

Se ler é viajar por outros mundos, é possível se afirmar que escrever é a concretização desta viagem, expressando suas impressões e sentimentos. Com este pensamento os alunos externalizaram suas impressões sobre as crônicas através da reescrita e também da ilustração. E somente depois deste processo é que eles partiram para a escrita de uma crônica sua.

Como a intenção deste projeto era de possibilitar aos alunos estratégias de leitura e escrita que os introduzissem aos textos literários, procurei ver nas suas produções apenas a intenção comunicativa; não me preendi aos erros, às falhas, no primeiro momento. Isso fez com que eles ficassem mais tranquilos, mais leves ao produzir. O que importava era o ato comunicativo e não a forma. Somente depois, em particular tivemos um momento para discutir os erros. Infelizmente, devido a vários fatores, não foi possível fazer as considerações sobre os textos que aconteceram em particular.

Quando entendermos que a interação que há entre professores e alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental é parte fundamental também para os demais anos do Ensino Fundamental, poderemos perceber que haverá maior disposição dos alunos nas atividades de leitura e escrita propostas pelos professores. É aqui que o aluno começa a despertar o gosto pela leitura literária e também a escrever suas primeiras produções. Isso acontece e é claramente perceptível até o final do segundo ciclo. O aluno passa para os três últimos anos do ensino fundamental e não quer mais ler, não quer mais escrever. De quem é a culpa? Alguém seria culpado?

Não creio haver culpados. Há toda uma dinâmica interna e externa que acaba prejudicando e dificultando o acesso do aluno ao processo prazeroso de ler e escrever. Entender este processo todo requer mudanças de postura enquanto educador e, a partir das mudanças é que se poderá concretizar um trabalho de letramento literário entre os alunos do Ensino Fundamental.

Entretanto, cabe destaque aqui as dificuldades quando se trata do letramento digital. Apesar de a grande maioria dos jovens seres nativos digitais, isto não é uma realidade entre os alunos que fizeram parte deste projeto. Uma pequena minoria possui celular mas não tem acesso à internet *wifi* em casa e nem na escola. Os encontros mais esperados foram os realizados no Laboratório de Informática, mas a internet nem sempre colaborou. A escola está inserida em uma comunidade pobre e

a política educacional do município não visa as tecnologias digitais nas escolas, não é uma prioridade. Muitas dificuldades acabaram por provocar uma indisposição entre os alunos. Alguns queriam desistir, pois cada vez que era agendado uma aula no laboratório de informática, aparecia um imprevisto. Isso aconteceu várias vezes e por fim o *blog* foi criado na casa da pesquisadora com a presença de alguns alunos. Cobrar uma nova postura do educador requer dar a ele ferramentas para que se possa fazer um trabalho diferenciado. É essa ideia que deverá nortear todo e qualquer projeto político pedagógico da escola se a intenção for a de formar alunos críticos e capazes de compreender o mundo a sua volta.

Foi com esta intenção que este projeto foi desenvolvido e teve como suporte tecnológico a criação de um *Blog*. *Blog* este, que pertencerá aos alunos que estiverem cursando o 9º ano da Escola Municipal Geny Silvério Delarincy. Não será apenas a concretização de um projeto de Mestrado. Será uma estratégia de produção e leitura e que dará abertura a todas as disciplinas e turmas que compõem a escola.

A concretização deste projeto permitirá a inserção dos demais professores no trabalho de letramento literário e será possível observar as mudanças, os bons resultados no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Essas mudanças dependem não só do professor, é toda uma coletividade que precisa despertar: diretores, coordenadores, agentes de limpeza, a família, os alunos, os outros professores, a secretaria de educação, a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos / (equipe de produção Maria aparecida Laginestra, Maria Imaculada Pereira). - São Paulo: Cenpec. (Coleção da Olimpíada, 4 edição, 2014).

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Vó caiu na piscina.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.

BAKTHIN, Mikail. **Estética da criação verbal.** Martins Fontes: SP, 1997.

Barbosa, E; Granado, A. **Weblogs, Diário de Bordo.** Porto, Porto Editora, 2004.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática.** São Paulo: Scipione, 1993.

Brasil: **Parâmetros curriculares Nacionais. Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília. MEC/SEF.1998

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo, Ática, 2003, pp. 88-89

CHIARANI, Marli. **O cotidiano traduzido em arte: poesia, pintura e videopoemas no ensino fundamental** / Marli Chiarani. – Sinop, 2016. 170p. Orientador: Dr. Henrique Roriz Aarestup Alves. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Mato Grosso , *Campus* Universitário de Sinop , Faculdade de Educação e Linguística, Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** – 2. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

CRISTÓVÃO, V.L.L.; NASCIMENTO, E.L. **Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo.** In KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S.(Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino.** 2ª ed. Lucerna: Rio de Janeiro, 2006.

DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: SCHNEUWLY, Bernard;

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Fundação Casa de Rui Barbosa. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau. Por uma outra leitura da leitura.** 2ª ED. São Paulo; Editora Loyola, 1992.

Gomes, M.J. (2005). **Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica**, in António Mendes, Isabel Pereira e Rogério Costa (editores), Actas do VII Simpósio Internacional de Informática □ educativa, Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria, pp.311-315.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I.V. ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6 ed. São Paulo: Ática, 1994.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário.** Porto Alegre. Artmed. 2002.

MAHON, Eduardo. **Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte**/Eduardo Mahon. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2014

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua?** In Em aberto. Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar., 1996.

MEIRELES, Cecília. **Escolha o seu sonho.** 26ª Ed., Rio de Janeiro: Record, 200, (pp. 121-122)

MELLO, Suely Amaral. **A apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo.** In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela (Orgs.). Vygotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Mann, 2006.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**/José Manuel Moran. – 5ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

Orientações Curriculares: **Área de Linguagens: Educação Básica**./Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Cuiabá: SEDUC/MT, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012, 264 p.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Como se faz literatura (recurso eletrônico)**. Affonso Romano de Sant'anna – 1 ed. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim **Os gêneros escolares: Das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. Revista Brasileira de Educação, nº11. 5-17. 1999.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Ateliê de Crônicas e Portfólio**. Leitura (UFAL), v. 42, p.237-249, 2009.

TRIPP, David. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set./dez. 2005

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O nariz e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1994.p.73-74. Coleção para gostar de ler.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. **Comédias para se ler na escola**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

E-Dicionário de Termos Literários, disponível em
<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/cronica/> Acesso em 05/11/2018.

<http://midiasrozi.blogspot.com/> Acesso em 12/11/2018.

<https://www1.folha.uol.com.br>, acesso em 05/11/2018.

Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf acesso em 07/11/2018.

Plataforma Prolivro, disponível <http://plataforma.prolivro.org.br/> acesso em 06/11/2018.

<https://www.facebook.com/eduardo.mahonii>, acesso em 05/10/2017.

www.gazetadopovo.com.br › Na Mira do Leitor › Posts, acesso em 15 de Janeiro de 2019.

APÊNDICES



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PARA OS PAIS

Senhores pais ou responsáveis, seu filho está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa.

Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de os senhores concordarem em que seu filho faça parte do estudo, assine ao final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável. Em caso de recusa, seu filho não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: Multiletramentos: Crônicas - inferências implícitas e possíveis leituras com alunos do 9º do Ensino Fundamental

Responsável pela pesquisa: Rozani Beatriz Tozzi

Endereço e telefone para contato: Rua Ypê Branco, 377, Bairro Residencial dos Ypês, Alta Floresta/MT, fone (66) 98442-4420 / 99205-7378, CEP 78580-000

Equipe de pesquisa: Rozani Beatriz Tozzi

Objetivo geral: Provocar, no aluno, o gosto pela Literatura através do gênero textual Crônica contribuindo para a melhoria de sua prática de leitura e escrita.

Riscos: Poderá ocorrer constrangimentos em relação ao momento das leituras e escritas individuais das crônicas, por parte dos alunos. Como medidas mitigatórias será trabalhado individualmente com estes alunos envolvidos, justificando a importância da participação dos mesmos na execução das atividades. Caso os envolvidos, ainda assim, não se sentirem confortáveis para participar das atividades, estarão livres para se retirar, sem prejuízos para si.

Benefícios: Os benefícios da pesquisa para os estudantes serão quanto ao desenvolvimento de atividades que promovam a construção de conhecimento de leitura e escrita; à Escola Municipal Geny Silvério Delarincy e à Secretaria Municipal de Educação de Alta Floresta que poderão se utilizar dos dados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa para melhorar as práticas pedagógicas em sala de aula.



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: oep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E SCLARECIDO AO ALUNO

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: Multiletramentos: Crônicas - inferências implícitas e possíveis leituras com alunos do 9º do Ensino Fundamental

Responsável pela pesquisa: Rozani Beatriz Tozzi

Endereço e telefone para contato: Rua Ypê Branco, 377, Bairro Residencial dos Ypês, Alta Floresta/MT, fone (66) 98442-4420 / 99205-7378, CEP 78580-000

Equipe de pesquisa: Rozani Beatriz Tozzi

Objetivo geral: Provocar, no aluno, o gosto pela Literatura através do gênero textual Crônica contribuindo para a melhoria de sua prática de leitura e escrita.

Riscos: Poderá ocorrer constrangimentos em relação ao momento das leituras e escritas individuais das crônicas, por parte dos alunos. Como medidas mitigatórias será trabalhado individualmente com estes alunos envolvidos, justificando a importância da participação dos mesmos na execução das atividades. Caso os envolvidos, ainda assim, não se sentirem confortáveis para participar das atividades, estarão livres para se retirar, sem prejuízos para si.

Benefícios: Os benefícios da pesquisa para os estudantes serão quanto ao desenvolvimento de atividades que promovam a construção de conhecimento de leitura e escrita; à Escola Municipal Geny Silvério Delarincy e à Secretaria Municipal de Educação de Alta Floresta que poderão se utilizar dos dados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa para melhorar as práticas pedagógicas em sala de aula.

Ao assinar este termo de consentimento livre esclarecido, entendo que:



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-RETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



- Caso, por qualquer motivo, eu me sinta desconfortável, poderemos utilizar algum outro método alternativo para execução da pesquisa, com a minha permissão;
- A pesquisadora me dará esclarecimentos, antes e durante a execução da pesquisa, acerca das metodologias utilizadas para o desenvolvimento da mesma;
- Reconheço que tenho direito de acessar os registros utilizados nesta pesquisa a qualquer momento que julgar necessário;
- Os resultados desta pesquisa serão apresentados a mim e aos demais alunos participantes, assim que a mesma for concluída;
- Os dados coletados durante a realização da pesquisa poderão ser utilizados para fins científicos, publicações e participações em eventos científicos, sempre respeitando as normas éticas;
- Não serei pago pela minha participação na pesquisa sendo que os ganhos decorrentes da mesma serão no âmbito de minha aprendizagem e experiência de participação;
- Posso descontinuar minha participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem que eu em nada seja prejudicado, e que
- Autorizo a publicação dos meus dados, desde que sejam mantidos os procedimentos de anonimato.

Local e data: _____

Nome: _____

Endereço: _____

RG/ou CPF: _____

Assinatura do aluno: _____

Responsável pela Pesquisa: _____

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS AO INICIAR O PROJETO



PROFLETRAS



UNEMAT - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
 PROFLETRAS - MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - UNIDADE SINOP

Questionário para introdução ao projeto - Letramento Literário: o gênero crônica como suporte para promover experiências significativas de ensino-aprendizagem da Literatura com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental

- 1) Qual sua idade?
- 2) Qual seu sexo:
- 3) Você gosta de ler? () Sim () Não
- 4) Fora as exigências da escola, você costuma ler? () Sim, () Não
- 5) Dos gêneros citados qual é o seu preferido: Fábulas, poesia, notícias, drama, comédia, contos de fadas, crônicas?
- 6) Você sabe o que é uma crônica? () sim () Não
- 7) Você já leu alguma crônica? () Sim () Não
- 8) Você tem celular? () Sim () Não
- 9) Você usa o celular para: () Ler, () Estudar, () Jogar, () Redes Sociais
- 10) Qual a importância das tecnologias na sua vida?

- 11) Você já ouviu falar em Literatura? () Sim, () Não
- 12) Você frequenta a Biblioteca de sua escola? () Sim, () Não
- 13) Você sabe que existem livros e autores que escrevem e produzem Literatura em Mato Grosso?
 () Sim, () Não
- 14) Você já leu algum livro escrito por autores mato-grossenses? () Sim, () Não
- 15) Quantos livros você lê por ano?
 () até 5 livros; () de 6 a 10 livros; () Mais de 10 livros.
- 16) Na sua casa todos sabem ler? () Sim, () Não
- 17) Seus pais ou responsáveis costumam ler livros em casa? () Sim, () Não
- 18) Você acredita que ler em sala de aula é importante para seu desenvolvimento? () Sim, () Não.
- 19) Por quê?

- 20) Cite o nome de seu livro preferido.



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Multiletramentos: Crônicas - inferências implícitas e possíveis leituras com alunos do 9º do Ensino Fundamental

Pesquisador: ROZANI BEATRIZ TOZZI

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 99937017.2.0000.5166

Instituição Proponente: Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.085.460

Apresentação do Projeto:

Este projeto será desenvolvido com 25 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Geny Silvério Delarincy, no município de Alta Floresta. Tem como objetivo despertar o gosto pela literatura e pela produção escrita através do gênero literário Crônica, seguindo os passos da Sequência Básica, de Rildo Cosson. As crônicas que serão trabalhadas com os alunos fazem parte do livro "Doutor Funéreo e outros contos de morte", do autor mato-grossense Eduardo Mahon. A proposta visa intervir na leitura e escrita de crônicas, levando em conta o cotidiano dos alunos, bem como trabalhar a literatura mato-grossense. Os textos produzidos terão como suporte um blog educativo, que será criado pelos próprios alunos e que fará parte do currículo do 9º ano, para que, a cada ano, ele seja sempre alimentado pelos alunos do 9º da escola, sob a coordenação do professor de Língua Portuguesa. O blog será apresentado aos pais e mães e demais alunos da escola em uma socialização de atividades pedagógicas da escola, no final do 1º bimestre de 2018.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Provocar, no aluno, o gosto pela Literatura através do gênero textual Crônica contribuindo para a melhoria de sua prática de leitura e escrita.

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1895

Bairro: Cavalhada II

CEP: 78.200-000

UF: MT

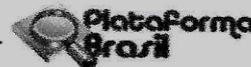
Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 3.0851.460

Objetivo Secundário:

- Criar práticas pedagógicas com o gênero literário Crônica utilizando as TICs;- Relacionar quais são as possíveis informações implícitas e explícitas que os alunos percebem ao ler textos do gênero literário Crônica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Poderá ocorrer constrangimentos em relação ao momento das leituras e escritas individuais das crônicas, por parte dos alunos. Como medidas mitigatórias será trabalhado individualmente com estes alunos envolvidos, justificando a importância da participação dos mesmos na execução das atividades. Caso os envolvidos, ainda assim, não se sentirem confortáveis para participar das atividades, estarão livres para se retirar, sem prejuízos para si. **Benefícios:** Os benefícios da pesquisa para os estudantes serão quanto ao desenvolvimento de atividades que promovam a construção de conhecimento de leitura e escrita; à Escola Municipal Geny Silvério Delarincy e à Secretaria Municipal de Educação de Alta Floresta que poderão se utilizar dos dados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa para melhorar as práticas pedagógicas em sala de aula.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavalhada II

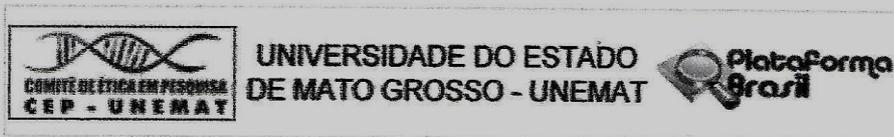
UF: MT

Telefone: (65)3221-0067

CEP: 78.200-000

Município: CACERES

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 3.025.420

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Recurso do Parecer	recurso.pdf	19/11/2018 16:06:55		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Recurso Plataforma.doc	19/11/2018 16:06:46	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
Cronograma	cronograma_atualizado_ok.doc	19/11/2018 16:06:10	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_compromisso_instituicoes_ok.pdf	19/11/2018 16:05:56	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infraestrutura_UNEMAT_ok.doc	19/11/2018 16:04:56	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infraestrutura_escola_ok.pdf	19/11/2018 16:04:04	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1033197.pdf	18/10/2018 22:02:22		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	sequencia_basica.doc	18/10/2018 22:01:40	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_final.doc	18/10/2018 22:01:24	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	18/10/2018 22:00:37	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
Parecer Anterior	oficio_explicativo.pdf	18/10/2018 21:55:53	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_assentimento_aluno.doc	18/10/2018 21:54:59	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	tcie_aluno.doc	18/10/2018 21:42:16	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito

Endereço: Av. Tancreto Neves, 1095
 Bairro: Cavahada II CEP: 78.200-000
 UF: MT Município: CACERES
 Telefone: (65)3221-0057 E-mail: cep@unemat.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 3.085.460

Justificativa de Ausência	tcle_aluno.doc	18/10/2018 21:42:16	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_pais.doc	18/10/2018 21:41:22	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_orientadora.PDF	18/10/2018 21:40:45	ROZANI BEATRIZ TOZZI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CACERES, 14 de Dezembro de 2018

Assinado por:
Luciana Melhorança Moreira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavahada II

UF: MT

Município: CACERES

CEP: 78.200-000

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br

ANEXOS

Algumas crônicas produzidas pelos alunos

Imagem 20 - Texto do Aluno 6

A chave perdida

Estava eu num dia de domingo, curtindo o fim de semana com a minha família e ouvi a minha mãe me chamando para pedes para que eu pudesse ir na minha casa para eu pegar o celular dela. Eu peguei a chave da casa e fui atrás do celular dela.

Chegando em casa e abri a portão e entrei para dentro de casa e peguei o celular, depois eu peguei e saí para fora e tranquei a porta e saí para fora da portão e se tranquei novamente, eu coloquei a argolinha da chave no meu dedo e voltei para a casa da minha tia, chegando lá, eu fui guardar a chave de casa, mas quando percebi, as duas chave não estava mais na argolinha, na hora eu fiquei preocupado, por ter perdido a chave de casa, a minha mãe, ao ficar sabendo ficou muito brava comigo, aí eu fui procurar a chave e não achei, mas daí eu lembrei que eu tinha as outras duas chaves reservas em casa.

Então eu peguei as duas outras chaves e tudo foi resolvido.

Imagem 21 - Texto do Aluno 7

A BICICLETA QUEBRADA

Saindo de casa com minha bicicleta, fui peguei a BICICLETA
 Saindo DE CASA PEDALEI, ANDEI 2 QUARTERÃO QUANDO EU ESTAVA JORN DA
 ESCOLA FOI, A CORRENTE QUEBROU, AI LA EU TENTAR ARRUMAR, A BICICLETA
 E QUANDO EU ESTAVA ARRUMANDO A CORRENTE DA BICICLETA, EU OLHEI
 PARA A MINHA MÃO E QUANDO EU OLHEI PARA ELA CHEIA DE GRAXA,
 MAS EU CONSEGUI ARRUMAR MAS QUANDO EU PULEI ENCIMA DA BICICLETA
 E FUI PEDALAR, QUEBROU DENOVO E JÓ FIQUEI BRAVO JÓ LEVEI
 PARA A MINHA CASA E QUANDO EU CHEGUEI EM CASA, JA FUI LAVAR
 A MÃO, E QUANDO EU PEGUEI O MEU CELULAR JA ERA 6:50 AM AI JA
 ME DESSESREI E JÓ LAVEI A MÃO E VIM PARA A ESCOLA E OINDA
 TIVE QUE TOMAR UMA BRONCA DA DIRETORA, E FUI PARA O AULA!

Imagem 22- Texto do Aluno 8

Esperando a cerveja

Eu sempre acordo seis horas da manhã, espero café sair
 para eu misturar com leite, porque eu não tomo café puro, e
 como minhas coisas e vou para a porta, chegando lá
~~sempre~~ sempre tem um homem sentado na escadaria do bar,
 esperando o bar abrir para tomar uma cerveja, mas eu
 fico pensando, porque ele não chega mais tarde quando o
 bar abre.

Li eu vou para escola, chegando na meio da caminhada, ~~sempre~~
 sempre tem um senhorzinho me cumprimentar, ele conta um
 monte de historias de quando ele era criança, tem dia que eu
 acordo até mais cedo para eu ouvir a historia, um dia eu puxei a
 orelha para ouvir a historia dele, ai no meio da historia chega um
 homem com dez caixas de cervejas, e onde cara era o mes, mo
 cara que estava esperando abrir o bar para comprar a cerveja, e o
 senhorzinho tomou as dez caixinhas de cerveja do senhor e
 não ficou bebido, e fiquei impressionado, porque meu pai
 e beber quatro latimhas de cerveja fica maluco.

Então eu descobri que o senhorzinho mandava o filho dele ir
 lá no bar para comprar cerveja.

Imagem 23 - Texto do Aluno 9

O pé quebrado

Hoje assim quando eu vou à Igreja minha mãe, meu irmão e meu padasto estavam indo para a festa e eu falei com Deus e as anjos da guarda e demorei mais ou menos 1 hora e de repente chega meu padasto dançando o olho e logo atrás minha mãe com o pé quebrado e o resto dançando e o resto e de repente chega meu irmão Bebado me batendo me chutando e me chigando por que ele estava pensando que era eu o cara que botou nas mãos, e eu fui rapidamente pedir para o vizinho levar os dois para o hospital.

Quando eles foram eu passei o maior susto em casa com meu irmão querendo me bater e me matar e teve uma hora que meu irmão partiu pro cima de mim a milha deante era que meu Tio segurou ele e eu corri para fora de casa e de repente chega a minha mãe e meu padasto do Hospital e quando meu irmão viu os dois ele desmaiou e daí em diante eu fiquei por umas 24 horas com medo dele acordar e sim na hora que eu estiver dormindo e me matar. E quando fui no outro dia ele perguntou pra mim que horas que vocês foram para a festa da Igreja ontem eu falei uma hora que vocês estiveram indo para a festa e ele falou, sério eu nem percebi e daqui uma meia hora ele nem me perdeu desculpa e eu falei está perdendo sim e no fim tudo se acabou bem.

Imagem 24 - Texto do Aluno 10

O dia de hoje

Acordo mais uma vez com minha mãe me chamando, acordo com o pensamento de ontem, com um pensamento sobre Pálido pontinho azul de Uab Segan. Penso no que ele diz: "Que nada importa" porque somos um grão de poeira na via lactea. Volto a realidade, vou estovar os dentes, olho para o espelho, hoje ele está limpo, bilhoro, olho para ele mais de perto e vejo um grão de poeira. Somos nós a terra, um quase insignificante pontinho. Meu espelho começa a me puxar para dentro daquele universo, fecho os olhos... quando abro eles, estou flutuando no espaço saindo do sistema solar junto a sonda que será responsável a tirar uma simples foto da terra a milhões de quilômetros. Volto a realidade, tenho que ir para escola.

No caminho lembro o que ele disse: "que nada importa nem mesmo o maior cientista, o melhor artista, Gândi, Aristóteles, etc, nada importa". Nós lutamos a vida toda para ter uma marca na história, mas na realidade nada importa. Porque somos um simples Pálido Pontinho azul.

Imagem 25 - Texto do Aluno 11

É a melhor companhia.
 Minha mãe estava na sala, assistindo tv.
 Minha irmã abriu a porta do quarto, meu
 bobena deu um passo e me disse baixinho
 a distância minha mãe deu uma corridinha
 em direção ao seu quarto para vê-lo.
 - Filha? - gritou minha mãe.
 - O que foi - respondeu naturalmente.
 - O que você está carregando aí
 minha irmã tentando ganhar tempo disse.
 - É? nada...
 - Está ruim. Vi você carregando algo aí
 agora pronto. Está tudo descoberto não odi-
 anto nada - o fato é comente-lo. Você foi a
 sala mostrou a minha mãe o que estava car-
 gando:
 - Olho aí mãe é uma valinha
 - Uma valinha? Onde você arranjou isso?
 - Arrubiu do ol' umu d'eu. +ôô lindinho
 não é mamãe?
 Comentei ela não adiantava: ele só estava
 chamando a valinha de isso, mais ele ainda
 insistiu.
 - Ela deve estar com fome estava sem sua
 mãe.
 - tuato de voltar esse passaro agora mesmo!
 - Ah mãe... - foi com um coro de choros.
 - Tem 5 minutos para voltar esse passaro
 foi disse que não quer mais aqui em

Imagem 26 - Continuação Texto do Aluno 11

logo, tanta coisa para eu fazer e não vou nem
 com esse bicho pro estudo.
 meu irmão tentou chorar chorar, mas não
 sabia loquizar voltou pro quarto emburrado.
 E gente não tem nenhum direito nessa casa
 pensava, ainda faz um estrogo leve. minha melhor
 amiga enfeitada desse feito!
 Meu diabo nesse caso é tudo proibido
 - gritou do quarto e ficou espalhando a
 noção da mãe.
 - 10 minutos - repetiu ela com firmeza.
 - todo mundo tem cochete só eu que não
 tenho.
 - não é todo mundo.
 - Também de hoje em diante eu não estudo
 mais, não faço mais nada.
 - Veremos limitou-se minha mãe.
 - E senhora é ruim mesmo, não tem coração!
 Sua alma sua palma
 conhecia bem a minha mãe sabia que não
 choraria após. ela tinha 10 minutos para brincar
 com sua melhor amiga, e depois no fim de
 10 minutos - a voz da minha mãe.
 - Vamos chega! minha irmã choramingando ainda.
 - Ah mãe maldade! minha melhor amiga não tem
 mais ninguém nessa vida.
 - E eu disse minha mãe? que bobagem é essa,
 não não tem sua mãe?
 - mãe minha velhinha não é a mesma coisa.
 - Deixa de conversar e obedecia sua mãe.
 Ela saiu e vou chorar pro de ninguém, a
 mãe chegou a se preocupar, menino nessa idade,
 uma injustiça praticada e eles perdem o equilíbrio.

Imagem 27 - Continuação Texto do Aluno 11

- Quanto mamãe!
 E acabou-lhe uma nota de 20 e uma de
 30: havia vendido seu melhor amigo por
 30 dinheiros.
 - Percebo ter vendido por 50 dinheiros.

Imagem 28 - Texto do Aluno 12

O desempregado
 todo dia indo para escola tem
 um homem, sentado na
 porta da rua logo fumando
 um cigarro e todo vez que eu
 passo por lá ele está fumando
 e ao vez eu fico, me perguntam
 do o que ele pensa eu acho que
 ele fica pensando em arrumar um
 trabalho ou não o ele, pensa em
 outra coisa e na hora que eu
 volto da escola, ele está deitado
 no sofá a sistindo televisão.

Imagem 29 - Ilustração Aluno 2

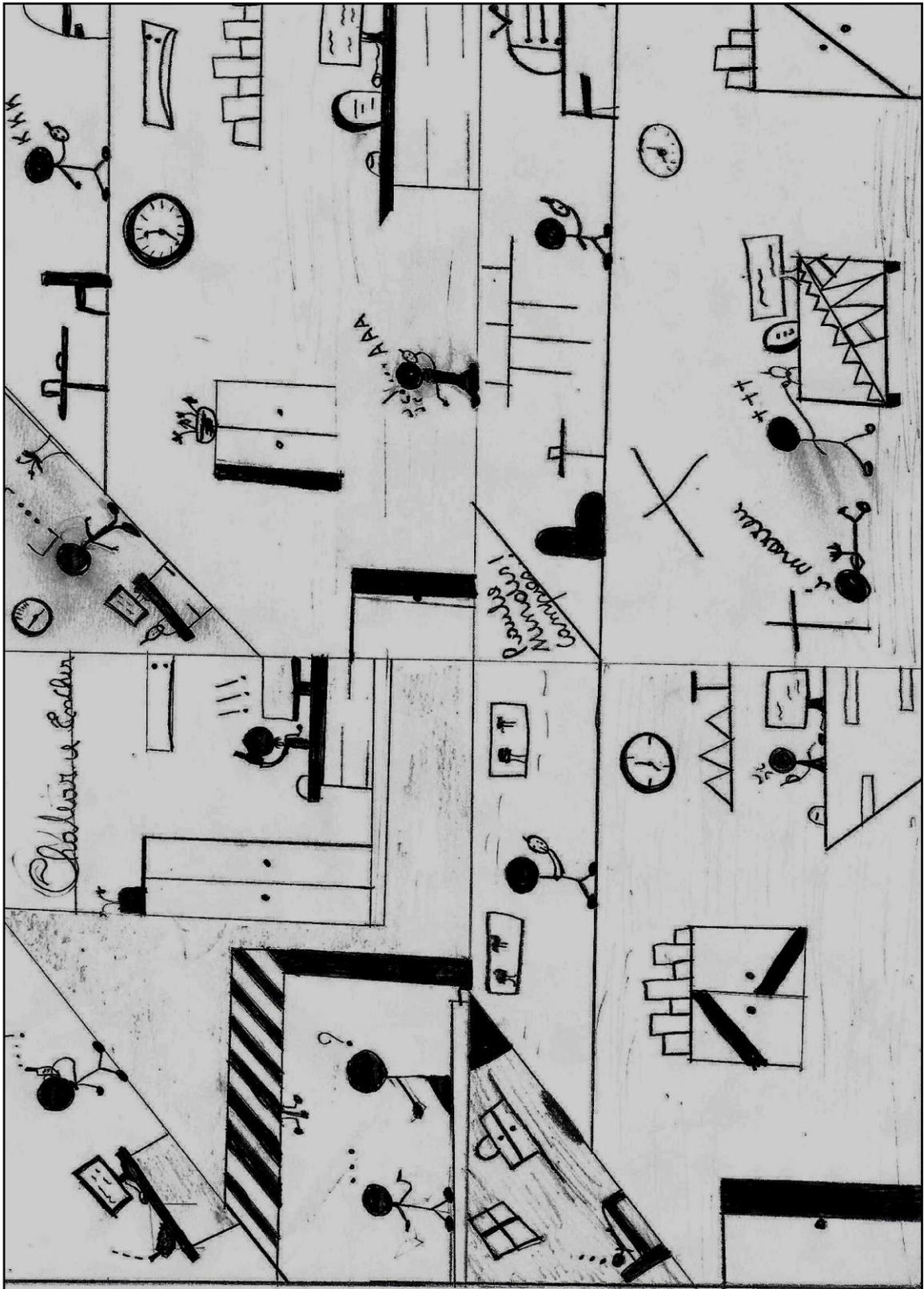


Imagem 30 - Ilustração Aluno 4

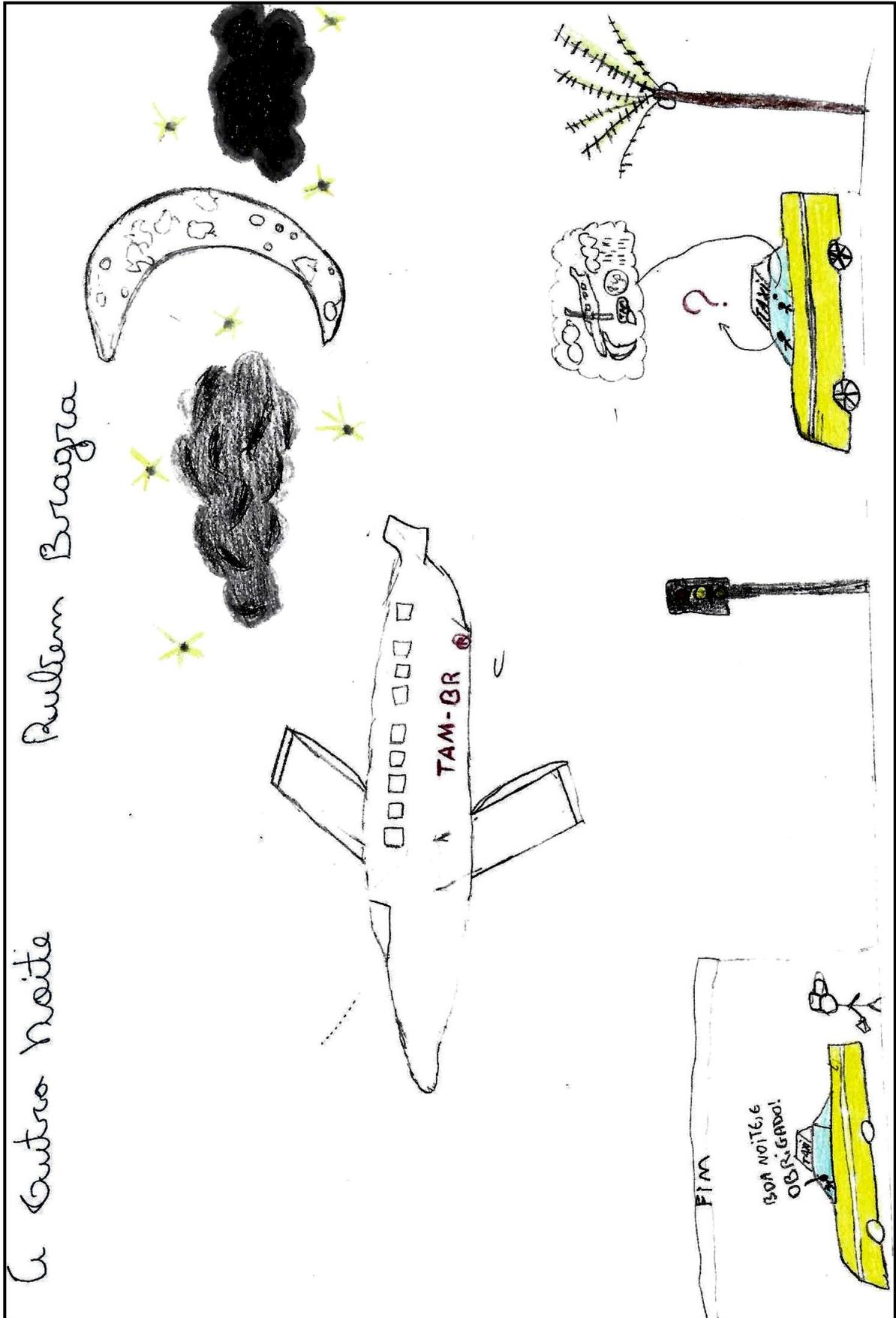


Imagem 31 - Ilustração Aluno 8

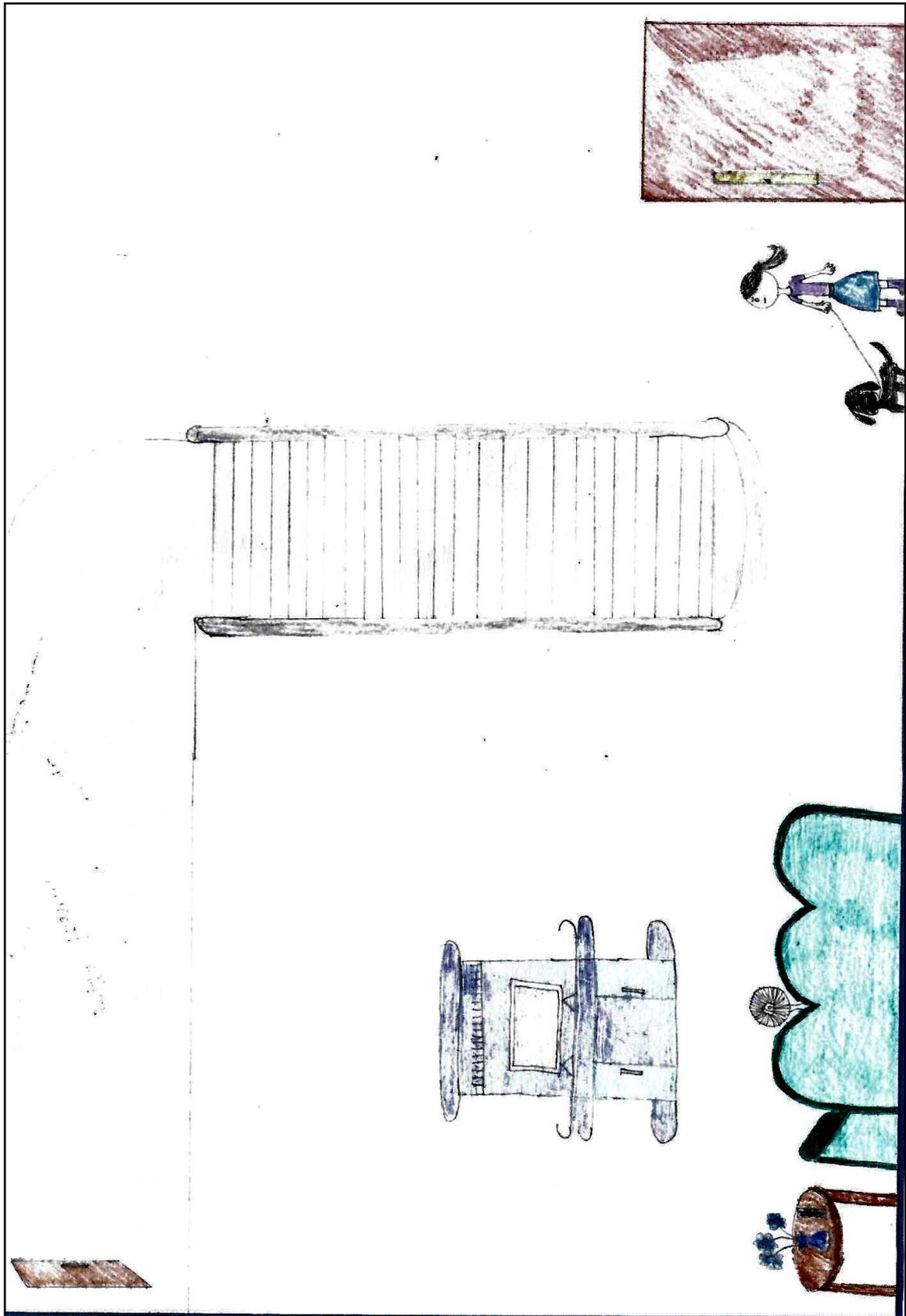


Imagem 32 - Ilustração Aluno 14



